Goiás, Meio Século de Poesia

ANTOLOGIA

Gabriel Nascente

EDITORA KELPS

FLORES DO TEMPO

Aidenor Aires

Gabriel Nascente tem sido uma voz sempre audível na cultura do Centro-Oeste. Poeta de permanente, volumosa e significativa produção, escritor inquieto e sempre entusiasmado com o desafio de novos projetos.

Entre os muitos títulos de sua bibliografia, oferece agora à cultura brasileira este corpus oportuno e verdadeiro da poesia produzida em Goiás nos últimos cinqüenta anos. Trabalho meticuloso de peregrino, reúne amostragem de toda a manifestação poética do Estado de Goiás nas fronteiras do marco cronológico delimitado.

Este trabalho é o mais completo escorço da produção poética de nossa gente. Será de grande utilidade para estudiosos, aficionados da literatura e interessados em conhecer a manifestação que foi capaz de criar esta sociedade interiorana, enquanto mourejava nas atividades materiais da sobrevivência e na abertura de imprescindíveis fronteiras de progresso.

A voz dos poetas aqui reunidos ensina a permanência de valores humanos que o coronelismo, o latifúndio, a mediocridade dos maus costumes da política não conseguiram sepultar. Os poetas trazem nos seus cantos a voz dos injustiçados, a mensagem do amor, dos sonhos e também das lutas por justiça, em tempos escuros ainda doendo na lembrança.

GABRIEL NASCENTE

GABRIEL NASCENTE
CAIXA POSTAL 394
GOIANIA - GOIAS
CEP 74001-970

GOIÁS, MEIO SÉCULO DE POESIA

(ANTOLOGIA)

Este livro pertence à BIBLIOTECA CURURU, um projeto de leitura por "empréstimo". Quando o ler, repasse-o ao primeiro portador. Confira como funciona: www.jornaldepoesia.jor.br - Divulgue esta idéia! soaresfeitosa@uol.com.br

Goiânia, 1997

Copyright © 1997 by Gabriel Nascente

Editora Kelps
ISBN: 86.110
Rua 19 nº 100, Qd. 23, Lt. 4
Setor Marechal Rondon
Fone: (062) 225-8116 - Fax: (062) 224-9774
CEP 74.560-460 - Goiânia - Goiás
Capa: IDENTIDADE
Revisão Final: Luz Helena M. dos Santos
Diagramação: Charles Weston de Oliveira Campos

CIP. Brasil - Catalogação na Fonte
BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL ESCRITOR PIO VARGAS

NAS Nascente, Gabriel
goi Goiás, meio século de poesia / Gabriel
Nascente. - Goiânia : Kelps, 1997
282 p.

1. Antologia goiana 2. Poesia goiana.
I. Título.

CDU: 869.0 (817.3) - 1
869.0 (817.3) - 82

Índice para catálogo sistemático:
Antologia goiana: 869.0 (817.3) -1
Poesia goiana: 869.0 (817.3) - 82

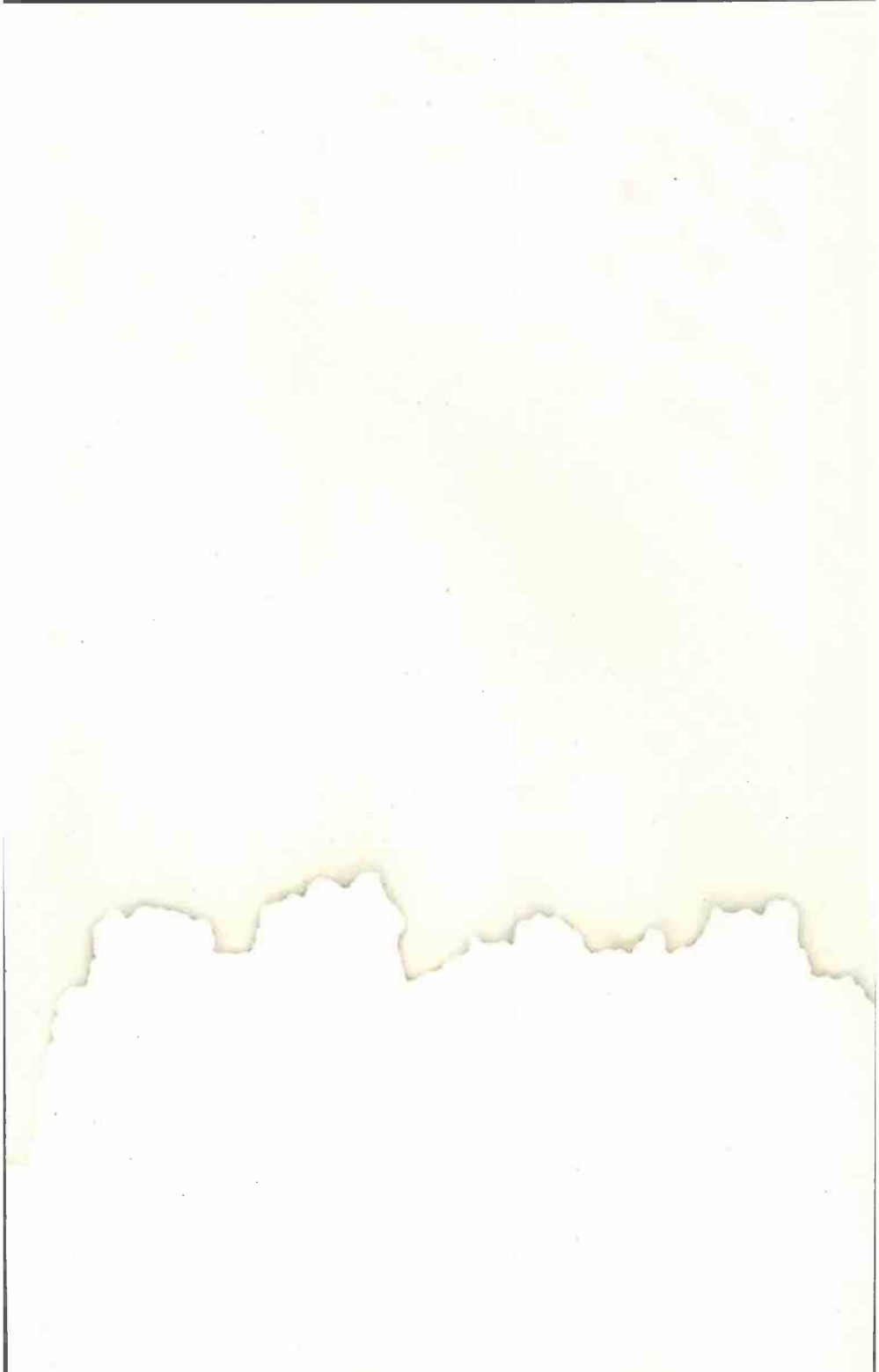
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
1996

AGRADECIMENTOS

Esta obra veio a lume
graçàs a colaboração da *Rádio Terra FM*,
na pessoa do amigo e jornalista Iberê Monteiro.
Outros nomes também me ajudaram a compor a
sinfonia desta lavra: Geraldo Coelho Vaz, Itamar Pires,
Domingos Félix, José Mendonça Teles, Brasigóis Felício,
Antonio Almeida, Antônio José
de Moura, Jacy Siqueira e Linda Monteiro,
presidente da Fundação Cultural Pedro Ludovico.
A eles, minha homenagem.

Oh, trabalho sagrado e magnífico dos poetas! Tu arrancas todas as coisas ao destino, tu dás imortalidade aos povos mortais.

Lucano.



DA MAIS ALTA janela da minha casa
com um lenço branco digo adeus
aos meus versos que partem para a humanidade.

Fernando Pessoa

A palavra é a única coisa que tem vida eterna.

(Do romance *Os filhos da rua Arbat*, de Anatoli Ribakov)

INTRODUÇÃO

O que se pretende com a elaboração desta antologia - **Goiás, meio século de poesia** - é contribuir historicamente com a sobrevivência do canteiro literário goiano, no que concerne às minas da poesia. E, claro, não se trata aqui da demolição ou reconstrução de qualquer mito, mas sim de um novo alvitre em direção aos desafios do tempo.

Quem somos nós para tecer considerações em relação ao cânone poético? Existe cânone em Goiás? A crítica e o tempo o dirão.

Procura-se uma verdade, eis tudo.

Atravessei noites e dias inquieto, durante quase um quinquênio intensivo de leituras. Tanto que me vi obrigado a ler, ler de novo, treler, exaustivas vezes, esta extensa gama de poetas para, a meu modo, perceber em cada um deles, isoladamente, o grau de imaginação intelectiva e profundidade, no instante mesmo em que estiveram possuídos pelo impulso da criação.

Espero que isto, no final das contas, não seja uma prédica. Mesmo porque, para se ter uma idéia de quão penoso é ler ou resenhar um livro ruim, basta lembrar o que disse o poeta americano W. H. Auden: "Faz mal ao caráter". Na Inglaterra, Oscar Wilde bradava: "A arte é inteiramente inútil". Depois, refluiu deste conceito, dizendo: "Toda má poesia é sincera". Entretanto, "quem foge do mau gosto, cai no gelo", observou Neruda, num manifesto contra a poesia pura.

Não se faz aqui nenhum juízo de valor, nem para o bem nem para o mal, ainda que desta vitrine das letras se tenha extraído um pouco de luz de cada poeta.

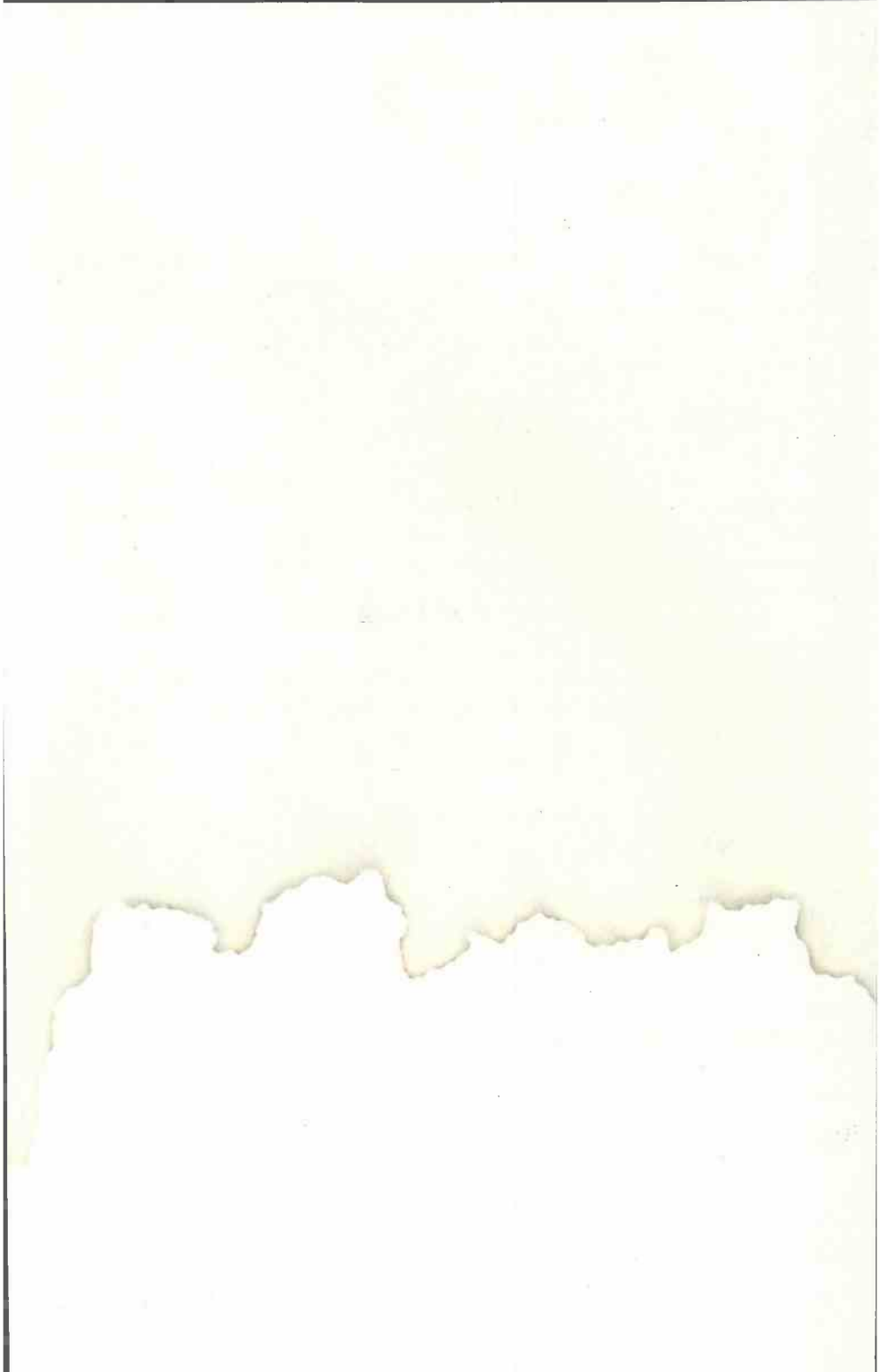
Eles compõem com suas vozes a sinfonia dos deuses. É o que conta. Trouxeram para o corpo da palavra o que era sono debaixo da pele - brilho de cripta, musicalidade, alma e poesia.

Novalis anotou que "a poesia é a religião original da humanidade". E Willian Blake, por sua vez, acreditava que "o mundo da imaginação é o mundo da eternidade". Ambos têm razão, porque transcedem espaço e tempo.

Assim, de Goiás passo aos leitores este elenco de poetas, muitos deles inseridos no que há de melhor na poesia brasileira deste século.

Fevereiro de 1997.

O Autor



OS FILHOS DO AMANHECER

Gabriel Nascente

I

Que diferença há entre um poeta solto e um louco na corrente? E loucura maior não seria permanecer atado diante de tanta hipocrisia, sobre o palco da vida, no triste entardecer deste século? Então o remédio não seria nos ancorar, desesperadamente, neste louco arquipélogo de palavras?

A palavra é sem morte, respira, é ar que não desvanece. E o poema, silencioso grito das críptas do inconsciente, é emoção que vem de dentro da luz; às vezes bárbaro, às vezes cantante. O poema nos separa dos barulhos do mundo apenas por um delgado fio de paixão. E é exatamente neste fio que estão as dimensões do fluir. O poema emerge das forças do aflato divinal; e se obsessivo, frugal, demoníaco, não interessa. Interessa sim: o clarão de vida que respira dentro dele. Se tem a ternura de um vulcão ou a violência de uma flor, também não interessa. Interessa o fazer, o criar, o fogo e a volúpia. E neste particular, o poeta é um possuído, disse Platão. "Seu delírio e entusiasmo são sinais da possessão demoníaca. No Ion, Sócrates define o poeta como um ser alado, leve e sagrado, incapaz de produzir quando o entusiasmo não o arrasta e o faz sair de si... Não são os poetas que dizem coisas tão maravilhosas, mas os emissários da divindade que nos falam por sua boca. Aristóteles, por sua vez, concebe a criação poética como imitação da natureza".

Os poetas são seres que morrem por causa de uma só vírgula, filhos do caos e da descrença; mas também ourives do artesão estético, operários da estesia, de cujos alforjes emana a música das palavras. Sim: eles estão no dorso dos cavalos de ferro do apocalipse desta virada de milênio. Porque para eles, joalheiros do sonho, o homem sempre foi a medida de todas as coisas, do ser das que são e do ser das que não são, eixo e flecha de toda a evolução cósmica: impúberes porém para triunfar-se no apogeu da felicidade. Tanto que, paradoxalmente, o homem das perplexidades deste fim de século, tem tempo para tudo, menos para ser feliz.

O ter é a prisão do mundo, eis a questão.

II

Essa insuportável raça de poetas não pode ser extinta, porque a eles está entregue a penosa tarefa de desvendar "a constelação da pureza que brilha na face desconhecida das noites". Símbolos ou não da eternidade - filhos da "luz sinfônica", os poetas trazem de volta o perfil da infância e o apagar incessante da vida, "os gestos de fervor, os impulsos do coração", o fôlego das árvores, o vagido dos ventos, a viagem dos rios, o esplendor das águas, o olor das orquídeas, a núpcia dos deuses, o medo, a liberdade, o começo e o nada. E através deles, cujo arsenal é a voz da inspiração, visitamos os subterrâneos da alma, os abismos da flor, as cimbas originais do sonho, os destroços do reino perdido, as sombras da "órbita precária", porque o infinito começa quando o poema chega. Aí, as engrenagens do intelecto saem de cena, e entram então os impulsos miraculosos da força cognitiva, aquilo que Dante chamava de "mistério sobrenatural"; uma "catástrofe", para Nerval. Explosão da alma.

As vibrações da "luz sinfônica" são os ditames emocionais da criação. E emoção não é pedra. A pedra é o túmulo do ar, não diz nada, é deserta, mas pode ser o gesto petrificado de uma estrela.

Essas questões, no terreno dos enigmas, (subjetivas) se armam contra o culto do ócio e da insignificância da vida. Porque o tudo e o nada estão, antagônicamente, no coração da matéria.

Os ritos impostos à exaustiva tarefa de organizar a presente coletânea (soma dos melhores momentos da poesia goiana que floresceu ao longo dessas últimas cinco décadas) foram por si só árduos, mesmo porque ainda navegamos nas águas do aprendizado e, com certeza, não seremos nós os anunciadores do Juízo Final.

III

A beleza dos diamantes pode ser lapidada pelos homens. Mas elucidar os segredos do seu brilho é missão dos deuses, e isto nos escapa dos limites do intelecto. Quem faz gerar o lodo sobre a pedra é o tempo. Somente a ele compete "joeirar tudo".

A empreita nos obrigou a ir fundo, vigilante, atento, de lanterna em punho; lendo, relendo, e lendo de novo, para se chegar ao substrato cristalizado pelo fenômeno poético que, segundo Eliot, "não é um perder-se na emoção, mas um escapar da emoção".

Poetas maiores, menores ou não, aqui se juntam para comprovar que o "poema deve ser uma festa do intelecto" (Paul Valéry); "o ponto de intersecção entre o poder divino e a liberdade humana; caracol onde ressoa a música do mundo" (Octavio Paz). O louvor de estar vivo no ato da criação, carga de beleza que vem da eternidade de cada instante, luz girando em volta do coração, soluços do carnal-metafísico, - o poema. E depois é linguagem que refulge, inebria, fala, é verbo, canta, solitário e obsessivo, para evitar que a vida se dilua no malogrado terreno das ilusões perdidas.

Sonhar é o culto número um dos poetas. E aqui estão eles, eternos guardiões da palavra; alguns de vôos mais altos, oceânicos; outros, titubeantes, mais tímidos, e até outros mais ligados à escola da maldição baudelairiana, terríveis adeptos das doutrinas demonológicas, noivos da morte, macambúzios e kafkeanos, líricos, eróticos, engajados, rapsodos arautos do sol, exorcizando ou louvando as ilhas do êxtase; seres garfados pela estúpida falta de sentido, e portanto flutuantes, de "riso desenfreado ou íntima melancolia".

Fruto de inumeráveis renúncias, (recusamos primeiramente a política do grupismo, do assédio, do apadrinhamento) - para depois, e isentos, descobrir, em meio à grande e ascendente gama de poetas, a inspiração, o talento, a força e o atributo daqueles que trocam a vida por uma simples viagem aos subterrâneos do sonho em busca do barco ébrio de Rimbaud, dos olhos sem pálpebras de Rilke.

Os poetas são seres atirados aos redemoinhos da vida, e trabalham com o mais precioso de todos os instrumentos da linguagem humana - a sensibilidade.

A poesia nos separa da loucura apenas por um fio de cabelo, conforme conjecturava Platão. E, se somos feitos das mesmas substâncias de que são feitos os sonhos, conforme concebe o bardo de Stratford on-Avon, então não é possível, em toda a história do planeta, a existência de um só homem que não tenha sonhado. Aliás, muito já se disse, o homem morre antes porque deixa de sonhar.

O sonho é matéria que os mantêm etéreos entre a vida e a morte. A voz dos deuses fala pela voz dos poetas, e, ambos, com estúpida "rapidez napoleônica", reconstroem novos reinos.

IV

***Goiás, meio século de poesia** não é propriamente um arrastão de poetas para ataviar desprovidas prateleiras literárias, mas sim a resul-*

A. G. RAMOS JUBÉ (Antônio Geraldo Ramos Jubé) é da cidade de Goiás, onde nasceu a 29 de janeiro de 1927. Bacharel em Direito e em Letras Neolatinas, pela antiga Faculdade de Direito da Rua 20 UFG, e pela Universidade de Goiás. Integrante do grupo "Os XV". Colaborou no *Jornal Oió*. Obras publicadas: *Duas elegias*, de 1948; *Cantigas do meu amor*, 1950; *Últimos poemas*, 1950; *Iara*, 1954; *Síntese da história literária de Goiás*, 1978; *Lira vilaboense*, 1984; *Flauta andarilha e outros poemas*, 1984. Membro da Academia Goiana de Letras, cadeira 40.

IX SONETO DE "VILA BOA"

Uma rã solitária bate fundo
nalgum lugar esconso à beira d'água.
Travamos um diálogo de mágoa
e me sinto perder um fim de mundo.

É tua voz que escuto e me confundo
(a minha própria enrouquecida trago-a).
É a saudade que canta dentro d'água,
neste rio cansado e gemebundo.

E quanto mais profunda a noite entorne
dentro de nós o seu silêncio enorme,
tanto mais vou sentindo esta canseira.

Nós temos, Vila Boa, um só destino.
E onde está, aonde foi certo menino?
(Soletra um verso de Manuel Bandeira.)

(Lira vilaboense, 1984).

Pertencente à Biblioteca Cururu
Não Venda, Nem Guarde! Circule-o!
Www.jornaldepoesia.jor.br

TOADA

Faca no ventre
borco na estrada
— cavalo baio.
Sangue fluindo
pela ferida
— Quem sente a vida
faca cravada?
(Cavalo baio).

Rosa no ventre
sangra gelada
(cavalo baio).
Ferida abrindo
seus bordos de água.
— Como anda a vida
apunhalada?
Cavalo baio.

Dor intestina
de fina adaga.
— Cavalo baio.
Quanto se move
tanto traspassa.
Se sente a vida
fluir na lâmina
(cavalo baio).

(Flauta andarilha, 1984).

— / / —

ADAGLION AIRES DE ANDRADE nasceu em Goiânia, a 14 de dezembro de 1973. Acadêmico de Direito na UCG. Autor do livro *Andaimes*, edição arte xerox, pela Divagar e Sempre. E de *Plumas e porradas*, ao lado dos poetas Ivair Lima e Edmar Guimarães. Participa de antologia e é vencedor de alguns prêmios literários.

INSPIRAÇÃO

Trabalho fiando
meu casulo.
Fio por fio amando.

Insuflo essas linhas
que, às vezes, costuram
a boca das palavras.

Outras vezes, lepidópteros
- metamorfoseados de idéias -
filhos do vento,
desenrolam esse carretel
deixando nus os desejos.

Liberdade das
proparoxítonas.
Liberdade: extra-muro?

Nessas linhas que me
agarram com a pena
na folha, e a folha que
voa comigo. Digo,
consigo: inspiração.

Talvez um nó
prenda um pedaço
do meu coração.

Talvez tudo que o nó
prenda, é um todo
de um ficção.

(Plumas e porradas, págs. 13 e 14, 1995)

SEM TÍTULO

Eu já lutei
pra deixar de
ser o que sou

Eu já lutei
pra deixar de
sentir o sabor
da poesia

Eu já lutei
pra não dizer
coisas pra você
E
Eu já lutei
pra não ser poeta

Mas ser poeta
é a minha sina

Ser poeta me
assassina

(Plumas e porradas, págs. 29 e 30, 1995).

— / / —

AFONSO FÉLIX DE SOUSA é de Jaraguá, Goiás, onde nasceu a 5 de julho de 1925. Possui mais de duas dezenas de livros publicados, entre poesia, prosa, teatro e traduções. Ex-funcionário do Banco do Brasil, já morou no Oriente Médio, Europa e Estados Unidos. Verteu para o nosso idioma obras de John Donne, François Villon e Federico Garcia Lorca. Recebeu importantes prêmios literários e figura em diversas antologias, até no estrangeiro.

À BEIRA DE TEU CORPO

(Fragmento)

8

A taça de amargura que em gotas vou bebendo,
quanto mais dela bebo mais ela enche e transborda.
E enquanto, com caretas de dor, eu vou bebendo-a,
não peço, nem posso pedir ao Pai que a afaste
de mim e assim me poupe, pois o que veio enchê-la
já se cumpriu, foi vontade do Pai, agora é tarde.
É tarde, Pai, e força é, aceitar Vossa vontade
e aceitando-a louvar-Vos. Mas como hei de louvar-Vos
se minha alma foi tomada por súbita impotência
e meu peito e língua, ó Pai, estão petrificados?
O que enche a taça é mais que as dimensões de minha alma,
e tenho que bebê-la até o fim, até a última gota,
sabendo embora que a taça, imensa, não tem fundo
e que por mais que beba jamais verei a última gota.

(À beira de teu corpo, pág. 23; 1990)

RENASCIMENTO

A poesia nasce pura.
O momento é de renúncias
e o pensamento se perde
na presença profunda das coisas.

Se eu pudesse cantar, cantaria.
Há um perfume no mundo, e de manhã.
Nascem da infância os pássaros
que cantam em minha lembrança.
Límpidas são as nuvens,
a palpitação nos ventres, a rua, os desejos de amar.
Em tudo a pureza
de animais que dormem no regaço da aurora.
A natureza declama
o meu primeiro poema.

Estrelas passeiam
na música universal
que penetra todas as almas.
As sombras dos homens
se entrelaçam nas ruas.
São retratos de velhos irmãos.

(Pretérito imperfeito, pág. 32; 1976)

AUTO-RETRATO

A maneira de andar
como quem busca
estrelas pelo chão.

A cabeça a dar contra os muros.
Em cada olho, o mundo como um punhal!
— cravado.

O pensamento a abrir estradas
numa várgea distante.
Os ângulos do sonho formando orlas
povoadas de fêmeas
que a meu encontro viriam
do outro lado, em lânguidas posturas.
Diante do mar, a sede, a sede;
de beber a vida em infinita viagem.
As garras de gato ante paredes impostas.
A impaciência de que chegue a manhã e a praia,
a tarde e o amor.
A maneira de andar
como a fugir dos homens
— e tê-los contra o peito.

O pensamento a atirar pedras
contra as vidraças
que guardam os produtores frios
de injustiças.

O coração que bate
ao som de fábulas.
Que bate
contra rochedos mortos numa praia de cinza
onde palpita o primeiro amor.

O coração eterno.
O amor eterno
que bate.

A alegria! A alegria!
Íntima, espantada de si mesma, gloriosa
como palmas a se abrirem aos quatro ventos,
a alegria de sentir-me vivo, a alegria
de bicho do mato, criança, dominada,
eterna.

Ser eu.

(Memorial do errante, págs. 11, 12; 1956)

— / / —

AIDENOR AIRES é de Riachão das Neves, Bahia, onde nasceu a 30 de maio de 1946. Menino ainda transferiu-se para Goiânia. É formado em Letras Vernáculas e Direito pela Universidade Católica de Goiás. É membro do Ministério Público. Possui uma dezena de livros publicados, todos de poesia. Tem ainda trabalhos em prosa esparsos em jornais e revistas de diversas partes do país. Detentor de inúmeras premiações literárias, inclusive de âmbito nacional. Participa de antologias.

PRESENÇA

Ter que ficar aqui
no meio da rua testemunhando a vida
quando todas as ruas estão mortas.

Vir para o meio do mundo
e dizer do alto das escadas
que a poesia é triste
e que a vida é feita só de estradas.

Vir para o meio do mundo
quando já não cabe no mundo
a chave da sua porta.

(Na estação das aves, pág. 40, 1973)

REFLEXÃO

Aprendi a caminhar o meu silêncio
e escutar atentamente o silêncio dos homens.

Aprendi a caminhar o meu silêncio
e ouvir atentamente o sonho dos meninos.
E lá no fundo do silêncio enorme
a dor humana geme como um sino.

(Itinerário da aflição, pág 40, 1973)

CHEGUEI COM A CABEÇA PENDIDA

Cheguei com a cabeça pendida.
Flor decepada do mundo.
Cintilância do aprendizado para o abismo.
Orfeu irregressado, trouxe ainda
sob as axilas cansadas
o fardo do poema.
Aos deuses argo a minha libação.
Aos deuses que me fizeram rouxinol,
subtraio-me disperso
e devolvo a canção que se volta de minha carne,
das aras em cinzas,
e já ninguém comove.
Devolvo a todo o belo

o que veloz em mim brilhou
sem pressa
do sonho de cantar a ser completo.

(Aprendiz do desencanto, 1982)

— / / —

ALDAIR DA SILVEIRA AIRES é de Catalão, Goiás, onde nasceu em 19 de janeiro de 1942. Licenciado em Letras Vernáculas pela UFG. Foi o primeiro presidente do Grupo de Escritores Novos - GEN. Participa de diversas antologias e, em 1997, conquistou o prêmio da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, com o livro de poemas *Nós de nós em nós*. É professor universitário.

O (BAR) CO

Este bar me abarca
E neste barco
Navego as ilusões
Que nunca se aportam
Pois não há porto
Nem porta
Nesse desabar
De desamor

(Poemas do Gen/30 anos, pág. 75, 1994)

O GRANDE ÓPIO

Na busca do
ópio descobri a
orla da poesia,
e ando a gerundiar
versos no reverso.

E meu mini universo
vence a serra azul

— / / —

ALMÁQUIO BASTOS (Filho) é de Ivolândia, Goiás, onde nasceu em 28 de fevereiro de 1959. Fez curso de Saneamento na Escola Técnica Federal de Goiás e é Técnico em Análises Clínicas. Premiado, escreveu três livros de poemas: *Vida abundante*, 1987; *Abissal absurdo*, 1990; e *Ciclo do nada*, Ed. Pirineus, 1996. Figura em antologias de âmbito nacional.

Declaro-me aberto
à visitação pública.
Dentro e fora do verso
estou nu:
medo e músculos
expostos.
Mais que cálcio,
meus ossos possuem angústias
acumuladas
na contramão dos dias.

(Ciclo do nada, 1996)

AUTO-RETRATO

Sobra de mim mesmo,
assombra-me
perceber a ignorância do ser.

Para espanto de espelho,
súbito quebro algemas
e declaro alforria
de mim mesmo.

Escravo da liberdade,
não me libertei
de ser vento,
luz,
sonho.

Amigo de duendes,
sempre soube seduzir
objetos
e construir escombros,
insônias, delírios.

Não temo o vôo
de minha metade alada,
nem o estigma de ser raiz,
cravado ao chão de mim mesmo.

A proesa de sobrevoar
telhados de amianto e tédio
não me consome a fome
de ser homem,
de ser lume,
de ser livre.

Nunca me couberam
os porões do mundo
e os modos primitivos
de esculpir estrelas.

Insano, sou acima de tudo
enigma. Desconheço
meu rosto no espelho dos dias.

(Ciclo do nada, págs. 21 e 22, 1996)

CACOS DO DESCASO
(panfleto anarquista)

Arrisco tecer um poema
InCeNdiáRiO, mas,
quando muito, faísco.
Anarquista, sou a favor do ato de apalpar
e enxergar com as mãos a lisura das coisas.
Gosto de gritar em praça pública,

queimar bandeiras burra,
cuspir no palanque dos figurões.

Este semblante perdido,
este ócio na ante-sala do desejo,
esta fagulha e este quase abraço
não satisfazem a tesão.
Chega de teorias e teoremas.
Basta de alegorias e estratagemas.
Fora com os projetos de riso fácil,
cestas básicas e mutirões
movidos a holofotes.

(Ciclo do nada, págs. 23 e 24, 1996)

— / / —

ANTÔNIO JOSÉ DE MOURA é de Mambaí, Goiás, onde nasceu a 30 de julho de 1944. Jornalista e advogado. Publicou dois livros de poemas: *Quilômetro um*, Goiânia, 1965; e *Porta sem chave*, Goiânia, 1970. E, na ficção, escreveu *Notícias da terra*, contos, São Paulo, 1978; *Dias de fogo*, romance, São Paulo, 1983 - em 4ª edição, e *Sete léguas de paraíso*, romance, Rio de Janeiro, 1989. Obteve várias premiações de destaque, dentre elas o Prêmio "Status de Literatura Latino-Americana/ 1982". E, recentemente, publicou pela Marco Zero de São Paulo, o romance *Umbra*, sucesso de crítica nacional.

PROFISSÃO DE FÉ

Proclamaremos a vida e a poesia,
mas sobretudo a poesia transferida
de seu Quartel General de Paris
para o cortiço onde mora Zé do Morro
com seus treze meninos barrigudos,
sua gíria malandra
e sua habilidade de sambista.

Proclamaremos o poema que correu
da torre de marfim onde se achava
para a vida de Vitorino-Papa-Rabo.

Proclamaremos o confisco da poesia:
que ela seja do bonde e do pedestre,
do agricultor, do engraxate, do sambista,
de todos os que sabem a marquise,
o horário, o tráfego, o rosto suarento
no trabalho pesado ou no teclado
que as mãos das águas batem pros marujos
e para as lavadeiras cor de pedra.

Proclamaremos a vida e a poesia
no amor, na paz, na sedição.

(Quilômetro um, pág. 15; 1965)

CONFLITO

O INSTINTO MAU:

"Vamos beber esta noite
conhaque e brahma gelada,
pra andarmos solenemente
pisando em nuvens,
piscando estrelas
e procurando a poesia que se escondeu no lixo.

Vamos voar extáticos
como passarinhos embalsamados
à espera do milagre impossível
da ressurreição.
Vamos compor versos estrábicos
sobre tiranos e tiranias
e versejar automaticamente
em arábicos e romanos
a infinidade numérica das Marias.

Vamos mentir descaradamente:
— Dormi na Europa
um sono francês
com uma francesa;
- hoje cheguei de Paris
poliglotamente viajado;
- ajudei meu pai comprar um transatlântico
carregadinho de poesia e de outras drogas
para ofertar À Rainha da Inglaterra;
- sabe, eu fiquei noivo de Jane Mansfield.
E como é boa
e como é quente
e depravada
a Jane Mansfield!

Vamos ser ébrios apolíticos,
freqüentadores do café-society;
sobretudo, vamos discutir abertamente
pra todo mundo saber que entendemos artes plásticas
e ficção;
vamos colocar diademas
na cabeça loura dos poemas;
vamos vestir um biquíni
(o monoquini que está dando o que falar)
no corpo fluídico da poesia
para que o nosso nome em letras garrafais
saia no suplemento literário dos jornais.

Vamos rir dois quilômetros de riso
colgatemente perfumado,
ignorando se pagamos royalties
ao capital estrangeiro
para mostrar nossos dentes mordedores
brancos, broncos, brancos.

Vamos beber esta noite
conhaque e brahma gelada,
vamos?"

E A CONSCIÊNCIA
absoluta, responde,
tomando em suas mãos
a minha mão posta nela:
"Deixa disso, é impossível!"

(Quilômetro um, págs. 30,31; 1965)

PEDAGOGIA DA COMPOSIÇÃO

"Saio de meu poema
como quem lava as mãos"
(Psicologia da Composição, João Cabral de Melo Neto)

Saio de meu poema como quem sai do coito.
A engrenagem do tempo me remói.
Para existir topada é preciso que haja toco,
filosofa o povo que não estuda Marx.

Se andar de ônibus, vou xingar o ônibus
e a empresa que consome calorias.
Mas se compro carro não enfrento fila,
e penso nos senhores do petróleo.

§. O papel na máquina
abre suas covas
para um verso novo:
se escrevo POVO,
é demagogia.
Se recolho a lua
e a transformo em prata,
é alienação
(ou será poesia?)

§. O poema sai
comigo de ônibus;
o poema vai
com o senhor, de carro.

O poema cai
como fruto podre
sobre o corpo podre
sobre a terra roxa.

§. O poema sai
da esfregação
do homem no dia:
é suor que brota
dos poros da mente;
é fogueira acesa,
ai São João do peito!

§. O poema surge
da necessidade.
Da perversidade,
o poema insurge;
do sofá na sala,
do copo de uísque,
da cachaça branca,
do medo do Joza,
dos peitinhos dela
o poema escorre
como leite fino.

§. Pelo telefone
o poema corre:
é anjinho limpo.
Caixa de engraxate:
o poema sai
como pasta espessa.
Mala de mascate,
é comerciante.
Sala de jornal,
o poema é pressa,
chute de manchete.
Rio Araguaia:
o poema embarca
na canoa bugre.

(Há gestação de poesia
no sangue de cada coisa).

(Porta sem chave, págs. 97, 98, 99; 1970)

— / / —

ANTONIO DO PRADO JÚNIOR nasceu em Goiânia, em 25 de março de 1969. Escreveu e publicou dois livros de poemas: *Poesias*, Brasília, *1992 e O sonhador*, Goiânia, 1995. É membro da União Brasileira de Escritores, Secção Goiás.

CONVITE

Apenas uma xícara
de café,
tome comigo.

Não falemos de amor
de quimeras.
Nem de guerra, nem de carnaval.

Apenas uma xícara
de café,
tome
comigo.

Só seu gesto
e o olhar.

No meio da noite,
o tinir do pires,
o aroma gostoso
e você.

(Poesias, pág. 87, 1992)

PROCURA

Meu coelho branco
da lua.

Minha rosa
que veio do Oriente.

Meu vidro azul
da janela.

A chuva fina
em teu rosto.

Onde estarão?

Meu sonhos todos,
de cabeça para baixo.

(Poesias, pág. 85, 1992)

— / / —

ARTEMÍSIA NUNES DA SILVA ***(Tetê)*** nasceu em Posse, Goiás, a 26 de Janeiro de 1919. Consta da lista dos antologiados por Gabriel Nascente no livro de poetas bissextos: *Colheita (*a voz dos inéditos, 1979). Fez sua estréia literária com o livro *Cantos de outono*, poesias, 1992. Mora em Goiânia desde 1946, e está incluída também no *Setembro da poesia*, da UBE/GO.

AMANTE
O relógio agourento
era um rei implacável,
duro ditador
mostrando-me
o tempo

e sua
fuga.

(*Colheita*, de GN, pág. 66, 1979)

SAUDADE DA ORIGEM

Mãe,
isto é o mundo?
Tanto sangue,
gemer profundo.

Rostos com sinais de pólvora,
açoitam em meu corpo,
corpo de rua
corpo, corpus,
querem me ver gritando.

Até hoje não secaram o cuspe
da traição em Cristo.
Peitos murchos, que deleite?
Sugo, sugo - sem ter leite.
É só enfeite?
Chamo-me Zé Maria,
cidadão e registro.
Mãe, me recolhe de novo,
não quero este mundo !

(*Cantos de outono*, pág. 62, 1992)

— / / —

AUGUSTA FARO FLEURY DE MELO, pedagoga e mestra em Teoria da Literatura, ambos pela Universidade Federal de Goiás, nasceu em Goiânia. Fundadora do Centro Educativo Piaget, pertence à Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG) e Trindadense de Letras, membro da UBE-GO e do Conselho Estadual de Cultura.

Publicou os seguintes livros: *Mora em mim uma canção-menina* (1982), *Lua pelo corpo* (1984) e *Estado de graça* (1988), os três de poesia, e ainda: *O azul é do céu?* (1990), *O dia tem cara de folia* (1991) de poesia infanto-juvenil; *Usar a cuca é melhor do que a pança* (conto, 1992) e *Alice no país de Cora Coralina* (1993), um relato de viagem sob a forma de diário da menina Alice.

RETRATO

Aparente momento
atuando no tempo.
Pausa de paz desenhada
impressa transparência
— um sorriso.

Depois do instante
aderido às veias do papel
— quais as faces?

(Lua pelo corpo, pág. 71, 1984)

COMPROMISSO

Nada a ver com a voz
mas a palavra

Nada a ver com o pulso
mas o sangue

Nada a ver com as chaves
mas a terra

Nada a ver com as sombras
mas os gestos

Nada a ver com a oferta
mas o pranto

Nada a ver com o fardo
mas o caminho

Nada a ver com a guitarra
mas a canção.

(Lua pelo corpo, pág. 98, 1984)

FEITO A NANQUIM

Feito a nanquim
seu corpo é puro sangue
galga pelos
músculos
tropel pela vida afora

Feito a nanquim
a lua nova abre a boca
devora o cavalo alado
que bebe água da fonte.

Feito a nanquim
meu coração não tem pedaços
é recortado em linha puras
inteiro e repleto
sem máculas, sem sombras.

Feito a nanquim, o dia vira noite
o que se faz pode ser sonho
o que viveu não é mais que
quadro desenhado
com moldura e vidro fosco.

(Inédito)

BERNARDO ÉLIS é o nome literário de Bernardo Élis Fleury de Campos Curado. É de Corumbá de Goiás (GO.), onde nasceu a 15 de novembro de 1915. É autor de mais de duas dezenas de livros, entre eles romances, poesias, contos, crônicas, ensaios, discursos, antologias, traduções no exterior, cinema e televisão. É o primeiro goiano a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Membro de inúmeras entidades culturais do país.

A CACHAÇA DO MEU AVÔ

A cachaça do meu avô
eram carros de bois.
Que paixão besta!
Meu avô estava comendo às pressas,
já eram nove e meia da manhã
e o expediente da Repartição
começava às dez em ponto, mais ou menos.
Gritos de lenheiro enchiam as ruas:
— Oia a lenha!
— Burro diacho!
Da casa dele à Repartição
era um pedaço bom de chão.
Mas se um carro de bois
cantava perto,
passando por sua porta, na rua da Estrada,
meu avô largava o prato
e voava a ver o carro.

— Como vai, seu capitão?
Os carreiros todos o conhecem.
(O chefe nesse dia que o cortasse)

Até hoje, meu avô vai chispado no Ford do filho,
mas vê um carro de bois,
manda parar e desce.
— Como vai, meu capitão?
Os carreiros todos o conhecem...
E passa o resto do dia falando em carro,
falando em bois,
falando em coisa antiga
que já ninguém conhece.
(Primeira chuva, pág. 15, 2ª Ed., 1987)

VAZIO

A chuva há de cobrir friamente de branco os morros longes
feito um fantasma bondoso.
E depois há de vir numa carícia gelada afagar a cidade quieta
num gesto apagado de mão defunta.
E molhará de silêncio a calçada das ruas tortas.
E molhará o recolhimento místico das grandes árvores.
E baterá mansamente a vidraça de meu quarto,
numa irresolução medrosa de amante que prometeu não vir.
Depois,
sob a poeira da chuva fina,
fria,
indiferente,

teimosa,
ficará o vazio do meu coração,
a saudade nebulosamente imprecisa de seu corpo que eu nunca

possui.
As árvores lá fora estão pingando.

(Primeira chuva, pág. 34, 3ª Ed., 1987)

O REGO

Queriam canalizar
as águas pro monjolo

mas o que abriram foi um rego de céu.
Agora
a manhã fugiu do céu
e veio morar dentro do açude.
De tarde
o céu entorna o crepúsculo no açude,
cujo silêncio paralítico
os sapos espetam
com canafístulas de gluglus.

As estrelas lavam roupa de luz
nos espraiados.
Já houve até quem visse anjos
— muitos anjos — voando
nas asas dos pirilampos.

Foi desse jeito
que os homens escravizaram um retalho de céu,
amarrando-o ao rabo do monjolo.

(Primeira chuva, pág. 32, 3ª Ed., 1987)

— / / —

BRASIGÓIS FELÍCIO Carneiro nasceu em Aloândia, GO, em 1950. Publicou 17 livros, entre poesia, conto, romance e crítica literária. Jornalista, ex-presidente da UBE-GO, membro da Academia Goiana de Letras, ex-presidente do Conselho Municipal de Cultura. Detentor de várias premiações em âmbito regional e nacional. O seu romance Diários de André foi censurado e apreendido por ordem do ex-Ministro da Justiça, Armando Falcão. Escreve crônicas para O Popular. Em 1996 vence o Concurso Caliandra de Prosa e Poesia, da Secretaria Municipal de Cultura, com o livro de crônicas *Viver é devagar*.

MORANGOS DO MAL *

O poeta outsider
não teve culpa,

vergonha ou medo
quando leu naquele teste:
"HIV positivo".

Na terceira noite
após a decretação da Perda,
por auto-proteção, enlouqueceu.
A vida o habitava
e a ela se dava, e tanto,
e não soube que a dor
passeia no corpo
— sua morada e semente.

O poeta jamais imaginou
que a dor visitaria seu corpo
em traje de passeio completo.
A dor o visitou, toda garrida,
enquanto o poeta,
em seu leito de agonia,
contemplava os muros do cemitério
do outro lado da rua.

A vida o habitava. É culpa sua?
Tantas vozes, dentro da noite,
gritaram seu nome.

II

O poeta aceitou a queda
como a semente abandona
a sua casca imprestável.
O poeta mudou, embora
sendo o mesmo, tão diferente
Cazuza, sempre a "pedir piedade
pra essa gente careta e covarde".

Em sua última epístola
ao anjo Lúcifer, antes da Queda Abissal,

era mais um Ícaro, anjo solar,
do que um corpo caindo.
Até porque a Queda é Sempre
como o calmo desespero
dos que cantam no suplício.

"O que importa é a Senhora Vida
coberta de ouro e prata
e musgo do tempo" (1)
III

Aqui jaz Caio, o outsider
que se abismou no Ser.
Bêbado de lucidez e equilibrando-se
entre a queda e o movimento,
não quis mofar, como os morangos do
medo.
E preferiu a vertigem a apodrecer no
pântano.

Entre o Ser e o Nada,
o poeta gritou, em êxtase
e pavor, antes de ser vencido.

E o poeta pediu morangos silvestres,
ao despencar no Abismo.

(1) Caio Fernando Abreu
**Poema vencedor do I Concurso Nacional de Poesia Francisco Igreja da APPERJ, Associação de Poetas do Rio de Janeiro.*

MEMÓRIA DA PELE

I

Minha boca guarda a memória dos beijos que nunca dei.
São gritos, gestos, gemidos
que o tempo e a vida carregaram.

Trago na pele a memória de gestos que adiei. Agora,
que roço a pele e o pênfigo das palavras,
e não mais temo as solidões do corpo,
posso habitar o gozo, e vejo: em meu rosto,
antes tão estrangeiro, ainda há nirvana.

Na memória da pele
um anjo me contou:
"A única anormalidade é não amar". (1)

II

Farei do corpo as tábuas da minha lei.
O corpo rompe a solidão dos muros.
O corpo é o signo, vereda, morada abissal
de dor e riso, nojo e maravilha.
Não mais o medo, mas emoção.
Não mais tensão, mas só tesão.
Não mais banheiro, mas balneário.

Animal lascivo, lambo o coro que amo,
e o delírio deságua no mar do orgasmo.

III

Senhor, fazei com que não morra antes de morrer.
Fazei com que eu não apodreça antes de apodrecer.
Só quero habitar o planeta enquanto Eros me visitar.
Do viver, só quero o sumo
enquanto houver substância,
e o viver não for só lembrança.

Nas altas torres do corpo o desejo, vitorioso,
resplandescia.
Tudo ali era som e fúria, silêncio e sinfonia.

No labirinto do desejo,
um anjo bêbado inda me diz:

"SÓ É IMORAL NÃO SER FELIZ!"

(O tempo dos homens sem rosto, págs. 11, 13 e 14, 1993)
(1) Pedro Nava

O ROSTO DE DEUS

Quando, enfim,
o animal humano
— tão solitário
abrirá seu corpo
para o que re-luz
no ser solidário?

Quando será tempo
de não ter vergonha
de ser feliz?
E porque ser feliz sozinho
não tem sentido,
o tempo, todo busco
ser feliz com o Outro.

Serei feliz, comigo,
enquanto o sol
não se recusar
a fremir para mim.
Serei feliz, contigo,
enquanto o sol
fremir para ti.

E porque estamos vivos
e teremos de morrer um dia,
seremos humildes e felizes
enquanto o Amor não for expulso
da residência do corpo.

Enquanto o sol iluminar
o que se fez — na solidão —
um soli'dário,
seremos, todos, irmãos
irmanados no Ser
por uma só comunhão.

E porque somos Um,
em Muitos, em nós se revela
o Rosto Coletivo de Deus.

CARLOS FERNANDO Filgueiras de MAGALHÃES nasceu em Paratinga, Rio São Francisco, Bahia. Formado em Medicina pela UFG. É poeta, ficcionista, dramaturgo, desenhista, ator e cineasta. Ainda, crítico de literatura, teatro, artes plásticas e cinema. Obras publicadas: *Matéria-prima*, poesia, 1968; *Via viagem*, romance, 1970; *Daniel*, conto, 1976; *O jogo dos reis*, teatro 1978; *Lampião* (texto de ópera popular), 1984; *Eros*, poesia, 1986; e *Quarks*, poesia, 1994. Foi um dos instauradores do Movimento Praxis em Goiás.

SÃO ELAS TRÊS QUE

são elas três que tecem
ou trocam os fios

uma enfeita
outra remenda
        a emenda
a outra corta
o modelo

são elas três que tiram
ou trocam os sonhos
uma corrige
o que a outra
apaga, o nada
a outra imprime
a lâmina
mais uma vez
ensina

são elas três que cortam
ou trocam os anos

uma fia seu tecido
a outra, o cerzido
a outra só separa
é avara

(Inédito)

VOYEUR

••••••••••••••••••••••••••••••••••••
••••••••••••••••••••••••••••••
••••••••••••••••••••••••
••••••••••••••••••••
••••••••••••••••••
••••••••••••••
••••••••••••
•••••••
•••••
•••
à porta semiaberta
a mão delineia a volta,
o longo continente dos abraços,
as ilhas do teu peito;
no promontório do ventre

meus olhos se escondem
em algum lugar.

(O amor que tu me destes, inédito)

— / / —

CELSO CLÁUDIO nasceu em Piracanjuba — Goiás, a 26 de fevereiro de 1955. Formado em Engenharia Elétrica pela UFG. Colecionador de premiações literárias. Figura em diversas antologias e é professor de Física e Matemática em cursos de 2° grau e pré-vestibulares. Obra publicada: *Eis o cálice, Helena* (poemas), prêmio da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, 1992. Venceu ainda com a obra *Carbono dupla face* a Bolsa Hugo de Carvalho Ramos, contos, 1995.

EPÍLOGO — UM VERBO PARA HELENA

É tempo.
Ainda há tempo
para esta gruta tão amiga;
é tempo de desmanchar as âncoras
que estancam nos olhos
esta carícia tão quieta.

Entrai, ó viajantes, que o tempo é de colher na bebida mais calada
o sabor antigo e corroído.
Entrai, ó garimpeiros da água,
aqui no templo, o verbo esculpe
o entôo de nossas mãos.

Venham estas mãos
desempregadas do ofício de afagar;
venham empunhando o cálice que já transborda.
Venham, que o verbo em amargura
vai arrebentar-se
na mais-que-perfeita conjugação.

É tempo.
O tempo é de se render às rendas
que entrelaçam os cristais
de um novo sal.
O tempo é das glórias
do eterno cavaleiro
que está pedindo o pouso e a morada.

Abram alas para o verbo amar,
abra as asas, Helena,
e que a prioridade máxima
seja dada ao presente do indicativo.

(Eis o cálice, Helena, págs. 89, 90, 1993)

RIOS

O pássaro pescador voou
para um rio distante.
Existirão, neste vazio,
Dourados e Piamparas?
O rio tá tão turvo,
tá faltando um visitante.

Ah, velho mano, até que eu era bão
com a sua "filobé".
Vai um cigarro, velho mano?
Eu trouxe um bule de café.

Cadê o molinete
onde você enrolava
as alegrias do Araguaia?
O rio tá tão triste,
tão faltando seus instantes.

(Eis o cálice, Helena, pág. 175, 1993)

GALINHAS

Tinha o bananal
e o boi Danúbio.
Tinha várias formas de carícia
como o silêncio dos feriados,
as galinhas no poleiro
e uma janta bem quentinha.

Aí vieram moto-serras.
Deu cupim lá na casinha,
e dos meus olhos
voaram as paineiras
encerrando a estação
(Que) será que aconteceu?

(Eis o cálice, Helena, pág. 173, 1993)

— / / —

CLÁUDIO ANDRÉ de Bastos nasceu na cidade de Goiás/GO, em 10 de novembro de 1943. Formado em arquitetura, poeta e artista plástico. Lecionou desenho industrial em São Paulo e publicou o seu primeiro livro *As pinguelas do ser*, em 1995. Premiado em alguns concursos de arte e literatura.

PINCELADAS

Diante da cadeira vazia
eu te vejo transparente, quieta,
imóvel como uma estranha desnuda
a me olhar, querendo descobrir como te
vejo.

Pego as cores do arco-íris
e retrato com pinceladas rápidas
a tua transparência.

Fica teu rosto, o teu jeito abstrato.
Não consigo ver a cor dos teus olhos
nem a forma que fazem teus lábios.

Em uma mesa de bar
tudo é possível :
uma cadeira vazia, um olhar distante
ou um copo quebrado.
Acidente?

(As pinguelas do ser, pág. 28, 1995)

DALVA MACHADO CHITARRA é mineira de Uberaba. Poeta e artista plástica. Publicou *Gritos que não dei*, 1986; *Liberdade e dor*, 1987; *Desejo dos deuses*, 1989; e *Deuses e o diabo nas terras de Apolo*, 1991 — todos de poesia. Autora de inúmeras premiações literárias. Participa de várias antologias. Reside em Goiânia.

SOBRE CORPOS

língua de sede
passeando no céu
da boca

dedos atrevidos
entre cavernas
fendas e fontes

corpo sobre corpo
peso pluma
tesão

(Deus e o diabo nas terras de Apolo, pág. 37, 1991)

INTIMIDADES

trago no peito livre/livro
na boca um cigarro
também um pedaço da natureza

nos cabelos
cobras e lagartos
emaranhados na poesia

do lado esquerdo
sintonia
de minha mais equilibrada constelação

na cabeça
uma TV
fico como pássaro da liberdade
porque o coração voa...

(Deus e o diabo nas terras de Apolo, pág. 85, 1991)

FILÉ COM FLORES
(com direito a fritas)

você trouxe-me flores
pedimos um filé a palito
o garçom nos ofereceu
fritas...

embevecidos
regamos o filé com ternura

o coração babando de amor
comemo-nos!

(Desejo dos deuses, pág. 16, 1989)

— / / —

DARCY FRANÇA DENÓFRIO nasceu na fazenda Nova Aurora, hoje município de Itarumã-GO, a 21 de julho de 1936. Autora de onze livros, distribuídos nas áreas; didática, crítica e literária. Sua crítica tem-se voltado fundamentalmente para a Literatura Goiana. Dedicou trinta anos de sua vida ao magistério, destacando-se como professora de Teoria literária nos cursos de graduação e pós graduação da Universidade Federal de Goiás.

ALGA MARINHA

Alga marinha lançada ao mar aberto,
navego à deriva — não estou presa a nada.

Quero achar o meu caminho — o do começo —
mas me instalaram nesse arremesso
e não conheço a maré do princípio
que me jogou nesse permanente risco.

Alga marinha nesse amaro mar,
sem pontos cardeais, mapa-múndi
ou estrela-guia, vivo à deriva.

Não conheço meu porto (asseguro)
e um dia só serei verdes cabelos
envolvendo corpos destroçados

que viajaram na maré montante
e chegaram afogados de aurora
à praia maior - de todos os oceanos.

(Amaro mar, pág. 37, 1988)

O RISCO DAS PALAVRAS

(Para Moema de C. e Silva Olival)

Ah! a miséria da oficina das palavras!
Onde pescar a que melhor convém?
Maiakóvski

Diante de você sempre emudeço.
Tenho as palavras batendo, ba-ten-do
ao peito mais que à garganta.
Mas é tão grande o risco das palavras
que, delas, finjo que me esqueço.

Ah, as palavras, se não houvesse o risco,
eu diria todas, tropeçando em pedras
como algumas cachoeiras, mas jorrando
sem parar a urgência de suas águas.

Mas as palavras acordam até mesmo
os deuses mais adormecidos
e é melhor não dizê-las, guardá-las
como pedras, mesmo ferindo o peito.

Se eu não as disse algum dia,
alguém lhe dirá sem medo do risco,
porque há os que abrem as comportas
e extravasem sem reservas suas águas.

Mas eu sou dessas barragens
que não se entregam nem extravasam,
mesmo com a maior das enchentes.

(Amaro mar, pág. 83, 1988)

OS PEIXES DO MEU RIO

No reverso, a história de meus versos.
No avesso, a pura canção de gesso,

que se sustenta no azul da lenda,
no equilíbrio do fio que (entre)teço.

Na superfície, a frauta noturna
de sustenidos ais e bemóis.
Na superfície, a fraude fria
e a neblina sobre mil lençóis.

É no fundo d'água, nos peraus,
que moram os peixes de meu rio.
É no remanso que alguma iara
sempre se esquiva solitária.

De repente, o susto da cilada,
um anzol recurvo - aço e isca -
mas os meus peixes não se entregam,
apenas provam de leve, triscam.

(Amaro mar, pág. 77, 1988)

— / / —

DELERMANDO VIEIRA SOBRINHO é natural de Caldas Novas, Goiás. Bacharel em Direito, UFG. Cursou Língua Espanhola, UCG e Departamento de Estudos Salvadorenhos em Goiânia. Cursou Legislação Mineral, junto ao DNPM-MME. Possui, ao todo, 62 prêmios literários em Goiás e outros Estados do Brasil. Publicou, ao todo, nove livros, quase todos premiados. É professor de Literatura Brasileira e Língua Espanhola. É pesquisador e estudioso de Demonologia e Cabala.

CANÇÃO AMERICANA

Alguma flor
liberdade triunfal
morre na América

Algum sorriso
senão sorriso
se não viver
morre na América

Alguém que não ditador
que não imperialista
morre na América

Uma paisagem
que em aniagem de linho é visagem
que em visagem é paisagem
morre na América

E porque morre essa paisagem
e porque é linda paisagem
na paisagem morre a América

Algum direito
e por que não justiça
e por que não amor
morre na América

Alguma vontade
ânsia de caminhar tão livre
de semear o trigo
de educar os filhos
de obter o pão
morre na América
Morre e morre na América
a luz mediterrânea dos olhos
o vôo suave dos pássaros
sobretudo o do Condor

E é com dor
que na América aos poucos
morre o Chile
que na América Pinochet não morre

que na América morre o pai
o amor
o livre direito de escolha!
E assim por que morrem na América
e por que morreram na América
é que na América jamais morre
o grito dos infantes argentinos
naufragados
e assassinados
nas Malvinas

E como morreu Tiradentes
e como morreu Victor Jara
o canto sublime de Victor Jara
morrem na América os lírios
e não mais que os lírios
o destino da Nicarágua
das aldeias
dos Andes
dos povos humildes da parte Central!
Algum silêncio
algumas crianças
morrem em Trípole

e por que morrem
ou por que morreram em Trípole
é que na América tudo morre
tudo morre
tudo morre

Menos a mão
o schmidth
e a espora do Cawboy!

(Inédito)

FIANDEIRA

(Este é para todas as prostitutas do mundo)

Fia no ofício
a fiandeira, confiante
no ofício do
fiar.

Fia a figura
fiandeira, no feitio
afilado do Tear.

O filho vive
enfunado, afilado,
no espasmo
da noite.
O filho, seu filho
esfomeado.
No fio fiado
fia o destino do pobre
filho destinado "a perder-se na noite
imunda da cidade
sem Deus".

Fia no ofício
a fiandeira, confiante
no olho-físsil do fiar.

(Inédito)

EN LA BODEGA

E assim naquelas tardes de um aguaceiro
cobrindo as copas das árvores,
as calhas,
as chaminés,
o mundo,
eu me punha

(talhe o espelho na espuma do vento)
pensativo e a beber na Taberna dos Pífanos,
do Porto e dos duendes esgarçados
à baila das danças, na espera daquilo que mais
se parace com ânsia, que mais se parece com luz,
que mais se afeiçoa ao sol.
E assim naquelas tardes,
sombras de corais
(e musgos)
doridos,
eu me atracava derruído,
tal barco naufragado no incabível soluço das ondas,
às luminárias que à boca da noite se tangiam foscas,
como roscas (moscas?) na fonte da angústia,
feito aviso diviso em seu visgo,
feito visgo indiviso no aviso.
En la bodega,
donde públicas manos proclamavan
el aroma de las uvas y evocavan
a máscula e mácula máscara do dia,
u buscava, mirando o crepúsculo
derretido na tepidez das cinzas insalubres,
o pássaro - titã dourado no sussurro cólico
das vestes em alfaias -, que deveria pousar,
a qualquer momento, no rictus das horas
embebidas em gotas labiais.

Do passado uma sombra se me chegava (atarantada?)
como tarântula tramando, andando, na madrugada.
Uma sombra, e não mais que um sombra,
mas uma sombra a mais, se me chegava,
me tocando o peito-piano,
num aquebranto gitano,
entre os vinhos esfumados no ar.

— / / —

DELL MEIRELES é goiana da capital. Cantora e poeta. Venceu, dentre outros prêmios literários, o da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, com o livro *Mercador de espelhos, em 1994.*

AUTOFAGIA DA APARÊNCIA

O espelho ri e urina no corpo que o empareda
ferrugem e poesia
(Ali eu era o enforcado e seu abismo
Ânsia da imaginação
- Estrangulado o grito e o orgasmo)
Em um dos gomos do absurdo dissolve-se a pétala em átomos
e o molusco da púrpura atinge a metáfora
E COCHILOS SE EQUILIBRANDO
SOBRE O FÍSICO...
Impossível extrair da sombra no espelho à boiar
O brilho das estrelas (O DIABO VERMELHO
a memória do fósforo MOVE-SE À TODA MATÉRIA PRIMA
o gelo do olhar SUPORTÁVEL) regressar da insônia

que não ignora meu passo
e devassa e colapso (O MUNDO É TEU
ANFITRIÃO DO INFERNO
PRÍNCIPE DA CANGUEIRA)
Como quem compõe escuros, não floresço à luz
pois em nada creio a não ser em flores sombrias
e feridas onde a morte as espera.
(REDIME-NOS POR AMOR DO TEU NOME
MORTO QUE VIVE DESDE O OVO)!
O ESCURO NADA SABE A NÃO SER DA SAUDADE DE VAGA-LUMES.
OFEREÇO-TE O CÁLICE
DO MEU SANGUE E ÁGUA BENTA
AO SOM DAS SONATAS DE BACH
E AOS PRESSÁGIOS DE POE.

Eu por mim
por tremer de frio e trevas
nenhum dourado orvalho me cairá à distância em que me encontro
neste cenário de inverno e cova.
Quem há de desenterrar seus poetas entre as cinzas
para tomar-lhes as mãos na noite escura,
vasculhar e remoldar dos dedos remontados em alívio e sombras
e há de interrogar pelo poema que se ergue entre ores e fedores
que florescem na lavra do seu sopro tóxico em forma de tromba?

(II Prêmio Beg de Literatura, pág. 81, 1994)

— / / —

DENISE GODOY ***de Carvalho Verano*** nasceu em Goiânia. Bacharel em Direito e Licenciada em Música pela Universidade Federal de Goiás. Já obteve várias premiações e tem poemas publicados na antologia *Prêmio Cora Coralina 86 - Poesias*. Autora do livro — *Primeira posição*, poemas, Edições Consorciadas, UBE, Goiás - 1990.

IRONIA

Faço um brinde ao amor:
taça na mão, vinho branco.

É madrugada lá fora.
De um violino
a ária da 4ª corda, Bach.

Em volta da mesa
eu e meu copo:
vazios.

(Primeira posição, 1990)

ANGÚSTIA

A chuva da madrugada
não bastou para lavar
minha tristeza de hoje.
Acordei sentindo
os sonhos amassados,
velhos e desbotados.
Juntei um a um os pedaços:
eles não contaram
uma história.

Levantei-me
com o peso de cem anos.
Toquei piano
fiz ginástica
abri as janelas da sala
comi arroz-papa na xícara
falei ao telefone
traguei quilos de fumaça.

- Explode, angústia!
O trabalho do parto começou.
Meu corpo de ex-pulsa
o momento é agora.
Na urgência de alívio
eu te quero partir
pelos olhos:
- líquida e morna.

(Primeira posição, 1990)

— / / —

DIONÍSIO PEREIRA MACHADO nasceu em 1948, no Córrego Fundo, Município de Itapuranga, Goiás. Formado em Direito pela UCG. Jornalista e professor de literatura. Contemplado por quase uma centena de premiações literárias. Autor de diversos livros publicados,

entre contos e romances. Seu livro de poemas *Na vidraça dos olhos* foi publicado em 1995, pela Editora Kelps.

CANTO I

Sou jussarense,
- E por que não?
Sou e ainda sinto,
no tostado de minha pele
o cheiro acre/doce da argila
que meus túmidos pés pisaram,
nos barrancos do Molha-Biscoito,
no fabrico de tijolos
para construir minha estrada
pelas veredas da vida.

Sou jussarense,
sou e trago
no cenário de meus olhos
- vidraças quase opacas -,
a silhueta de nosso rancho
agachado na curva do córrego,
gemendo ao peso das horas;
as paredes de pau-a-pique,
as palhas mal colocadas
por nossas mãos de criança;
latas aparando goteiras
em noites de chuvarada,
a luz capionga da lampariña
alumiando nossos jiraus.

Sou jussarense,
um sertanejo nato
e vou levando meu sotaque
nos rumos de meu caminho;
guardando numa capanga
a mansa e sábia fala do povo
dos natos babaçuais,

bandeiras verdes ao vento.

Tenho um passo na realidade,
outro na imaginação.
Acho que tenho alma de poeta!
- Sou dos mió de Jussara, sô!

(Na vidraça dos olhos, págs. 18 e 19, 1995)

— / / —

DIVA GOULART é de Itajubá, Minas Gerais. Radicada em Goiânia desde o final da década de 50. O seu primeiro livro de poemas - *As estações* - é de 1970; e foi editado pela Pongetti, do Rio de Janeiro, com prefácio de Abgar Renaut. Tem participação em antologias e um novo livro de poemas a ser publicado.

TEMPO VERDE

O tempo inclinava
os chorões sobre as águas.
Atrás da porta do quarto,
com seus sete espelhos sobre o mármore
ficavam as matas, os campos e as colinas.
Agora,
ninguém me chama.
Desliza o gato atrás da borboleta
e descansa a lagartixa junto ao poço.
Na alta árvore do pátio,
para onde se abrem as janelas,
ainda brilham lágrimas.
Agora,
ninguém me chama. O beija-flor, a cigarra
ocultam-se na luz, que morre com o dia.
Pedras coloridas
afundam-se no brejo ondulado de caniços.
O vento bate com pancadas leves

no coração fechado dos meninos,
mas eles dormem, dormem com o braço sob o rosto
e ninguém sabe para onde fugiram, ninguém sabe.
Não há notícias deles
no cheiro da hortelã ou do poejo.
Foram-se, talvez, com os pássaros.
Frente ao pórtico estou só. Bato palmas. Ninguém.
a solidão é verde, verde, verde.

(Inédito)

NO PALCO

Danço sobre um abismo
toda vestida de rosas,
mas que ninguém me veja.
De um lado está a vida
e do outro está a morte.

Com o tempo, uma a uma,
as rosas vou desfolhando:
uma rosa para a morte
outra rosa para a vida.

No palco em que me descubro
(alva forma tão despida)
não quero que a profanem.
Que todos fechem os olhos
assim que subir o pano

(Inédito)

— / / —

DOMINGOS FELIX DE SOUSA nasceu em Jaraguá (GO), em 23 de janeiro de 1923. Mudou-se para Pires do Rio, com a família, aos 12 anos. Estudou no Colégio de Padres de Bonfim, depois em Cuiabá, onde fez Filosofia. Veio para Goiânia e desde o começo envolveu-

se com movimentos literários e jornalísticos. Foi um dos fundadores da extinta *Revista Oeste*, e de outros órgãos de imprensa, onde fazia crítica literária, publicava contos. Foi professor da Escola Técnica Federal de Goiás; morou no Rio de Janeiro alguns anos, onde fez muitas amizadas com intelectuais e jornalistas, junto com o irmão Afonso. Publicou um livro de poemas, *A outra face*, o qual incinerou toda a tiragem por ter ficado desgostoso com o resultado. Deu aula na Faculdade de Direito da UFG por muitos anos. Aposentou-se em 1981. Continua lendo e apreciando autores novos.

POR QUEM OS SINOS NÃO DOBRAM

Tange, velho sino, em tua voz de bronze,
em tua voz de dois séculos.
Tange, vibrando no ar sereno, em vibrações serenas
a tua voz que ensinou meu avô a rezar.
Tange, unindo a tua voz à orquestração da tarde
enquanto a brisa dança minuetos na campina
e há uma vibração de luz e sorriso em cada lar.

Há um soluço brando em tua voz divina
que nos fala do além
e nos traz pensamentos de luto e de morte.

É que tudo nos fala da morte.

É que tudo nos fala de morte e de dor
na agonia de luz deste instante.
Até a tua voz que há dois séculos vem
enchendo nesta hora o coração amante
de alegres e leves suspiros de amor.

E há um soluço brando em tua voz de sonho.
Talvez estejas tu a dobrar a finados
por esses infelizes que morrem além
— quando a Justiça, a Fé, a Caridade, o Amor,
coisas mortas, soçobram.

Por esses infelizes que se vão sem ninguém
em montões, aos milhões, na agonia, no horror,
e por quem
nem mesmo os sinos choram,
nem mesmo os sinos dobram.

(A outra face, págs. 101 e 102 — 1947)

GOIAZ VELHA

Esquecer que existe o tempo, esquecer que existe o sono,
esquecer um momento
as duras realidades da vida dos homens.
Deixar correr o tempo, deixar passar o sono,
nada mais recordar.
Ouvir o mesmo ingênuo exercício de piano
pela décima vez
por trás dessas paredes brancas de dois séculos.
Mãos leves de menina, de moça talvez.
Mais longe um moço estará aprendendo a tocar flauta ou violino
e as notas boiarão esquecidas no ar.

Sair agora pela rua, encostar o meu rosto
escaldante mas calmo ao rosto desses prédios
velhos, muito brancos de velhice,
mais velhos talvez do que a serra que ao sol posto
se esbate enorme no azul claro do horizonte.
E gozar a delícia de sentir
que o tempo passa e não existe o tempo,
que passa a vida e a vida não existe
e nada é mau neste mundo, nada é triste.

No bar da rua larga ninguém tem o que fazer.
Sobre sua displicente indiferença
tempo há de correr.
As meninas do colégio estarão pela praça
como um grande hino à vida,
animando a cidade a viver.

Toda a gente na rua, modesta mas com um ar solene de nobreza,
como as casas, modestas mas solenes de nobreza.
As pedras do chão estarão contando as mil e uma noites
da história da terra — uma lenda sem fim.
Mas tudo é sonho e lenda como *AS MIL E UMA NOITES.*

O riozinho simples, como um sorriso ou uma tenra mágoa
estará correndo eternamente,
e as suas águas no calor da seca
serão não mais que duas telhas dágua.

Ao luar a cidade será sempre a mesma
com aquela brancura e aquela poesia
que as pisadas pesadas do tempo não consomem.
As paisagens serão eternamente as mesmas,
eternamente com a mesma imutável poesia.

Somente muda o coração do homem.

(A outra face, págs. 7 e 8, 1947)

POEMA

Eu escrevo meus versos em plena consciência
de toda maldade dos homens,
de todo o desencanto da existência.

A luz do sol diluindo-se nas sombras
há-de cair oblíqua e leve como uma carícia
sobre o papel ainda branco de esperanças
onde se desenha a tua imagem.

Depois, as sombras virão de todos sobre os olhos cansados
e não verei mais os meus versos escritos entre as pautas
como um rastro de sangue correndo de meus dedos
trêmulos.
Sobre o níveo papel

sentirei o teu vulto como doce miragem.

A noite há de descer cobrindo os destinos dos homens.
A noite há de descer sobre minha maldade
meu desencanto.
Mas como suave consolo
ficará comigo tua imagem.

(A outra face, págs. 7 e 8, 1947)

— / / —

DORIZAN RIBEIRO DE FREITAS é mineiro de Belo Horizonte, onde nasceu em 1943. Autor dos seguintes livros: *Sortido*, 1982; *Uma viagem pelo interior de cada 1*, 1984; *Poema cartaz para dia das mães*, 1986; *Poema cartaz para dia dos pais*, 1987; e *K pra nós (de vendedor de bolo a camelô de palavras)*, poemas & crônicas, 1988. Mora em Goiânia

DETALHES SOCIAIS

Vá vestir seu vestido novo, cor-de-rosa
Com babados brancos, vindo do Ceará
Calce aquele sapato sem fivelas
Coloque seu relógio digital, que você ganhou do amigo discreto
Não se esqueça da gargantilha dourada, que você pensou que fosse de ouro
Use os anéis com todas as letras de seu nome
Passe aquele perfume que você comprou pela revista postal
Use aquela velha frasqueira do tempo do bumbá
Coloque todas as pulseiras com todas as cores do arco-íris
Coloque seus óculos ainda com o preço em uma das lentes
e saia por aí perguntando à sociedade se está bem
Pois tudo isso você faz para satisfazê-la, você sabe.
A sociedade merece, e como!

(K pra nós - de vendedor de bolo a camelô de palavras, pág. 29, 1988).

EDIR GUERRA MALAGONI (Veni) é de Anápolis, onde nasceu na Fazenda Barra Grande, a 1º de março de 1942. Advogada. Publicou, em 1965, o seu livro de poemas *Tardes do nada*. Tem participação em diversas antologias poéticas. Dentre elas *Poemas do Gen.*, 1966, e *A nova poesia em Goiás*, 1978, de Gabriel Nascente.

CAOS

hoje
o cantor não tem voz
parado à porta da lua
indaga
pergunta
e ninguém sabe

as crianças não brincam
de roda
a roda não existe
e elas ficam
tristes
paradas
e ninguém vê

os homens não se ajoelham
as lágrimas correm
e eles pedem
mudamente
agonicamente
e nada acontece.

(Tardes do nada, pág. 97, 1965)

PRENÚNCIO DE POEMA

se ele nunca mais vier
ficarei com a poesia

farei tetos cor de rosa
irei a regiões de festa
se ele nunca mais vier
encherei a vida de coloridos

buscarei pedaços de nuvem
para fazer vestidos de baile

arrancarei do céu todas as estrelas
e me divertirei ao jogá-las no ar

farei bonequinhos chineses
e cantarei músicas de carnaval

se ele nunca mais vier
irei para a terra de tómas morus

farei colares de flores
e brincarei em ilhas encantadas

tocarei piano bem alto
e andarei pela escócia tocando gaita

se ele nunca mais vier
não ficarei triste nem chorarei
vou dançar rumba
tango
e até rock and roll

mas
se ele nunca mais vier

sairei gargalhando pela vida em fora
até quebrar-me em gritos sem eco.

(Tardes do nada, págs 43 e 44, 1965)

DESINTEGRAÇÃO

cuspirei no mundo
e rasgarei as minhas vestes

a dor dá-me náuseas
se me entulha o luto

rompirei montanhas
e dormirei nos regatos
serei da rua e dos rosais

quebrarei dias
para viver na lamentação da noite
e diluirei tua imagem no tempo

me confundirei com os insensíveis
e navegarei em mares ignotos

meus membros solarão cascatas
e os olhos serão marmóreos

serei o cimo dos vulcões
e voarei com os condores
e morarei com Baco no Olimpo

serei irmã de Iemanjá
e com ela jogarei pérolas
no mar profundamente infinito

cuspirei no mundo
e rasgarei as minhas vestes
e antes que a madrugada venha

serei pedra
serei fria
e não te amarei mais

(Tardes do nada, págs. 35 e 36, 1965)

— / / —

EDIVAL LOURENÇO de Oliveira nasceu em Iporá, Goiás, a 13 de agosto de 1952. Bacharel em Direito pela UCG. Estreou nas letras com o livro *Estação do cio*, poemas. Depois, com o romance a *Centopéia de Néon* conquista de uma só vez os prêmios Concurso Nacional de Romance Paraná e o Hugo de Carvalho Ramos. Os livros *O caso das bolhas*, contos; e o *Coisa incoesa*, também foram premiados em Goiás. Finalista da Bienal Nestlé e da Casa das Américas, Cuba, 1991. Ganhou, em 92, o Troféu Tiokô: Literatura-Prosa, da UBE-GO.

DA CONDIÇÃO DE ESTAR SÓ

estar comigo
só
com meus díspares eus
entre discos e livres pensamentos
nu
pelos sobrados de meus sentimentos.
gosto de estar
só
comigo
sem relógio & companhia,
sem vista & campainha.
só
com o mundo
com todos
de uma vez
só

não por vício de solidão
nem por bloqueios ou recalques

como os autofornicários
mas por opção de liberdade
até porque estar só
é canteiro de cultivar
saudade.

gosto de estar só
mente curtindo o corpo
lento envelhecer
rugas distraídas no espelho
de um narciso domado
e a vida vazando
gota após gota
água além de água
de um vaso trincado.
gosto de estar comigo
só
entre os sons da casa
o sibilar do vento
a porta a ba
ter
o som de bach
o redemunho sutil
de minhas idéias
e até a ausência delas
o zumbido incansável
dos sentidos
a minha voz em repouso
na garganta
falando só comigo.

(Coisa incoesa, 1993)

OS PÁSSAROS DE MINHA INFÂNCIA

raros pássaros
na minha infância
que não se encontram

nos livros de taxionomia
nem nos museus ornitológicos
cantavam em dueto
nas minhas manhãs
anunciando a primavera
que cobria com nova
demão de tinta
a alma das coisas.
eu os tinha como pássaros extintos
inexistentes para a ciências
— pássaros comorientes
da morte de minha infância.
na madorna desta manhã
eles voltaram porém
a cantar em dueto
na árvore já em flor
por sobre minha janela
anunciando uma quase
impossível primavera.

num relance
fui devolvido à infância
com todas as coisas boas
que ela não teve
e me inundei
de úmida felicidade.
os pássaros
ainda pude vê-los
revelados na folhagem:
ela, multicolorida
trajando chapéu de gala;
ele, mais sóbrio,
usando o mesmo fraque e cartola
dos tempos de minha infância.

eis que num instante voaram
para o próximo século, talvez
para, também lá, me anunciarem

uma pouco provável
e senil primavera
com o velho enlevo
das primaveras de minha infância.

penso que os pássaros
apensos a minha infância
não são aves;
são gnomos (ou gnaves?)
chaves de encanto fugaz

— os pássaros de minha infância.

(Coisa incoesa, 1993)

— / / —

EDIR MEIRELLES nasceu em Pires do Rio, GO, a 19 de maio de 1939. É advogado, escritor e poeta. Publicou *Poemas contaminados*, em 1993, pela Litteria Editora, do Rio de Janeiro; *O velho Januário*, contos, pela Zams Editora, 1994, RJ, Prêmio Octávio de Faria, da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, 1994; e *Madeira de dar em doido*, romance, 1996, também pela Zams do RJ. Tem participação em diversas antologias. É atualmente Comissário da Infância e da Juventude do Tribunal da Justiça do Rio de Janeiro, onde mora.

CÁLICE RADIOATIVO

Procuro o perfume
e a flor.
Procuro um descontamina-
dor
que torne suave o meu sofrer.

Pai!
Afaste de mim este Césio
troque-mo-lo pela Cicuta.

Que a pena não ultrapasse
a pessoa do condenado,
mesmo que seja um filho-da-puta.
Para meus descendentes
seria muito pesado
transportar esse fardo
como de-mentes
ou párias sobreviventes.

Pai!
Afaste-me do lixo atômico,
já me sinto morto-vivo.
Prefiro o mundo sodômico
antevendo-me
pária radioativo.
Palmatória do mundo
louco
moribundo.
Morto entre os vivos
resta-me a dor
e o sepulcro fundo.
Troco meu raio Gama
que me enlouquece
e me inflama
por uma cova rasa
ao lado do amor que é meu.
Detesto os raios Alfa e Beta
contrários à Vida e à Flor.
Muita energia
mas incompleta.
Deixaram-me isolado
e distante do meu Amor.
Abomino
a luz radioativa
e o concreto
e o chumbo.
Prefiro a luz das velas
sepultura deste mundo

ao menos uma sempre-viva
-mas entre espinhos e flores-
embalado do perfume
e eternos sonhos de amor.

(Poemas contaminados, págs. 27 e 28, 1993)

— / / —

EDMAR GUIMARÃES nasceu em Goiânia, a 7 de setembro de 1968. Formado em Letras pela UCG. Autor do livro *Palmas dos pulsos*, edição arte & xeros; pela Divagar e Sempre. E de *Plumas e porradas*, 1995; ao lado dos poetas Ivair Lima e Adaglion Aires de Andrade. Detentor de vários prêmios de poesia falada. Figura em antologia.

IMOTIVO

Sem motivo algum para o poema.

O dia sobre o chão como folha esmagada.
O jornal atirado por cima do muro.
Monturos de palavras, ossos dos dias
num museu de momentos constantes.

A noite passou chorando
pelo silêncio da sala.
Há lágrimas no canto da janela
de luz ligeira.

E as pupilas iluminadas com o que se vê
a chuva pingando, da noite de ontem,
que é cegueira extrema.

E ainda
... nenhum motivo para o poema.

(Plumas e porradas, pág. 35, 1995).

O CASARÃO

O casarão era mofo de lembranças.
O casarão era avô, avó e distância.
O casarão viu o tempo crescer no pátio.
O casarão estava acessível como a morte.

O vento escarnecia na carne envelhecida
do casarão. Assoviava na sua vida.

Os muros do casarão eram feridas infeccionadas.
O casarão estava em adiantado caso de
composição.

(Plumas e porradas, pág. 41, 1995)

— / / —

EDUARDO RAMOS JORDÃO é de Ipameri, Goiás, onde nasceu em outubro de 1945. Licenciado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Goiás. É escritor, jornalista, artista plástico e poeta. Publicou vários livros de contos, uma peça de teatro, ensaios e um livro de poesia: *Ultraleve.*

POEMA EXPLICADINHO

A poesia me pegou
como pegam as gripes

Como me chegam
os resfriados

Os estados febris
de alegria

Assim,
inexplicavelmente.

A poesia foi chegando
chegando
como me chegam as paixões
mais loucas
mais exacerbadas
taradas mesmo.
Por que não dizer?

A poesia me pegou.
Como o sono me pega
devagarinho
e me leva para outro espaço
outra dimensão

A poesia me chegou
de repente
como chegam as grandes
surpresas

a notícia de uma vitória
ou como bate a saudade
dos braços
de um velho amor que
nunca mais voltou

Agora flutuo em poesia...
Flutuo em poesia...
Flutuo
como papel picado ao vento

Embriagado de versos
de imagens
de palavras
de metáforas
de comparações inversas

Poesia,
essa droga me dopou

Me levou o espírito
senso prático
o desejo imediato de
tudo ter

Mas, felizmente
não me tirou
que mais me causaria dor

Essa selvageria
essa loucura de desejos
em que me vejo
quando beijo você.

Beijos.
Eduardo Jordão.

(Ultraleve, 1992)

— / / —

EMÍLIO VIEIRA é de Posse, Goiás, onde nasceu a 5 de agosto de 1944. Professor da Universidade Federal de Goiás. Especialização em Língua, Cultura Italiana e Artes pela "Universitá Italiana per Stranieri" (Perugia, Itália, 1974). Autor de *Ponto lua*, poesia, 1966; *Intersecção: Goiás-Bahia* (estudos sociológicos), 1987; *Na toada do berimbau* (folclore), 1973; *Paráfrase do tempo*, poemas, 1987; *Posse: história e poesia*, 1988. Colaboração em antologias. É titular de História da Arte do Instituto de Artes da UFG.

POEMA I — EXCERTOS

Destroem-se
Nagasaque Hiroshima
o ar em pó
a terra em pó
o pão em pó
o pó em pão

na boca do homem vão.
Em precis ar
de ar
de vento
de perfume
só
lhe restar o chão
em erosão
em pó.

.....

Liga-se á antena um pensamento grave
e
do ninho da idéia
nasce uma ave
e
do seu ovo de aço
nasce um astro
no espaço

AVE E ASTRO

ASTRO E AVE

VOARASTRO
89
ASTRONAVE
ave
ave.

(Ponto lua, 1966)

VAI PARA ONDE VEM

Para quem já viajou tantas vidas:
conhece o mundo.
Para quem já viajou tantos mundos:

conhece a vida.
Quem já teve tantas aventuras e sonhos:
conhece o canto das sereias.
Estar em alguma parte é estar chegando
de novo, ou partindo como antes.
Estar aqui como estar em parte alguma,
é querer partir.
Para quem vem do futuro do ontem
e chega do sempre para o hoje,
estar aqui é ser de algum ali:
vai para onde vem.
(Paráfrase do tempo, 1987)

ZABÉ LOLÔ
(princesa dos loucos possenses)

"Zabé Lolô, ô,
marra o cachorro
que já vou".

E ela vinha vestida e investida
de boneca e como louca:
e elegância de retalhos,
a trouxa, a traça e a touca.

"Zabé Lolô, ôi,
solta o cachorro
que eu já fui."

Não tinha mãe nem pai nem filho.
Não tinha origem nem idade.
Ela encarnava o mal das ruas
e era a pureza da cidade.

"Zabé Lolô, ôi,
o teu cachorro
para onde foi?"

Viva do dol, dovento e o frio.

Não tinha onde, como ou quando.
Quando comesse: era fingindo.
Aquando passasse: era espreitando.
Quando quietasse: era dormindo.
Quando sorrisse: era sonhando.

Zabé Lolô, ô,
para onde Deus
te levou?"

(Posse: história e poesia, 1988)

— / / —

EURÍPEDES LEÔNCIO (Eurípedes Leôncio Carneiro) é mineiro de Monte Carmelo, onde nasceu a 2 de fevereiro de 1949. Mora em Goiânia desde o início dos anos 60. Bacharel em Letras Vernáculas pela UFG, ex-vereador e professor de Literatura. Autor das seguintes obras: *Dez momentos para o amor* (poemas), 1988; *Curso moderno de literatura* (didático) e *Todos os momentos para o amor* (poemas),1992.

MOMENTO 27

Na manhã de teus olhos
há tantos pássaros,
folguedos, fogos,
um arco-íris de felicidade.
Na tarde de teus olhos
todos os caminhos
focos floridos,
estradas coloridas.
Na noite de teus olhos
uma canção sensual
abrindo os braços
me toca fundo
clareando minha vida.

(Todos os momentos para o amor, pág. 67; 1992)

MOMENTO 19
Contradições:

te amo demais
a guerra continua
a paz virá.
Só te direi coisas belas
as guerrilhas vêm por aí
passei o dia comendo
quanta fome senti.
Teus olhos são lindos
cinco foram fuzilados.
A vida é cheia de rosas
cortaram cabeças de vietcongs.
Torci pela paz no oriente-médio
teu corpo em minhas mãos.
Quero dormir em teus braços
num gemido de liberdade.

(Todos os momentos para o amor, pág. 51; 1992)

FÁBIO RACHID é mineiro de Belo Horizonte, nascido em 18 de fevereiro de 1958. É artista plástico e publicitário, premiado internacionalmente, até em Nova Iorque, com o anúncio *Não queime a vida*. Publicou seu primeiro livro de poesia em 1995: *A cortina do sol*. Atualmente é diretor do Depto. de Artes da Cannes Publicidade, de Goiânia.

IMPÉRIO DE VILÕES

Brincar de passar o anel.
Criar um papai noel.

Subir no palco de novo.
Destruir a esperança do povo.

Brincar de pique escondido,
e nunca ser atingido.
Falar de corrente pra frente,
sem se importar com essa gente.

Brincar em festas juninas,
querer ser o mais enfeitado,
chamando a atenção de todos.

Subir no palanque antes do natal
e gritar por um direito igual.
Gesticular, prometendo acabar
com o desgosto.

Brincar de cobra cega no Planalto,
protegendo o milho, sendo o corvo,
colocando vendas nos olhos do povo.

Onde estará o anel?
Existe papai noel?
Para onde foi o vilão?
Que confusão!
Cadê a razão?
Por que não pegam o ladrão?

Onde estão nossas raízes?
Nossa memória?
E se estou errado,
conte outra história.

(*A cortina do sol*, pág. 83, 1995)

FAUSTO RODRIGUES VALLE é de Araxá, MG, onde nasceu a 22 de agosto de 1930. Mora em Goiás desde a idade de um ano. Formou-se em Medicina, em Belo Horizonte, no ano de 1956. Ex-vice-diretor da Faculdade de Medicina, da UFG, onde foi também Pró-reitor de Graduação. Obras publicadas: *A noite do sal*, poemas, Zamenhof Editores, 1988; *Cravos sobre a mesa*, poemas, 1922. Tem participação na "VIII Antologia Poética da Fundação Cassiano Ricardo", São José dos Campos, São Paulo.

ILHABELA

Ah, praias de Ilhabela!!
Nuvens cavalgando
o perfil da montanha
e o sol,
de cintilações douradas,
deitando-se
na alcova do mar.

Um arco de luz une o tempo
às lágrimas cristalizadas,
insólitas imagens encarceradas
na superfície de prata:
lentos barcos petroleiros poluidores
- a cidade de São Sebastião
do outro lado,
sons abafados de cantos afros
e gemidos.

Marcas de pés e risos sobre as areias úmidas,
sentimentos que flutuam no ar quente,
o cheiro do frango assado
no restaurante do Max.

Férias. Insouciance.
Os barcos petroleiros ainda estão lá
e a imagem indelével
do vôo infinito das
gaivotas...

(Cravos sobre a mesa, pag.105; 1992)

TESSITURA

A aranha tece a teia
no lustre, sempre.
Só na teia a vejo
a tanto o texto
no lustre.
Há tempo a teia
integra o lustre.

Tola aranha
tecendo sempre
meu destino triste
a tado ao estudo: tear.
Tonta aranha!!
Tanto tempo!

(A fonte do sal, pág. 37; 1988)

GABRIEL BELO CALZADA é natural de Catalão, Goiás, 1946. Engenheiro-agrônomo e poeta, residente em Goiânia. Obras publicadas: *Chama acesa*, poesia, 1984; *Fragmentos do oráculo*, poesia; 1991.

I U S D D
S N O I A E

cobrir-te
em cada átomo de ti
e mesmo na distância
ou no enigma
das dobras das esquinas...
Sonhar-me rolar
pela sinuosidade
do teu corpo e escorregar.
Ai, beber tua voz
e chorar, sempre, essa vontade!

(Fragmentos do oráculo, 1991)

PELE DE CORDEIRO

Vozes cantando em sons de flauta
nesta floresta e suas almas
puxam os meus olhos para a imagem
que não se mostra à minha frente...

Vozes gritando em sons de flauta
neste momento que aparece
na frente , assim, tão de repente
traz o futuro e sua sombra...

Vozes chorando em sons de flauta
neste caminho e suas falhas
levam meus pés para a passagem
de um dia para o outro apenas...

Vozes sumindo em sons de flauta
trocam o dia pela noite
na lua cheia sob a nuvem
retiro a pele de cordeiro...

(Anima & Fêmina, a sair)

— / / —

GABRIEL NASCENTE é o nome literário de Gabriel José Nascente. É de Goiânia (GO), onde nasceu a 23 de janeiro de 1950. Jornalista. Morou em São Paulo, apadrinhado pelo poeta Menotti Del Picchia. Autor de quase três dezenas de livros publicados, em sua maioria, poesia. Ex-presidente do Conselho Municipal de Cultura. Em setembro de 1978, a Academia Paraibana de Poesia lhe outorgou o título de "O Embaixador da Poesia Brasileira". Conquistou, em 1996, um dos prêmios mais cobiçados de todo país, o **"Cruz e Sousa de Literatura"**, de Santa Catarina, com o livro inédito de poemas *A lira da lida*. E obteve também outras premiações de ambito nacional. Seu nome figura hoje em diversas antologias da poesia brasileira, inclusive em edição bilíngüe.

O GRANDE
BANQUETE

I

Convidarei
Proust e Guevara
Maiakóvski e Pound,
Rilke e Rimbaud,
materialistas e teólogos

(corja de loucos, graças a Deus!)
para tomarem comigo
um porre de justiça.

Primeiro cairemos num duelo de metáforas.
Depois estrangularemos o pescoço da miséria.

Mas atenção,
de arcabuzes ninguém entra!
Ouviremos o fragor das fráguas
neste bródio universal de homens.
E no fogo de nossas taças
brindaremos o amor subversivo
de Cristo.

Entrem logo, bardos meus,
para o banquete
dos excluídos.

As basílicas do mundo
estão falidas.
Deus está no húmus,
não precisa de nascer.

Vamos chover crisântemos
nos hospitais, nas favelas,
nas marquises e nos sonhos.
Vamos saudar a humanidade
com este florido
chapéu de pássaros.

II

Dim dom bel! Dim dom bel...
todo homem é de papel.

É Natal.
Ninguém avisou a polícia
que Cristo está nas ruas.

(Diário da Manhã, 30 de dezembro de 1996)

DIA DO JULGAMENTO
(Para Nilo Benetti, companheiro)

EU não vim para molestar o sentimento
daqueles que perderam o caminho das lágrimas.
Nem tampouco para ulcerar a dignidade sacra
do pão sobre a mesa. Eu vim, amigo, para falar
desta ferramenta fundamental que é a vida,
destes olhos naufragados na rebelião de um pranto,
da tristeza sem fim de minha mãe
que toma remédio de hora em hora,
do cansaço comprido de seus olhos
pedindo sossego pro mundo —
sobretudo, amigo, para falar
do regresso imponderável de todas as manhãs
da estrela magnífica que clareia
como espuma
nos olhos da lavadeira,
daqueles que trabalham com os mortos
e sabem de cor a numeração das lágrimas,
dos que constroem apartamentos
e dormem em camas de zinco,
dos que tiram fotografias
ao lado dos políticos,
da poesia, sobretudo da poesia,
que é mais forte que um boi
na canga de seu ofício,
da poesia
que é mais vulgar
que um beijo no prostíbulo
da poesia

que cancela o desespero
que maltrata o sofrimento
que proclama a paz
da poesia
que navega em nosso corpo
como um grito numa mansão deserta
da poesia
que é mais bela
que um trem na mata
da poesia
que é mais bela
que um cantil cheio d'água
da poesia
sobretudo da poesia,
que é como a presença de um rio
entrando pela noite dos escombros,
— ave muito clara, ternura,
deixa-me morrer
entre as estrelas.

(Viola do povo, págs. 15 e 16, 1972)

AQUI ME TENS, SENHOR

Aqui me tens, Senhor,
à imagem e semelhança da revolta.
O poema me faz livre da omissão e do tédio.
Quem viu a terra azul foi Gargarin. Eu não.
Eu nasci num chão proibido.
Do calvário à bomba atômica
há chagas e medo,
muito caos em meus ouvidos.

A revolta sai do fundo do meu ser
como estranha labareda.
A revolta. Não a flor do ódio.
A solidão em meu peito é vertical.
Há peixes e árvores gritando socorro!

Minha garganta é seca.
O alvo da vida
é o amor.

À imagem e semelhança da revolta,
aqui me tens, Senhor.
Fragmento de mil sombras,
minha glória é estar vivo.

Na revolta viajo
- entre pressões,
seqüestros,
assaltos -
meu grito!

Habeas-corpus para o coração
do subversivo pregado na cruz.
Habeas-corpus para a mulher
no lençol do desamor.

É isto, Senhor!
Muito antes de nascer
fui verbo no infinito.

Agora não.
Sou moço de bigode amargo,
poeta, classe média. De CPF
a diploma de Primeira Comunhão
tenho de tudo,
até um bife sangrando
á tua imagem e semelhança.

(Madrugada nos muros, págs. 81 e 82, 1987)

— / / —

GERALDO COELHO VAZ é de Goiânia, onde nasceu a 24 de outubro de 1940. Tem oito livros publicados, entre poesia e prosa. É membro da Academia Goiana de letras e de outras entidades culturais do Estado. Ex-presidente da União Brasileira de Escritores, Secção Goiás; ex-Secretário de Estado da Cultura e ex-Presidente da Fundação Cultural Pedro Ludovico.

TARDE CINZENTA

Tenho medo da tarde cinzenta
porque ela me traz
um enorme desejo de ser infeliz.

E nesse instante,
mais que um instante,
a voz grave do coração
me cerca e procuro fugir.

Os sinos da minha alma
gritam o pavor corpóreo
do homem que desconheço
e o horror da vida
e do mistério
que sempre me acompanham.

Tenho medo da tarde cinzenta.

(Águas do passado, pags. 61, 62; 1986)

NOITE DE SETEMBRO

Eu não posso me lembrar daquela noite de setembro.
Eu nascia
e comigo o frescor da madrugada.

Eu não sabia, mas era o verdor da primavera,-
que mais tarde me fizera ser o que não fui.
Ser poeta.
Trazia em mim a vida
e passei a cantá-la.
Sem angústia e solidão.
Trazia em mim a esperança
e amei a todos
e em todos os lugares.
Abracei o desespero
e lhe ofereci o beijo da paz.
Andei mundos distantes
e fecundei a terra.
/sorri das coisas simples
e convivi com as pessoas do campo.
Eu só não pude me lembrar
porque nasci na primavera de setembro.

(Águas do passado, pags, 27, 28; 1986)

MENSAGEM LIVRE

V

O homem tira peso dos ombros
e corta vida dos campos.

No ato não há carinho.
Apenas fúria.
O homem ilumina natureza
para sua construção.

Do trabalhador, suor e sangue
servem de chuva
que fecunda terra.

Ergue para os céus
trabalho-operário
no tempo-espaço
com luz.

A pedra é penetrada
e a terra se abre
em amor e trabalho.

Em cada gota de suor
uma idéia
floresce no homem.
— Vencerá um dia.

Com ferramenta e não
prega no portal
prego da vida,
Vencerá um dia.

Haja sol ou não sol.
Na claridade será espalhada
a mensagem da idéia.
Na sombra vence descanso
de séculos.

A construção chega ao fim
e todos vivendo a dor
do corpo
descansam na casa do
amor e sacrifício.

VI

Neste trabalho de servir,
seu pai, filha,
construiu nossa morada.
Depois mais nada.

Ele chegou quando a noite caía.
Ele olhou casa de tábua,
se sentou na rede.
Cheirou mofo das coisas velhas,
abriu janelas.
Se despiu e jogou trastes
sobre velha cadeira.
Cuspiu vida no chão
e sorriu, porque
viera apenas para aquilo.
Amar numa calma.

E amou.

Daí, filha minha,
você é o fruto da noite.

Neste trabalho e ofício de viver,
filha minha,
vamos construindo vidas
em noites, assim, calma.

(Mensagem livre, pag. 21, 22, 23; 1971).

— / / —

GERALDO DIAS DA CRUZ nasceu em Belo Horizonte (MG), a 3 de maio de 1929. Publicou dez livros de poesias e um de ensaios. Todos premiados. O livro *O rio do signo*, Prêmio Literário Nacional do Instituto Nacional do livro (INL) — 1984, José Olympio Editora, está na terceira edição.

O SONO

I

É preciso um rio de solidão
quando a noite arde

sob pés que habitam
desertos

II

Sabemos
que hoje uma tarde se apaga
para a claridade da areia
mas
que sol acenderá
nossos olhos?

III

Reter netos
entre as flores
frutos
ervas
Orvalho abre seu leito

VI

Oh, nenhuma paisagem
que inventei
adoça meu sonho
A noite é fria em mim
como o sigilo dos peixes

(Armas do tempo- 1975)

A CASA

I

Talvez a casa não exista e tudo
seja apenas lembranças fugidias
Das janelas, dos quintais

sonâmbulos de prato; ou
infância perdida
No odor dos frutos, no perfume
ofegante das laranjas e das mangas
Verdes folhas sussurrantes

II

Como o pássaro
consumido em nostalgia
O realejo, o pião sem destino
em longas, longas voltas
vão girando nas asas torcidas
da angústia

A morte
existe na noite incandescida

III

Um repouso de pura bondade
Casa mágica, onde
dormem os avós que não sabem que dormem
O tempo cobre o olhar
de sombras e emoções
Noites e dias de ausência
e ânsia de sobreviver
no fundo coração da casa

(Rio do signo)

— / / —

GETÚLIO TARGINO DE LIMA nasceu em Loriano, Piauí. Advogado, professor, escritor e poeta. Publicou, entre outros, *Reencontros com a juventude*, ensaio; *Momentos e perfis*, poesia; *Pensamento e palavra* , ensaio; e *Universo de cada um*, poesia. Membro da Academia Goiana de Letras, da Arcádia Goiana de Cultura, da Academia Anapoli-

na de Letras e Artes, além de outras instutuições culturais. Figura em diversas antologias.

SOLILÓQUIO

Pus um dedo
na altura
da linha do horizonte
e constatei,
surpreso,
que uma simples falange
de um singelo dedo
de uma pequena mão
cobria.
com faustosas sobras,
uma quase infinita cordilheira
ou um quase imensurável oceano...

Abri um palmo
na curvatura do arco-íris
grandiluzente
e misterioso,
de promessas e esperanças
e verifiquei,
pasmo,
que do polegar
ao mínimo
contava-se a imensidão
do fenômeno celeste,

coloquei
sobre as sobrancelhas carregadas
a concha de minha mão
tão miseravelmente transitória
e comprovei,
boquiaberto,
que ela era capaz

de conter,
como uma super camada celeste,
a força da luz solar
nos meus olhos
carentes.
E, depois destes fatos,
ninguém me falará mais
em distância,
altura
ou profundidade
capaz de impedir
ou dificuldade
capaz de impedir
ou dificultar a felicidade,
se houver
u'a mão
apenas
de vontade,
no sol das ofuscastes impossibilidade;
no arco-íris das promessas
e sonhos do querer inacabado
e uma simples falange
de amor
nas cordilheiras pesadas
ou na massa oceânica
do desconhecido.

NADA é impossível.
nada é...
nada.

(Do livro inédito Sem rascunho)

— / / —

GETÚLIO VAZ é de Inhumas, Goiás, onde nasceu a 5 de março de 1931. Deputado Estadual por Goiás por três vezes consecutivas. Advogado e poeta. Foi agraciado pelo Governo Estadual com a medalha

"Mérito Anhanguera". Autor de dois livros de poemas, que pretende reeditá-los. E trabalha, atualmente, nos originais do seu primeiro livro em prosa.

ENGANO

Pensei que fosse tornar-se em verdade
Tudo aquilo que eu sonhara na infância;
Pensei ver transformada em realidade
Minha espontânea e risonha esperança

Pensei viver num mundo de bonança
Onde pudesse ver a humanidade
Entrelaçada em fraternal aliança
Numa eterna comunhão de bondade

Pensei que fosse possível um dia
Enxergar a terra toda florida
Como o passaredo cantando alegria

Pensei que fosse tudo um sonho doce
E que o amor fosse a essência da vida
Pensei que fosse, ah! eu pensei que fosse!

GLORIA MATER DEI

Majestoso e simples, santa e bela
Sobre o altar colorido de flores
Todo enfeitado, magnífica aquarela
Virgem das virgens, rainha das dores

Abre o manto de Fé, aos fiéis que Nela
Vêem lenitivo ante os dissabores
— E os "anjos da terra" coroam Aquela
Que impera como rainha dos amores

Homem! Vê, observa e medita
A graça da Santa, o riso sublime
Que jorra luz sobre a gente aflita

Deixa agora o mundanismo, esquece,
Levanta os olhos a Deus que redime
Ajoelha-te e faze a tua prece!

— / / —

GILBERTO MENDONÇA TELES é de Bela Vista, GO, 30.5.1931. Curso de Direito e Letras neolatinas. Especialização na Universidade de Coimbra. Doutor em letras e Livre-Docente em Literatura Brasileira. Professor-Titular da PUC-RJ e fundador das duas universidades de Goiás. Lecionou no Uruguai e nas universidades de Lisboa, Rennes e Mantes (França) e Chicago. Dedica-se à poesia (quinze livros). Tem livros publicados no Uruguai, em Portugal, na França e na Espanha. Prêmio Machado de Assis " (conjunto de obras da A.B.L.) Gosta de pescar.

NO CURSO DO DIA

Agora que me vou é que me deixo
ficar perdidamente nesta estrada:
vou numa roda viva, mas sem eixo,
numa coisa futura, mas passada.

Vou e não vou e assim se vai compondo
o que me está aos poucos dividindo:
não a zoada azul de um marimbondo,
mas a certeza de um amor tão lindo.

Alguma coisa vai ficando, além do
tempo em que me dou e me reparto:
ficou meu coração, ficou batendo,
batendo na penumbra de algum quarto.

Ficou o que mais quero e vai comigo:
molharam nalgum curso os seus cabelos
para compor as novas semifusas
dos meus silêncios, dos meus atropelos.

Mas no curso dos dias que há por dentro
de cada um de nós, na nossa história,
alguém por certo encontrará o centro
de tudo que ficou na trajetória.

E o que ficou, ficou: raiz noctuma
enterrada nas ruas, nos quintais;
vento varrendo o pó de alguma furna,
chuvas de pedra, alguns trovões, Goiás.

(Saciologia goiana, 1982, p.113)

MODERNISMO

No fundo, eu sou mesmo é um romântico inveterado.
No fundo, nada: eu sou romântico de todo jeito.
Eu sou romântico de corpo e alma,
de dentro e fora,
de alto e baixo, de todo lado: do esquerdo e do direito.
Eu sou romântico de todo o jeito.

Sou um sujeito sem jeito que tem medo de avião,
um individualista confesso, que adora luares,
que gosta de piqueniques e noitadas festivas,
mas que vai se esconder no fundo dos restaurantes.

Um sujeito que nesta recta de chegada dos cinquenta
sente que seu coração bate tão velozmente
que já nem agüenta esperar mais as moças
da geração incerta dos dois mil.

Vejam, por exemplo, a minha carta de apaixonado,
a minha expressão de timidez, as minhas várias
tentativas frustradas de D.Juan.
Vejam meu pessimismo político,
meu idealismo poético,
minhas leituras de passatempo.

Vejam meus tiques e etiquetas,
meus sapatos engraxados,
meus ternos enleios,
meu gosto pelo passado
e pelos presentes,
minhas cismas,
e raptos.
Vejam também minha linguagem
cheia de mins, de meus e de comos.
Vejam, e me digam se eu não sou mesmo
um sujeito romântico que contraiu o mal do século

e ainda morre de amor pela idade média
das mulheres.

(&cone de sombras, 1986,p.153.)

CRIAÇÃO

O verbo nunca esteve no início
dos grandes acontecimentos.
No início estamos nós, sujeitos
sem predicados,
tímidos,
embaraçados,
às voltas com mil pequenos problemas
de delicadezas,
de tentativas e recuos,
neste jogo que se improvisa à sombra

Pertencente à Biblioteca Cururu
Não Venda, Nem Guarde! Circule-o!
Www.jornaldepoesia.jor.br

de Carvalho Ramos, 1983. Tem participação em diversas antologias e já conquistou inúmeras premiações literárias.

"BOM DIA PARA OS DEFUNTOS"

Só os mortos nos falam
depois que a vida foi traída.

Agora que somos todos mortos,
só os últimos (retardatários)
nos dão notícias de cima.

Somos todos defuntos
em covas úmidas e rasas,
num alarido de vozes,
em vida sempre negadas.

Somos todos mortos —
e, em verdade, ainda adubamos
a terra que nos destilou
suores, esperanças e sangue
em pouca vida concebida.

Somos todos mortos
imiscuídos, em renitência,
por entre a terra fria
tão negada em vida.

Caminhar sozinho no escuro não é nada,
beber da água suja não é tudo:
pior é a permanência
deste gosto de sangue (...)

(Do exercício de viver, 2ª Ed., 1986, págs. 61, 62)

EM GOIÁS

Em Goiás
há uma tristeza velha
de que, limitado por suas cercas,
vai perdendo tudo —
as sobras do tempo.

Num silêncio sepulcral
sai grei incesta
está sempre a expor
em cada beco, janela e esquina
esquivas beatas e bobos:
aquiescência antiga das gentes
de um vasto cemitério.

(Poesia 82, pág. 43 - Antologia Nacional de Poetas, Ed. Trote, RJ, 1982)

HELENO GODOY *de Sousa* nasceu em Goiatuba, Goiás, em 1946, Graduado e Mestre em Letras, é professor Titular de Literatura Inglesa na UCG e professor Adjunto de Teoria da Literatura na UCG. Poeta, romancista, contista e crítico, publicou: *Os veículos* (poemas - 1968). *As lesmas* (romance - 1969). *Relações* (narrativas-1° ed. 1981 ; 2° ed. 1993. *Fábula fingida* (poemas-1984), *A casa* (poemas -1992), *Trímeros* (poemas -1993). Já recebeu os prêmios das bolsas de publicação "José Décio Filho" (1984 e 1991) e "Hugo de Carvalho Ramos" (1979).

pois ficaram perfeitas e gloriosas
onde o destino as colocou.

Tudo agora descansa.
O fim do dia
estende sobre o mundo
suas frágeis relíquias.

Choram as mulheres.

(Memória das águas, pág. 17-1977)

CANÇÃO

Uma é a canção que eu cantaria
tendo você em minha mão,
igual se tem na mão
o aroma de uma planta
ou a chuva nos cabelos.

Outra é a canção que eu cantaria
vendo você no meio
de minha alegria,
com a sombra em seu ninho
ou a névoa entre as árvores

e o coração.

(Memória das águas, pág. 61 - 1977)

— / / —

HÉLVERTON BAIANO (Hélverton Valnir Neves da Silva) é natural de Correntina, Bahia, onde nasceu a 15 de março de 1960. Formado em Jornalismo. É de sua autoria os seguintes livros publicados: *69 poesias dos lençóis e da carne,* em parceria com Gilson Cavalcanti,

1983; *É sassácanagem*, 1987; *Confecção de poesia*, 1992; *Lavra de laivos*, 1994; e *Histórias de Correntina*, 1996. Colecionador de prêmios literários.

ALEG(O)RIA PROFANA

Veio de povoar delícias
nas fissuras e frituras que vão a esmo
indeléveis toresmos
apagando o que a vida usurpa
nossas sobras pururucas.

Assim como despertando entulhos
mérito para quem vive o vício
como deliciosa praga
irrompendo óbvios precipícios
paraísos profanos de um sagrado inferno.

Onde se garimpar poesia
no vaso do léxico lixo?

Sempre é desbravar agruras
sorver sonhos
construir castelos de belezas reles
e louros de amar gulas e amarguras.

Temos as contas e as doidas cotas
das dúvidas quites
dos doidos que tentam
o álibi que avilta nosso alvitre.

Antes de ser vício
abrir a essencialma do ser viço
e trabalhar prazer sem compromisso.

(Poema classificado e publicado na Antologia do II Prêmio Beg de Literatura, 1994)

RESUMO

Tanto se destila
esse meu ósseo
que aos poucos abro
todo meu resumo

Tanto me embriago
torpe e sem rumo
e só me acerto
quando erro o prumo

Esse céu de súplica
já assume a esmo
todo vão inferno
que faz ser eu mesmo.

(Lavra de laivos, 1994)

ITAMAR CORREIA (Viana Filho) é natural do Rio de Janeiro, onde nasceu a 12 de março de 1952. Cantor, compositor e escritor. Dois livros publicados : *Vivo em goi,* 1978, em parceria com Leonardo Carmo. E *Araguaia meu Brasil,* poemas, 1981. Na música, gravou os discos *Capim cheiroso, Araguaia, meu Brasil e Brinquedo atômico- Goiânia Rua 57.* Defensor atuante da Preservação do Cerrado e do Rio Araguaia. É produtor independente.

ARAGUAIA MEU BRASIL

Amantes rolam na areia
Areia solta no ar

Águas que nos divertiam
Nelas irmãos combatiam

O Araguaia é o meu Brasil
Quanta gente ali sumiu

Rolando nas ribanceiras
Passarinhos, tracajás
Mortandade incontrolável
Lamentável de olhar

O Araguaia é o meu Brasil
Quanta gente ali sumiu

Aonde morre um homem livre
Os bichos morrem também
Nas matas sou homem livre
Se me matarem também

O Araguaia é o meu Brasil
Pátria livre quem te viu

(Araguaia meu Brasil, pág. 31, 1981)

— / / —

ITAMAR PIRES *Ribeiro* é goianiense, 35 anos. Poeta e contista, publicou seu primeiro livro em 1990 — *Livro de Heitor*, poemas. Tem poesias e contos selecionados para as antologias do Concurso Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte, 1992. Com o livro *Contos de Solibur* vence o concurso da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, 1993, venceu ainda o III e o IV Prêmio BEG de Literatura, na categoria conto, classificado com trabalhos de poesia e contos nas quatro primeiras edições daquele concurso. Tem inédito *A arte de pintar elefantes*, prêmio de poesia da Bolsa José Décio Filho 1993. É jornalista e ex-secretário de Cultura de Goiânia.

LÍRICA I

O infinito nesta taça de vinho,
Brilha. Passarão os sóis e as galáxias,
Murchas como flores que alguém joga fora.
Mas pronuncias tão docemente
O Nome, somos um deus pleno,
A sustentar contra nada
O universo, nesta taça de vinho.

(Livro de Heitor, pág. 85, 1990)

SOMBRAS

Sombras que passam, meu filho,
São os mortos voltando para casa.

Cansados, vêm da morte antiga
Vão para o fim da rua
Dobrar a esquina quieta
Onde cantam as donzelas da lenda.

Não os atrapalhe, não os invoque, não .
Contam longos casos, não os ouça.
Mortos e vivos respondem
Mesma pergunta, nada perguntes.
Não vale a pena.

Por que tentá-los ?
Cantam tão baixo quanto a brisa
A degolar o orvalho.

Um rio que desliza —
Deslizam.
Ninguém além da noite que cai,
Trespassada, ferida
Pela imagem da lua que nasce,

Imagem da lua que nasce, apenas.
Não creia em lendas.

(Livro de Heitor, págs. 45, 46, 1990)

— / / —

IÚRI RINCON GODINHO nasceu em Goiânia, em 1° de julho de 1964. Formou-se em Jornalismo em 1985 e, no ano seguinte, abandona o Curso de Direito e instala a Contato Veículos de Comunicação, especialista em Assessoria de Impresa e publicações em geral. Foi presidente da União Brasileira de Escritores, Secção Goiás. Publicou. *Uma luz no fim do mundo*, poemas, pelas edições Consorciadas, UBE-GO, 1990.

ANJO

O anjo que soprava poemas de concreto e
gelatina
aos meus ouvidos
bateu asas azuis rumo a outro poeta
menos avesso.
Talvez eu tenha ficado avarento,
infiel, Rede Globo.

O anjo, então, perdeu a permissão de interferir
e eu, por conseqüência,
mergulhado e afogado nas manchetes
mundanas de dor,
de escrever.

Agora, com minha mente de fera
e rock
teço comentários sobre a vida :
batatinha quando nasce
se esparrama pelo chão.

Como a mulher,
os anjos brigam
quando vêem em nós os defeitos
e nos descobrem enforcados
na corrente do trânsito cotidiano.

Às vezes,
anjos desistem de pregar
os botões da consciência.

(Uma luz no fim do mundo, 1990)

JORNAL NACIONAL

Você senta na sala
e tem tudo o que quer :
televisão, almofada, mulher.

Liga no Jornal Nacional
e pouco efeito faz
este viveiro de tragédia
liberto em sua jugular.
Terminando o programa,
paciente, insere o cartucho no vídeo-game.
Matando, desanimado, os monstrinhos,
espera a banda passar.

(Uma luz no fim do mundo, 1990)

— / / —

IVAIR LIMA é de Jacuí, Minas Gerais, onde nasceu a 31 de agosto de 1946. Psicólogo, jornalista e poeta. Autor de *Poesia de combate*, edição em arte xerox, pela Divagar e Sempre. E publicou também *Plumas e porradas*, ao lado dos poetas Adaglion Aires de Andrade e Edmar Guimarães. Reside em Goiás há mais de 40 anos e é repórter do DM Revista do jornal **Diário da Manhã.**

S.O.S MEIA PONTE

Rio
Rio
Rio
Rio

Peixe
Peixe
Peixe
Peixe

O peixe morre pela boca
O rio morre pelo cu.

Quem manda a gente cagar no rio?

(Plumas e porradas, págs. 63 e 64, 1995).

LÓGICA

Tudo tem sua lógica
herói é pra virar estátua
estátua é pra pombo cagar em cima,

Pombo é pra columbófilo tarado
matar a tiros
tarado pobre é pra apodrecer na prisão
e a imprensa marrom tirar o maior sarro.

Tarado rico é pra dar entrevistas maravilhosas
à playboy, para os tarados da classe média
- que não comem ningúem na marra nem a dinheiro
- se deliciarem a ter muitos motivos
pra bater punheta.

Tudo tem sua lógica
herói, estátua, pombo, tarados...
imprensa marrom e multicolorida.
Viver é um grande barato
tudo está certo na vida.

(Plumas e porradas, págs. 64, 1995)

— / / —

IVAHY AUGUSTA MARQUES é goiana de Piracanjuba-GO., onde nasceu a 7 de julho de 1927. Professora normalista, com curso de Pedagogia, pela UNB. Autora do livro *Alamanda*, poemas, editado pela Kelps, em 1995. Membro da Academia Piracanjubense de Letras e Artes e da União Brasileira Escritores, secção Goiás. Vai publicar em breve o seu primeiro livro de prosa: *Contos que me contaram.*

A NEVE

No extremo norte da Américi
via a neve cair
bela e fria.

Cai branca e leve,
voa no ar de mansinho,
silenciosa, fofa.
Dança sem música
sobre telhados,
gramados e galhos,
fazendo da paisagem
uma visão de sonho.

Agasalhei-me: vesti as botas,
calcei o gorro de pele,
embrulhei-me de coragem
e sai
e andei e correi...

De repente gritei:
My God,
leva-me daqui,
minha América
é a do Sul,
morada do sol.

(Alamanda, pág. 123, 1995)

ÁGUAS MANSAS

Do rio que amo.
Suas águas
deslizam sobre o leito
forjado entre rochas;
vencendo pedras
e quedas
suas águas espumam.
O vento o cobre de caraíbas.
O rio indiferente
agoniza.
Suas águas turvas,
locas lodosas
não são mais morada
do peixe Piracanjuba:
o dorso
brilhante
como que esculpido no
ouro e prata esmaeceu.
Suas guelras escancaram,
ávidas do oxigênio que a
poluição engoliu,
o lodo sufocou.
Matou a vida.

(Alamanda, pág. 117, 1995)

IZABEL DIAS NEVES (Belinha) nasceu em Tocantinópolis, hoje Estado do Tocantins, em 1935. Cresceu na roça. Fez pedagogia na UCG, Goiânia, e mestrado em Educação na PUC do Rio de Janeiro, É professora da UFG. Foi premiada com uma crônica no II Concurso BEG de Literatura. Publicou *Fardo florido* (poemas), em 1995.

CANTO DO SERTÃO

A mão que desnuda o meu horizonte
é azul;
a paz que determina os meus limites
é verde;
O povo que caminha a minha estrada
é da roça;
o chão que abraça os meus pés
é santo.

Esse canto do sertão
sedimentou
meu (uni)verso.

(Fardo florido, pág. 15, 1995)

JACY SIQUEIRA, goiano de Pires do Rio, nasceu em 1935 e, em 1953, transferiu-se para Goiânia. É um dos fundadores do jornal **Diário da Tarde**, que se publicava na Capital do Estado. Destinado do jornalismo, dedicou-se inteiramente ao serviço público estadual, do qual é aposentado. Tem 13 livros publicados, destacando-se entre eles : *Do tempo e do espaço* (livro de estréia), *Poesia de alguém e do Eu também, Outono, quarteto em bruma* e tem pronto *A primavera ensina ao pássaro o voar*, Entre seus livros de ensaios, destacam-se a *Banda ontem e seu futuro e Despontar da goianidade*.

SALMODIA CERRADINA

um

Em vão colhes minhas flores.
Elas machucarão e secarão,
e se agarras a elas como se fossem
a vida.
Uma dia ás jogarás aos punhados,
as flores fenecidas — mortas,
sem perfume.

A cada dia canto.
Canto um conto novo,
e não me escutas entre meus sabores,
as novas frutas de meus braços.
Vens com flores novas
e dou-te meu canto novo no coração.

Não te deixes errar pela terra.

Eis nossas novas flores e perfumes,
meu canto novo
que te dou do coração.
Regozija. Dissipa essa tristeza
na terra — água de chuva e rio.
Ao conto novo, pelas flores
novas, regozija !

Ainda não,
mais será preciso abandonar a terra.
Que te esqueças de minhas flores,
e mais não cantes meus poemas.
Te abandonarão as minhas flores,
tu esquecerás os belos poemas.

Dois

Pelos meus braços e pernas
tatuo as minhas flores.

Arranco do sumo da terra
o sumo de meus frutos.
A oferta faço no casulo
uma esperança e a morte
ou uma cartola mágica
fazendo cachoeira.

Habito a terra e sou a terra.
Meu ventre te espera
sem fome nem sede.
Apenas te espero sem pressa,
e boca te olho, com tempero.
Na magia do dia
sou o solo pisado,
a essência que tu és
e eu sou.

Nalgum amanhã,
serei um pouco mais
do que és agora

Três

Meu coração não irá com as flores
que tu colhes de meus braços.
Irá com meus frutos e vida,
que não percebes.

Na paisagem terrana
tenho a esperança da volta.
E renovarei meus cantos,
novamente darei flores.
O teu canto sobe pelo tronco e folhas

e, delicioso, delicadamente, alcança
a esfera do Sol.
Depois cairão no outono as flores
e o teu canto será infecundo.

Passarela estropiada, eu canto
uma canto novo
enquanto tu colhes as minhas flores
e os belos poemas de minha carcaça.

(Inédito)

— / / —

JESUS BARROS BOQUADY é de Crateus, Ceará, onde nasceu em abril de 1929. Poeta e jornalista, autor de diversas obras éditas e inéditas, nos gêneros poesia, teatro, ensaio e conto. Detentor de vários prêmios literários. Viveu em Goiânia desde 1941. Formado em Direito e Letras Modernas, mora hoje em Brasília.

RIOS

Fim de tarde, anoitecer
nas margens do rio goiano,
pequenina luz brilhando
de canoa que se vai,
o casco molhado e frio.

Canoeiro desce o rio,
num soluço que contém
lembranças do amor deixado
lá em cima, no povoado.

Quem olha o rio descendo,
rio lento ou violento,
nas corredeiras das pedras
pintadas na flor das águas
cortadas pelas tristezas

do canoeiro saudoso,

nem lembra que há pouco instante
tinha ele o corpo da amante,
um corpo que dava gosto...

(*Romanceiro goiano*, págs. 40 e 41, 1971)

BOI-DE-CARRO

Mas um boi está guardado:
é boi de carro-de-boi
ou vai rodar as moendas
do engenho que lembra o tempo.

Não inteiro, esse foi sonso
vive no mundo vagando.
Os olhos e o coração
de boi castrado, que são?

Nas nuvens desaparece
o equilíbrio do carro
que vem do grito das rodas, girando pelo infinito.

(*Romanceiro goiano*, págs. 68 e 69, 1971)

— / / —

JESUS DE AQUINO JAYME é de Pirenopólis, GO. Escritor, jornalista, advogado e músico. Publicou os livros *O Cometa de Halley* (crônica-novela); *A viagem das chuvas*, contos ; *Rei dos pampas*, teatro; *Porto seguro*, poemas; *A porta_*, poemas. Escreveu também dois roteiros para cinema: *A fraude*, filmado em 1968 ; *O Puxador de cego*, inédito.

ANAUÊ 1964

Ah Brasil !
Eh Brasel !
Ih Brisil !
Oh Brosol !
Uh Brusul !

Prêmio Nobel de lombriga
milagre sifilítico
bronha de lobisomem
aides de urubu

Ceasa de bosta
Ibope de cu.

Ave !
Viva !
Foda-se !

(Porto seguro, pág. 37 ; 19)

MARIA BRANCA

Quando Maria Branca morreu
de dolorosa dor doída
seis anjos halterofilistas
desses que parecem jamanta
içaram com as mãos-guindastes
o caixão aeródromo
e com passadas fura-asfalto
e depositaram ao pé do altar
da Igreja Matriz de Campinas
onde o padralhudo Franciscão
tal qual um Júpiter de batina
trovejou missa-tonelada
e explodiu sermão-atômico.

Mas nem precisava :
o coração da morta era turíbulo
sua alma passarinho
saiu voando feito pluma
e penetrou no céu por uma greta.

(*Porto seguro, pág . 32 ; 19*)

NÃO SABES ?

Soldado : não atira sem mais não !
Não vês que estás diante da multidão
e que a multidão é teu pai, tua mãe
é teu irmão ?
Nos quartéis ensinaram-te a marchar
deram-te ordem-unida
mas agora estás nas praças
e não deves marchar.

Faze meia-volta
e une-te à multidão.
Disseram-te que não tens amigo ?
Lembra-te do carroceiro
que transportou tua mudança
do pedreiro que passa diariamente
por tua porta
e cumprimenta-te.

Disseram-te que não tens amiga ?
Lembra-te da lavadeira que lava tua roupa
da passadeira que engoma tua farda
da mulher grávida
a quem se estende a mão
para descer do ônibus.

Disseram-te que não tens irmão ?
Já se viu soldado sem irmão ?

Quem são esses milhões de camponeses sem terra
esses milhões de operários sem fábrica ?

E porque te conheço
te chamo :
irmão meganha !

Espeta teu quepe na baioneta
e oferece-o à multidão
mas não dispara
contra o próprio coração !

(*Porto seguro. Pág. 79, 80, 19)*

— / / —

JOÃO CEZAR PIEROBON nasceu em Goiânia, a 26 de novembro de 1938. Formado em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autor do livro *Ausência e presença,* poemas, prefaciado por Bernardo Élis, Goiânia, 1992. E tem, em preparo, outros originais de poesia.

O QUE MOVE SÍSIFO

Que as musas me auxiliem,
Nos dédados abismais das palavras,
Ensinem-me a dominar
A torrente de lava,
Esse vulcão de fogo
Espiral cósmica
Dentro do meu corpo,
Qual dragão que dardeja raios
Pelos olhos e boca.

E me ponham no espelho
Das águas vítreas
Embaçadas pela névoa,

No lago da tranquilidade
Cinzenta e morna,
Da sensibilidade selvagem,
De onde, como um monstro,
Se lança aos ares
Uma torre de pedra,
Um Titã a desafiar os tempos,
A refletir os róseos do sol poente,
Sob um escuro e espesso céu
De espumas pretas,
A derreter chumbo sobre a terra.

Para lá se atrai
A minha alma trêmula,
Como um pássaro frágil,
Engolfado na fúria
E no jogo primordial dos elementos.

Inspira-me, oh! Musas.
Dai-me as cores dos acordes
Da lira mágica de Apolo.
E que delas possam
Vibrar sons celestiais,
Para contar em versos
Os passos do homem,
Curvado pelos milênios da humanidade,
Suportando o fardo dos séculos,
Igual a Sísifo
Que depois do triumfo
Recomeça a cíclica e árdua tarefa,
Amarrado aos elos
Encadeados da eternidade.

O que move Sísifo
Na ascensão
Senão o desejo
De se libertar da dor?
Ou o desafio

De terminar a sua maldição?
Como o homem na subida
Da encosta dos tempos
Do Homo Sapiens
Para o Homo Faber.
Para lá, no cume,
Quedar-se perplexo
Homo Ludus bestificado.

Eis-me diante de Ti!
Frente ao sol fulgurante
Do Teu rosto,
Senhor do ato
Do meu destino
Inundado pela Tua luz.

O que move Sísifo
Na descida
Senão a vontade
De ser imergir na dor?
Ou a coragem
De iniciar novo castigo?
Do Homo Ludus
Para o Homo Homini Lupus.

Eis-me diante de ti,
Barcaronte!
Senhor do ato
Do meu destino
Sem a espada
E sem o escudo de Perseu,
Horrorificado
pelo olhar petrificante
E pela flecha da Medusa.

Tirésias!
Tu que perdeste

O presente luminoso
E ganhaste o dom de ler
Na escuridão do futuro
Por tua imprudência de ver
A deusa nas fontes,
Na pureza das águas,
No mundo primevo,
Dize-me!
O que move Sísifo
Na inutilidade dos seus atos?

O astuto guarda o mutismo
Frio das Rochas eternas.
Não revela mais segredos.

Tirésias!
Dá-me a visão
Dos fios escondidos
Alma Mater
Dos atos átomos inúteis
Anti-heróicos dos homens.

Eis-me face aos teus olhos
Cego Tirésias!
Eu que troquei
O fulgor do bronze
Pelo cintilar
Resplandecente da bomba
Que vomita
Metais vermelhos
Que devasta
Com mãos invisíveis,
Que liberta, pelo espírito,
As forças
Demoníacas da matéria,
Nas batalhas sem heróis
Que no teu tempo
Contemplavam as almas

E mortes nos olhares
Em gestos de coragem,
Amor, ódio e glória.

Aquiles e Heitor,
Em seus espectros,
Não mais nos visitam
E nem mais nos pertencem.
Fugiram indignados
Nas suas quádrigas aladas,
Para os reinos perdidos
De outras galáxias.

Mas, Sísifo
Na planíce não pára.
Nem o homem
No meio da imensa negridão.
Há que se recomeçar sempre
E sempre uma nova subida.

E a humanidade
Retoma a sua Babel
Como que purificada
Nos pântanos
E enlevada no desejo
De tocar as estrelas.

Sísifo
Com a sua pedra.
O homem
Com a sua sombra.

Sísifo
Nada sabendo
Da sua pedra.

O homem
Nada sabendo

Da sua sombra.

Será
A sombra
A pedra do homem?

Será
A pedra
A sombra de Sísifo?

Quem responde
Por essa fatalidade?

A pedra
E o que move Sísifo?
A sombra
É o que move o homem?

Quem responde
Por esse absurdo?
A pedra e a sombra
Percorrem caminhos simétricos.
A pedra
Se agarra a Sísifo nas trevas
para o seu infortúnio.
A sombra
Se apega ao homem na luz
para a sua perdição.

(Ausência e presença, págs. 17, 18, 19, 20, 21 e 22, 1992)

— / / —

JOÃO FELÍCIO DE OLIVEIRA FILHO é de Urutaí, Goiás, onde nasceu em 1949. Autor do livro *Cidade temporária*, poemas, 1987. Tem poemas publicados em duas antologias, uma na Bahia e outra no Rio. Jornalista, professor de Inglês e atual Secretário Municipal de Cul-

tura de Urutaí. Foi Secretário-geral da CGE — Confederação Goiana dos Estudantes, no negro período de 68/69.

ECOS D'ALMA

O que sou ?

Uma ferida aberta no centro de uma flor
ou o brusco frear de um grito
prestes a eclodir no silêncio
do infinito ?

O que sei é que sou um buraco invisível
engolindo os ecos da minha própria voz.

(Cidade temporária, pág. 15 ; 1987)

O LADO ESCURO DA LUA

Há uma Hiroshima ardendo na minha alma
há crianças famintas gritando dentro de mim
há serpentes na esquina me esperando
há prenúncios do princípio do fim.

É possível que eu fuja com os meus fantasmas
para o lado escuro da lua.
É possível que eu fique louco e tire as roupas
e saia em silêncio pelas ruas.

(Cidade temporária, pág. 20 ; 1987)

— / / —

JOSÉ FERREIRA DA SILVA nasceu em 1940, na cidade de Aruanã, Goiás. Bacharel em Filosofia pela UFG. Autor do livro *Mensagem de sal*, poemas, Goiânia, 1967. Ex-membro do Grupo de Escritores Novos-GEN, e tem colaborações publicadas em diversos jornais, revis-

tas e antologias de poesia em Goiás.

A FALA DO CENTAURO

– meus olhos de pedra
já viram dois mundos
e um milhão de deuses!

(*Mensagem de sal*, pág. 65, 1967)

MORCEGO

Pedaço da noite
que a carne
e o sangue geram

negra borboleta
de frio império
cópula de amor e ódio
na infernal espera.

(*Mensagem de sal*, pág., 33, 1967)

O SAPO

No fundo deste brejo
há um sapo
bem maior que o mundo
pois quando ele canta
o sol se põe
O sol e o sapo

não se amam
mas o sapo e o brejo
são verdadeiros irmãos

(*Mensagem de sal*, pág. 55, 1967)

JOSÉ GODOY GARCIA é de Jataí, Goiás, onde nasceu a 3 de junho de 1928. Advogado. Publicou o seu primeiro livro *Rio do sono*, poemas, em 1948, pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos. Tem nove livros publicados, entre poesia e prosa. Mora em Brasília.

OBRIGADO SOL

Não há solidão no corpo da terra
porque o seu trabalho é cantante
como as batidas do coração.
Não há solidão no corpo da terra.
Ela é prática, realidade, mansidão.

A terra é nova,
fruta ainda amadurecendo.
Obrigado, Sol, infinita bondade.
Inesquecível sol, meu camarada e bonachão. Obrigado !

Vulva terra, verde mestre ! Amar de animais e pedras coloridas !
Amar de abelhas e porcos selvagens !
Amar de peixes ! Amar de pássaros !
Amar de algas e corolas !
Amar de cavalos e touros
Chuvas !

Sementes ! Tempestades ! Frutas !
Obrigado, Sol, de infinita bondade !
Amar de homem e de mulher, obrigado !

(*Araguaia mansidão ; págs. 20 e 21, 1972)*

EVOCAÇÃO DE MARIA ELVIRA

Um dia Maria Elvira me chamou no quintal de sua casa,
subiu no pé de manga,

apanhou manga
e jogou uma
especialmente
para mim.

Joga, Maria Elvira! (A calcinha dela estava suja).

Maria não morreu até hoje,
nem está casada.
Seria uma história muito triste
se uma dessas duas coisas
tivesse acontecido.

(Rio do sono, pág. 20, 1948)

ESPONJA

A noite é uma mulher.
A noite quieta tem uivos
de uma cachorra doente.
A noite é como o silêncio
de um animal sofrendo.
A noite é pura como as mulheres
que andam à cata de homens.
A noite é a mesma criança sem rumo
como as que pedem esmolas instruidas pelos pais.

A noite é uma mulher morta em desastre quando levava comida
para o marido operário...
A noite é um brinquedo de criança no lixo.
A noite é uma esponja embebida da alma
do povo exausto de sofrimento e desonra.
A noite é uma filha perdida
e hoje uma das piores mulheres do bordel.
A noite é uma irmã entegue aos donos
das repartições públicas com reservas e humilhações.

A noite é uma velha vendendo bilhete de loteria,

como se fôssem pérolas extraidas do vento,
das árvores, do mictório de ardente impureza.

A noite é pura como as coisas desgraçadas,
e bela, como tudo que é humano, e humilde
como as mulheres impuras.

(Rio do sono, págs. 11 e 12, 1948)

— / / —

JOSÉ MENDONÇA TELES é de Hidrolândia, Goiás. Autor de 19 livros, entre poesia, contos, crônicas e ensaios. Conquistou vários prêmios literários. Ex-presidente da Academia Goiana de Letras, ex-secretário de Cultura de Goiânia, professor universitário aposentado e atual presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Escreve crônicas para "O Popular". Está, há mais de 10 anos, trabalhando na elaboração do *Dicionário do escritor goiano.*

ARAGUAIA/ARUANÃ

Trago o Araguaia dentro de mim.
Trago um trago de cachaça e um
cheiro de mata
desses barrancos sem fim.

Trago o Araguaia neste lado
esquerdo que pulsa
e bate fundo no calor da emoção :
Aruanã - porto a porto,
dois rios se encontrando
nem aperto de mão.

Trago o Araguaia no doce gole
de um trago - Bar do Elpídio :
e doses de saudade dessa praia
dessa traia

onde me embriago !

E quando o telefone dispara
a tocar
e a tevê não pára de falar
e a campainha insiste em tocar
e o jornal do dito popular,
pego minha trouxa de pensamentos
e vou,
viajo
longe
cavalgo neste trote de lembranças
embarco neste barco de esperança.
Vou-me embora,
até amanhã.
Lá vou eu para o Araguaia.
Lá vou eu para Aruanã.

(Quando os flamboyantes florescem, págs, 31, 32 2° edição, 1989)

MENINO DE RUA

E toma cascudo
e toma bolacha
vê-se endireita
menino moleque
menino de rua
vadio, atrevido
qual é a sua ?

Ainda manhã
bem cedo gritando
no sono da gente
seus gritos jornais
batendo na porta
querendo comida
pedaços de pão
migalhas de arroz

não negue, seu moço !
Latinha na mão .

E toma porrada
e toma cascudo
menino sem pai
menino ladrão
moleque atrevido
ainda te mato
te bato, te enforco
te jogo no rio
menino vadio
me deixa em paz
eu quero sossego
eu quero dormir
guardar os meus sonhos
guardar meu segredo
meu ócio, meu cio
menino vadio
eu quero dormir
eu quero sonhar.

E indo, vai indo
menino moleque
levando seus trapos
qual bicho do mato
na selva da rua
andando, catando
jornais e comida
nas mãos dessa vida
nesse campo sem rede
sem bola e sem gol -
pé na praça do sonho.

Menino de rua
qual é a sua ?

(Quando os flamboyantes florescem, págs, 36, 37 2º edição, 1989)

QUARTA FEIRA, 3

Eu quero te amar mas tenho medo.
O amor tem emboscadas.
E se eu me perder entre as teias de
teus dedos ?

Eu quero te amar mas não sei como
muitos sonhos revoando na cabeça.
Indeciso vou dizendo que te amo.

Eu quero te amar e vou amando
teu jeito de ser e de falar,
quando acerto meus olhos no mistério
de teu olhar.

Eu quero te amar mas tenho receio.
Como segurar a paixão que me leva
a devaneios ?

À noite, a insônia na janela, o silêncio, a luta.
Em mim, toda a presença tua.
O que fazer agora, com tantos sentimentos
espetados nos meus dedos ?
Eu querendo te amar, te querer, te engolir
nos meus lençóis,
mas tenho medo !

(Amor diário)

— / / —

JOSÉ SEBASTIÃO PINHEIRO *de Souza* nasceu em Monte Alegre de Goiás, a 9 de maio de 1954. Formado em Comunicação Social / Jornalismo, pela Universidade Federal de Goiás e em Agrimensura, pela Escola Técnica Federal de Goiás. Já obteve vários prêmios nacionais nas áreas de literatura e jornalismo. Publicou os seguintes livros de

poesia: *Janelas* (1981); *Vôo esperança* (1984) e *Calundu* (1989). É jornalista de "O Popular" e "Jornal do Tocantins", da Organização Jaime Câmara.

PILÃO

pila, pila, pilão
pila a fome e faça o pão,
pila a agonia
de panelas vazias,
pila tudo
e mantenha o pão...

pila, pila, pilão
pila a desgraça
e de mãos calejadas
faça surgir os grãos
pilando a fome
e deixando o pão...

pila, pila, pilão
pila a falta de pão
e alimenta,
mesmo de grão em grão,
os filhos dos donos
das mãos que pilam,
pilam, pilam,
pilam a fome no pião...

(Vôo esperança, pag. 25, 1984)

FERIDAS

foi tentando
o perfume da flor

que espinhos
sangraram fundo o amor...

(Calundu, pag. 70, 1989)

KLEBER BRANQUINHO ADORNO é de Goiânia, onde nasceu a 17 de dezembro de 1953. Advogado. Ex-presidente, por dois mandatos, da União Brasileira de Escritores, Secção Goiás. Ex-secretário de Estado da Cultura de Goiás. Ex-presidente do Fórum Nacional de Secretários da Cultura. Tem quatro livros publicados: *Avanço 1*, poesia, 1968, *Procissão para salto frouxo & outros contos do mesmo feitio* (em parceria com Hugo Zorzetti), 1987; *Sinfonia do só*, poesia, 1984; *Secreta seiva*, poesia, 1992. Ex-deputado estadual e ex-secretário de Cultura de Goiânia.

MEU PEDAÇO

Teu colo
ainda é meu pedaço
nele guardo minhas dores
os contos de fada
meus vários amores.

Teu colo
é como meu quarto
nele me prendo, me espraio
me aquieto, me re-colho.

Teu colo, ah teu colo,
meu solo, meu espaço,
nele me rendo, me espalho,
me escondo, me encolho.

Depois, manso manso
saio sem saída,
de novo me divido
me desfaço.

(Secreta seiva, pág. 31 ; 1992)

VISITACÃO

No primeiro dia
quero nutrir-se do sol,
compondo-se de vida o corpo,
e amar o derradeiro suspiro
como se fosse o último ar.

Quero deixar meus olhos
cavalgarem o perímetro das coisas
sem compromisso com a forma
e lançar o primeiro grito
sem intimidade com a dor.

No último,
quando o cerimonial de santos
exigir a minha retirada,
hei de lembrar-me do primeiro sopro
quando abandonei as estrelas,
despedi-me das nuvens
e vim, solitário,
habitar a saudade.

(Sinfonia do só, pág, 99 ; 1984)

LÊDA SELMA é de Urandi, Bahia, vive em Goiânia desde tenra idade. Foi cronista da Folha de Goiás. Formada em Letras Vernáculas e ex-professora de Língua portuguesa e Literatura brasileira. Membro da Ubego. Publicou os seguintes livros de poesia : *Das sendas à travessia*, 1986; *A dor da gente*, 1988; e *Fuligens do sonho*, Edições Consorciadas-UBE-Goiás, 1990.

DIVAGAÇÕES

Com roupas de solidão
busco um colo. E só
o do sofá verde (e gordo !)
da sala me acolhe.
E feito feto me encolho.

Tranco os olhos.
Ponho asas em meu pensamento
que depressa chega a Viena
e me encontra : sou princesa !

Por trás do sonho
machuco as almofadas
onde deitei meu sono
(já não tenho rendas e babados !)

Vinícius pressente minha solidão
e com a voz molhada de uísque
me possui em versos.
A dor me recompõe :
continuo mulher
e poeta !

(A dor da gente, pág. 67; 1988)

NO MEIO DE TI

No meio de ti
ladeado por pilastras
um paraíso avelado.

E dele eclode a fonte
de onde jorra o prazer
como ópio que alucina.

No meio de ti
o desejo que me busca :
pássaro agitado.

E em teu nascedouro
a vontade esfomeada
que me faz fêmea e mulher.

No meio de ti
nesse teu parque encantado
tua imurchável fome de mim.

Pertencente à Biblioteca Cururu
Não Vend: Guarde! Circule-o!
Www.jornaldepoesia.jor.br

(A dor da gente, pág. 33 ; 1988)

— / / —

LUIZ ARAÚJO PEREIRA fez sua estréia literária com o livro *Ofício fixo*. Poemas-praxis, 1968, prêmio da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos. Com o livro de contos *Pequenas perversões* (ainda inédito) obteve o 1° lugar no Concurso Nacional de Literatura da Caixa Econômica do Estado de Goiás. Participa de várias antologias de ficção e poesia. É licenciado e bacharel em Letras. Fez curso de pós-graduação na Escola de Altos Estudos de Ciências Sociais de Paris.

SOCIEDADE 4

Olha ela
na janela

olhar de só
só vela :
ela

Terra nela
é donzela
tarar de só
só se ela
serve

Pensa nela
com novela
pensar de sem
sem ela :
bela

Sabe dela
sem cautela
sabe bem só
só ela :
trela

Toda ela
em mazela
ei-la mais
mais ela
na vela

(*Ofício fixo*)

AGNUS DEI

homem de cara mais dura
        remember Honduras oh poder destroços
que assaltante que nada nem polícia
essa expressão eu a encontro em todas as partes
como o senhor vê
        se é que tem olhos para isso

sinal da conversão do capitalismo ao inferno ?
I don't know signos de tudo
do mar e das lendas coletivas
quanto a mim vou tocando
dia sim dia não um olho aberto outro fechado
que não sou bobo com os lobos
é preciso se virar bicho
nas ondas segurar as pontas
minhas cara às vezes anda também azeda
quando Narciso me abandona
quando recebo um golpe baixo
quando saber do mundo descubro é lindo
e nem sei
ah perder a cabeça diante das coisas simples
não tem achados & perdidos perdeu perdeu
se morrer dentro do círculo de giz
girassol giramundo
como Gramsci em graça sob o fogo fascista
na cal de teu corpo mãe nascida e morrida Maria
ai de ti século silencioso
sal dos mortos solidão
é tudo e não é nada a náusea é ávida
tudo ou nada dizendo : fique mulher Marte é longe
e mal sabemos bem
os estranhos caminhos de São Thiago
o senhor estende o verbo roer, se
a vida é um fosso escuro
um SOS náufragos
um negro fuzilado
e nem todos os dias a gente mói o braço do patrão
nem beija as mãos de Deus.

(1987)

CARTA DO BRASIL

são milhares os infelizes que não
cabem no matadouro de Deus na cidade o gentio embrulha seu medo

barroco em fortes chamados casas o Brasil produz tantos políticos que não valem a bosta de cachorro que a madame pisa distraída depois do êxtase no shopping o voto às vezes é um verme é um verme que plim-plim no cérebro dos robôs esses programados pela tevê : sombras da Somália ?
o abominável homem do lixo?
tristes psycho tropiques : Alan Kardec dando sopa no baú dos pobres : somos um mito que

derrapa feio nas metáforas da bárbarie : cair no esgoto ou no real tanto faz : o país não tem mesmo concerto de cabeças negras sem falar dos índios que já são outro et cetera e não cabem mais no velho latim de Anchieta.

(1993)

— / / —

LUIZ ALBERTO DE QUEIROZ é goiano de Cristalina, onde nasceu em 1952. Advogado e jornalista, escritor e poeta. Autor de dezenas de livros publicados, com destaque para pensamentos, parábolas, reflexões, estudos políticos, histórias, crônicas, etc. Membro de diversas entidades culturais.

UM MUNDO NOVO

Tudo ficará vazio e incerto
Por onde caminha a humanidade,
O mundo transformará em deserto
Salvando apenas os que tiveram humildade.

"Os vivos terão inveja dos mortos",
Assim disse um profeta,
O fim será tão amargo
Que neste dia não existirão mais poetas.

Uma nova geração virá, sem sofrimentos
Onde não terá guerra, fome e doença.

Um mundo de grandeza e encantamento
Pois todos serão unidos em uma só crença.

(Sonhos desiguais, pág. 75, 1985)

— / / —

LUIZ DE AQUINO ***Alves Neto*** é de Caldas Novas, 1945. Estreou em livro em 1978 (*O cerco e outros casos*, contos.). Autor dos seguintes livros de poemas: *Sinais da madrugada*, 1983 ; *De mãos dadas com a lua*, 1934; *Cantos de amar*, 1986; *Menina dos olhos*, 1987 e *Isso de nós*, 1990. Membro efetivo da Academia de Letras e Artes de Caldas Novas. E como profissional da impresa goiana, escreve reportagens e crônicas, preferencialmente sobre temas polêmicos. Exerce atualmente a presidência da UBE-GO. *As razões da semente* é o seu mais novo livro de poemas, 1996. Membro da Academia Goiana de Letras, na cadeira deixada com a morte de Carmo Bernardes.

INSÔNIA

Esta noite, meu Deus, vai haver uma estrela tímida
que só eu sei achar a imensidão
só comparável à solidão que escolhi.
Esta noite, meu Deus, haverá um silêncio em meu peito
e uma ansiedade nos olhos
para me ajudar a esperar pela aurora, enquanto desejo a
eternidade
desta escuridão.

Existe uma lua tentando surgir
em meio à neblina
e meus olhos se expandem ante a luz pálida.
Os sonhos, cultivo-os antes de dormir,
porque tenho medo de não me lembrar deles
quando acordar.

Na calçada, passam passos

marcados no ritmo romântico
da pulsação que me mantém de pé.
Meus olhos procuram o vulto
que o coração teme
e a sinceridade dos sons, meu Deus,
inspira o medo na notícia trágica.

Se uma estrela cair esta noite
não terei forças
para desejar nada.

Esta noite, Senhor, eu quero dormir
sem sonhar
porque terei medo
do sol amanhã.

(Sinais da madrugada, pág 27, 1983)

REFLEXOS

A cara amarrada de todas as tardes,
o rosto enfeitado de cada alvorada
isto é coisa de berço e não tenho sorriso
que me torne bonito

(às vezes, dizem, eu rio com os olhos
e aí consigo um sorriso de volta).

Os gestos que faço agravam meu rosto.
O jeito indigesto da minha poesia
agrava o destino, eu sei
(às vezes, dizem, consigo um efeito
feliz e encontro um sorriso de volta).

A voz exaltada, o grito rouquenho,
o grito de apelo e apelo em silêncio
- isto é coisa de tempos perdidos, idos além

do nosso estar em paz
(às vezes, eu sei, consigo um silêncio
de paz e acontece um sorriso de volta).

Mas quero buscar muitas coisas bonitas
que já vi e vivi (em teu colo), em amor
eu não quero mais nunca
ficar de mal contigo
(às vezes, quem sabe, eu cumpro a
promessa
e aí consigo o teu sorriso de volta).

(Canto de amar, pág. 67, 1986)

DE PASTOR

Sete dias na semana
sete cores no arco-íris,
sete vezes eu te amei,
sete vezes te perdi.

Se te peço que me voltes
faço um voto de franqueza :
sete vezes vou jurar
ser só teu a vida inteira.

Num momento, sete instantes,
vinte e uma noites dessas,
fiz voltar meu sentimento.
Vi teus olhos, vi teus beijos,
quis nascer, não consegui.

Vou te amar mais sete vezes.

(De mãos dadas com a lua, pág. 35 ,1984)

— / / —

LUIZ FERNANDO VALLADARES Borges é do Rio de Janeiro, mas reside em Goiânia há mais de 30 anos. Fundador e ex-presidente do Grupo de Escritores Novos -GEN. Ex-presidente da União Brasileira de Escritores, Goiás, publicou *Corpoema*, poemas, 1968; *Ver de novo*, poemas; *Das raízes*, poemas, 1990; co-autor da *Antologia do conto goiano*, coletânea, 1969; é édito em poesia e conto em várias antologias, seletas, revistas, etc. Professor da Universidade Federal de Goiás e ex-membro do Conselho Municipal de Cultura.

PROFISSÃO

Que faz o escritor
se não ofício

que o arma
a sua arma
senão a palavra

no horizonte
onde tinta tange
vôo
rompe
ave

abre
espaço intemporável
agita clama
grita ama

Que faz o escritor
senão repetido ofício
que arma
e sua arma
senão recriada palavra
que é uma só vez

se tira do nada
não sintetiza
sintática

(Corpoema, 1968)

PROSPECÇÃO

Ôlho

escuro e escuro
talvez este olhar
contra o muro
das coisas
e palavras

talvez seja palavra
que não lavro
que não lavra

Ôlho

atento e atento
morte este talvez
sem discernimento
e que
palavra seja talvez
que não encontro
que é encontro

no ôlho perdido
ôlho escuro
que procura
o que procuro
atento
escuro
Ôlho

(Ver de novo, 1978)

MADUREZ DOURADA

Extrair do mundo
coisas
para que existam
novas

especialmente
esta palavra
não conhecida
e pronunciá-la :

címbalo
doce som de fruta
de madurez dourada
a escalar os ouvidos

(Das raízes, 1990)

— / / —

LUIZ GONZAGA CONTART é de Ituverava, SP, nascido em 5 de maio de 1925. Mora em Goiânia desde 1934. É jornalista, político, escritor e poeta. Publicou os livros *Pedaços de emoções* (1990) e *Diálogo poético* (1995), ambos de poesia; e ainda o livro-documentário *VELASCO/Paladino do Socialismo*. Deverá lançar em breve volumosa monografia sobre a epopéia de Pedro Ludovico : *Eu vi Goiânia nascer*, com 800 páginas.

SONETANDO A INFÂNCIA

I

Infância desapercebida, distante,
vagando pelos encantos da vida.
Vida norteada para os folguedos,
na ânsia pelo verde das manguerias.

O capataz dos currais de gravetos,
o criador de porquinhos e bezerros,
das manguinhas com pernas de pau,
da fazenda dos sonhos do menino.

O formato da fruta determinava a criação.
Brinquedo de graça, pobre, sem ambição.
Carrinho de lata velha puxado por cordão.

Infância na terra natal, minha Ituverava.
São lembranças vivas da minha infância.
Vozes do passado ressoando em minh'alma.

II

A mãe preocupada com a comida, o trivial.
Ela, lidando, costurando, lavando, amando.
Irmã, louríssima, bonita, gordinha, brincava.
Pai, trabalhador braçal no campo, meieiro.

Nós, na grandeza do lar, na infância,
entre livros, brinquedos e peraltices,
tendo a inocência como parceira da idade.
São imagens de tempos que não se apagam.

Sonhos, eram miúdos, de criança pobre.
Insignificantes, povoando desejos -
Sonhos voando pelas horas do passado.

Oh que desejos sublimes, gostosos, doces:
andar a cavalo na garupa com o pai, na roça.
Jogar bola no largo da igreja, com primos.

(Do livro inédito *Emoções por inteiro)*

LÍGIA DE MOURA RASSI é do Rio de Janeiro e mora em Goiânia desde 1954. Professora, musicista e escritora. Membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás e de outras instituições cul-

turais do Estado. Obras publicadas : *A Prosódia - suas conotações histórico-didáticas;* 1978 ; *Vozes no tempo*, poemas, 1983 ; *Encontros em cantos*, poemas, 1985 ; *Revertere*, poemas, 1987 ; *Momentos plurais*, poemas, 1990 - Prêmios da Academia Petropolitana de Letras , RJ.

ANDANTE

Um tufão
me varreu a outro
reino.

Irracional
farejei rastros
em altos e baixos.

Atrás de migalhas
(per) segui sombras
lambi o chão.
Em (com) passo quartenário
embrenhei na mata
da própria escuridão.

(Momentos plurais, pág. 30 ; 1990)

PRIMAVER (IT) AS

I

Somei ternuras
primaveras
Amarrei saudades
outonos
E novas pétalas
acariciam minhas
mãos

(Revertere, pág. 21, 1987)

OUTONOS

I

A árvore abriu os braços
ao luar
e recebeu as carícias da
madrugada
Sugou a última gota do
orvalho e inchada
aguardou o amanhecer

Mas o sol a fez c(h)orar
e rubra
ela devolveu ao vazio
seu fruto ainda
verde

(Revertere, pág. 147 ; 1987)

— / / —

MALU RIBEIRO nasceu em Goiânia, a 18 de junho de 1955. Formada em Direito, Letras e Biologia. Publicou seu livro de estréia - *O tempo responde*, poemas - em 1988. Depois, em 1990, veio a lume *Além do alambrado*, também de poemas, pelas Edições Consorciadas da Ube-GO.

PÁ/LAVRA

Cava
com a pá.

Lavra
o chão ardente
de levas de larvas
que levas.

Esconde rijo
o freio
que range
na roda
em que rodas.

E luta de luvas
e leva
leveza
e louva
a pá.
Lavra...

(Além do alambrado, pág. 29, 1990).

DESEJO...

Em lençóis molhados,
te adorno o ego.
Desejo levado
pelo sim,
pelo cheiro,
pelos pêlos...
Faíscas em teus olhos
de azulão.

Seguro o pêndulo
(a noite
tem fitas
nos cabelos).

Domina o apelo...
e me descubro a catar,
num céu sem lua,
a estrela
que se esconde
na manhã.

(Além do alambrado, pág. 53, 1990).

— / / —

MÁRCIA METRAN DE MELLO nasceu em Goiânia, GO., a 20 de agosto de 1959. É arquiteta, artista plástica e professora universitária. Mora em Brasília. Publicou, pela Massao Ohno Editor, de SP, o livro de poemas *Cuidado frágil*, 1988. Figura em várias antologias de âmbito nacional.

FLOR AMARELA

Enquanto você mija
já fui à China
e voltei.
Vê esta flor
no meu cabelo?
Não coloquei
simplesmente nasceu
rubra
de sangue capilar
mas para seu deleite
oxigenei
porque os homens
preferem as louras.

Por que os homens
preferem as louras?

Você sacode
o bem amado pênis
e responde em chinês.

(Inédito)

"GAROTA DE IPANEMA"

Imensas estrias vermelhas
rasgaram meus seios e ventre.
Ipanema,
quero expor
minhas carnes flácidas
ao sol do verão.
Que me perdoe
o poeta.

(Cuidado frágil, Massao Ohno Editor, SP, 1988)

ENXOVAL

Guardei
na caixa encapada
de papel florido,
camisolas de cetim,
lençóis bordados
café na cama
bilhetinhos,
o perfume
mais francês
o baton
mais vermelho
e o meu
melhor veneno.

(Cuidado frágil, Massao Ohno Editor, SP, 1988)

MARCELO HELENO é de Goiânia, onde nasceu a 29 de setembro de 1966. Jornalista formado pela UFGO. Tem três livros publicados: *O fogo de luz abraça a imensidão da solidão da gente*, 1986; *Fragmentos*, 1989 e *Adeus às asas*, 1990 - todos de poemas. É autor ainda de outras obras inéditas e já conquistou 10 prêmios literários. Colabora com jornais, revistas e antologias, desde 1984.

ACORDA, POESIA

Acorda, poesia
que o café está na mesa
e o pão
ainda te espera

Acorda
que o pasto está cheio
de cabeças reluzentes
e a poesia de ontem
já não passa
de simples lembrança

Acorda, poesia
acorda que os lírios
ainda desabrocham
em meio ao barro
que esculpe homens

Acorda amanhã de manhã
depois do pouco calmo
do jorro farto
do banho gelado
e arrebate as sombras
do parto.

AIS
(Anunciada Insólita Sobrevivência)

Não se encontra nas filas
nem se vende em farmácias ;
não mais possuem dilemas :
não se misturam mais.

(Onde estão ?
— se é que estão ;
tanto tempo faz...)

Será que se perderam
em poeiras de mim,
em peneiras do tempo,
sumiram no mundo ?

(Um conjunto faz
no concreto da ponte
um momento mais...)

Para onde partiram ?
roeram as unhas ?
enlaçaram as pernas ?
arderam em chamas ?

(Será que vivem
na praça viva dos meus anais ?)

Madrugaram a carne,
amargaram o rosto ,
enxugaram as mágoas ,
entregaram as línguas ...

(Por onde estão ?
Em jornais andavam ;
em outros, jamais)

Por onde
andarão
os meus ais ?

—//—

MARCOS Mendes CAIADO: 31, poeta, artista plástico, teatrólogo, compositor musical. Peças: *Um poeta na fresta*, apresentada em Goiânia e São Paulo, 1995 - 1996; *Francisca de Amsterdã*, inédita. Música: classificações nos festivais Canta Cerrado 1995, (Rede Globo - TV Anhanguera) - FESTIPOP, Goiânia - GO, 1996. Premiações: Prêmio BEG, 1996- Antologia; Poesia Circular 1995, Antologia - Brasília - DF. (Fundação Cultural do Governo); 1a. Poesia Falada Caixa Verso e Prosa - CEF. Goiânia GO, 1991. Coleção Caliandra 1996: edição do livro *M.M.C.* - Poemas.

Quero, pelas ruas, desviar-me da vida;
aquém de tudo, ser a dor da ferida.
E que os semblantes do meu infortúnio,
vençam o óbolo e as companhias.

Pois, se em cânticos mal exprimidos,
recolho-me eu, sem meus ouvidos,
que os meus gritos sejam vãos
e o meu Deus, um Eu pagão.

Cessem as palavras, filosofias e gestos:
outono, quero debruçar-me em mim,
sem penas, ingênuo ao desalento;
bastando-me eu como meu fim.

Ève,
de leve
leve
la lèvre
a ma bouche.

Puxe,
debruce o luxo
do teu roxo
rouge
em minha tez.

Teste,
desde a testa
ao que abaixo
resta
até os pés.

E pesque,
(presque),
com teus olhos
leques

O pecado.

— / / —

MARIA ABADIA SILVA é goiana de Itaberaí, onde nasceu em 1949. Formada em direito e ex-secretária de Cultura do Estado de Goiás e da Prefeitura de Goiânia. Autora de dois livros de poesia: *Espaços*, 1° lugar no Concurso Literário Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos 1980 ; e *Cabeça/cauda*, também premiado pela Bolsa de Publicações José Décio Filho, 1987. Prêmio Revelação Nacional de Poesia 1988 — Fundação Banco do Brasil / São Paulo.

Estendo toda manhã
meu varal de estrelas
e saio

(Cabeça/cauda, 1987)

Trazemos uma flor
clandestina e sem rumo.

Ao vento nossa mágoa.
Ao vento a ternura sem estio
A palavra que se encerra
noutra palavra.

Novas manhãs para o sol.
Para o sol
nosso corpo de espuma
e nenhuma espera.

(Cabeça/cauda, 1987)

Eu queria o tempo da orquídea
e lhe oferecer a luz da manhã
pendurada na janela,
mas a noite é quase eterna.

(Cabeça/cauda, 1987)

Não precisava esse massacre ao meio-dia.
O vermelho correndo dos seus olhos pela mesa,
a toalha se escondendo.
Sem pudor a mandrágora se ergueu do seu colo,
seu discurso saiu como veio.
Mordi sua cabeça/não tinha ninguém.
Pedras fizeram canteiros nos seus cabelos.

(Cabeça/cauda, 1987)

— / / —

MARIA AMÉLIA TRINDADE é do Rio de Janeiro. Poeta, escritora e publicitária. Quatro livros de poemas publicados, com participação em antologias poéticas nacionais e colaboradora de Suplementos Culturais no Estado de Goiás.

SENTIMENTO ABSOLUTO

Vida não se decifra olhando,
é mais que apenas ver
a aparência das coisas.

É preciso pulsar sentimento,
submetê-lo a todos acasos.
Romper o lacre, o selo orgânico.

Deliciar paisagens internas
muito mais intensas,
ir além das fronteiras visíveis na pele.

Em meio aos contrastes da vida plena,
conhecer sem reservas sábios contrastes
de seus céus e infernos
e desvendar a loucura de ser emoção constante.

O homem, vasto universo,
é mais que efêmera matéria
e seus filósofos cognomes.

É o simples ser ardente ardendo vida,
é quando a aparência não basta,
aparência é a morte.
Não há mármore que comporte
o ser infinito, imoral no sentimento
indefinidamente.
É preciso beber o sabor
e não apenas o vinho.
Embebedar-se do sabor em sua essência
e perceber que aí resiste toda a Ciência.
Tornar-se absolutamente doido
por sentir a vida por dentro.

(Inédito)

ROTINA

A cidade amanheceu sua rotina quieta.
Por acaso a rotina faz barulho ?
Subúrbio cego, surdo, mudo. Silêncio tudo
na enorme cela.

Espantalhos casuais invadem avenidas, rompem
o tráfego. Espelham-se no ácido.
(E o silêncio dói meu ouvido !)

Assusta. Não assusta.

Assusta ? Não Assusta ?
Assusto e não e ... etceteras.

Vai e vem,
e vem e vai diariamente. Os olhos que vegetam
mal escutam a zorra das buzinas misturadas, a borra
impregada nas usinas. Louco ruído ruindo ruas,
minhas mãos e as suas.

Morte comum por mais um e outro, e outros mais na
implosão
daqueles corpos.

Ônibus, automóveis. Braços e pernas.
Oficinas, dedos. Pés, bicicletas... Coisas variadas
confundem-se quietas.

O peso das telas desfila pela calçadas, alisa
cinicamente a urbe tão debochada !
(E vai o homem interno em terno e gravata
ganhar seu sustento obediente.)

O terço da carne, o preço da igreja, o apego á
família,

a ilha em casa esgota saúde, esgota trabalho
pro um rés

de notas velhas e suadas. A massa fantasma vai
reclusa amassar problemas. E por muito menos
muitos amanhecem mortos. Nem mesmo sentira o
gosto
dos sonhos planejados. Quietos !

O homem vai ... e o silêncio sai de sua boca em
som metálico,
a vida segue sua rotina transformada num incômodo ruído.
O pânico é disfarçado.

(Elegia à natureza, pág. 27 , 1985)

— / / —

MARIA DALVA JUNQUEIRA (Madellon) é de Monte Alegre de Minas (MG), onde nasceu a 6 de agosto de 1937. Licenciada em Pedagogia. Dedica-se à literatura infanto-juvenil e já publicou diversas obras de poesias, contos, crônicas e dramaturgia. Premiada em dezenas de concursos, é figurante em outras dezenas de antologias espalhas pelo país.

NOITES DE VAGA-LUMES

Sem espingarda,
sem flecha e sem estilingue
vamos todos
juntos aos meninos,
vamos todos caçar,
caçar sonhos
pendurados em borboletas
com lanternas douradas
de minúsculos vaga-lumes
e o triângulo colorido:

criança, música e poesia
no enredo do luar.

(Noites de vaga-lumes, pág. 16, 1997)

MULHER PEIXENAUTA

Que sendo ave navega
toda vestida de escamas
Mulher peixenauta **procura**
tripulante pra zarpar alto-mar
num veleiro de papel
e sonhar com ela
uma sonha encarnada
Procurara urgentemente
companhia para decolar
rumo ao cósmico sideral
lá onde não há velharias
centenárias tachos de cobre
antiquários tão bonitos

(Classificados romanescos, pág. 12, 1996)

— / / —

MARIA LÚCIA FELIX de Sousa Bufáiçal é filha de goianos, nascida no Rio de Janeiro, em 14 de julho de 1950. Residiu nos Estados Unidos e Inglaterra, por motivo de estudos. Fez o curso de extensão em Literatura de Língua Inglesa. É autora de dois livros de poemas : *Rosa do vento*, Editora Leitura, Rio, 1965 ; e *A vida dividida*, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1993.

DELÍRIO MARINHO

Sujo de barro as flores
que transplantei

e só um passo me espera
da loucura.

Mas é diverso o caminho.

Água marinha,
cintilância,
bússola,
lava minha alma dessa ânsia
limpa-me agora que a manhã
me pertence
e não sei o que fazer.

Esquece a dureza de pedra,
sê líquida,
bálsamo.
Penúltimo consôlo,
água marinha.

Quero distância de sertões, anseio transbordar
em margens,
brisas,
vertigens.

Água marinha, eterna fonte de ancestrais
procuras
e rotas,
sê azul, verde, nível espuma, inunda-me.

Decifra o mapa que me conduzirá
lá longe
o porto que me espera.

(inédito)

A TERRA

Imensa manhã molhada
passando tão rápido
na janela do trem.

Abrigo de tanta magia
e vento
chão comprido de viagens.
Chuvas noturnas
limpando o verde
empoeirado
das bananeiras.

Goiás
humilde colcha de retalhos
para sempre guardado
um diamante.

(A vida dividida, pág. 32 , 1993)

A VOZ DAS COISAS

Eu tanto amo as primeiras paisagens
que vi na infância, que o infinito rumor
nem sempre vem à tona.
(A poesias mora entre as neblinas).

Quero falar dos rios que conheci há muito tempo,
e que rasgam meu olhar sem crueldade ;
quero falar da procissão e do azul dos seus andores,
dos redemoinhos de terror e susto
espiralando em meu coração.

Quero falar das gentes, dos vizinhos da frente,
de trás, dos lados
de minha casa,

do verde cheiro de terra molhada,
de eternos limites que o vento criou
dentro de mim.

É ruidoso o sentimento,
poesia que ferve, machuca, queima
e nem sempre se mostra.

A minha terra, primeira morada dos sonhos,
antes me continha,
e hoje, tão forte eu a prendo na alma
que ela não escorre de mim.

(A vida dividida, pág. 21 , 1993)

— / / —

MAURÍCIO VICENTE OLIVEIRA é mineiro de Araguari, mas vive em Goiânia desde tenra idade. Músico, artista plástico e poeta. Publicou o livro *As bruxas*, poemas, 1987. Versátil, espiritualista e popularmente conhecido como o "Monge Maurício".

PALHAÇOS

Choram os palhaços na vida amarga.
Na amarga vida choram os palhaços.

Eles nos dão a alegria e
recebem a melancolia.
Tudo na vida tem um impecilho:
o palhaço chora, chora o músico, o poeta,
o pintor, o cantor e até o pensador.
Somos réus a pagar nossas dívidas do passado.

Sou o palhaço da paz.
Sou o palhaço do amor.

Sou o palhaço da liberdade.
Sou o palhaço dos palhaços.
Sou o louco dos loucos...
faço o que sinto... tudo.
Gosto de amar, cantar, pedalar, andar,
escrever e gritar...

Amo todas as plantas.
Amo todos os animais.
Amo, mas também choro
muito dentro de mim,
porque as pessoas já me mataram muitas e
muitas vezes.

Existe muita maldade e veneno na língua e
no olhar de certas pessoas...
procuro me afastar dessas pessoas más.

Gosto de ser o palhaço.
O palhaço da Vida.
O palhaço da Alegria.
Um palhaço colorido...
um palhaço triste...

(As bruxas, pág. 51, 1987)

— / / —

MIGUEL JORGE nasceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Graduado em Farmácia e Bioquímica, Letras Vernáculas e Direito. É professor da UFG, poeta, romantista, contista, teatrólogo ; publicou, ao longo de sua carreira literária, dezenove títulos, entre ficção, poesia, teatro, literatura infanto juvenil. Prêmio Especial no IV Concurso Nacional de Literatura da Secretaria da Educação e CEF-Goiás. Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. Prêmio Hugo de Carvalho Ramos.

PROFUNDAMENTE, O RIO

Profundamente o rio, sombra
que assim se faz - pele de prata-arma,
caça, tiro e voz, sol calado que via,
ouvindo talvez
formas, talvez ecos, pássaros passados
ao passarem mudos.

Profundamente o rio, atenta memória na
voragem das águas, linguagem que
devora e integra, refaz linhas que se afiam
azuis, leitos de perdidas valas.

Profundamente o rio, virgem
nas manhãs que o cabalam,
fala de falos, e mais nada,
posto postal sem deslize,
a deslizar nos olhos, olho
de excêntrico brilho.

Profundamente o rio, efêmero impasse
—sobrenados de areias - por estradas,
móveis, ilhas inclinadas, serpente no
repente da paisagem.

Profundamente o rio, pronto e acabado,
flor que inclina, verbo que é calado.
Farpas postas em suas veias. Tocos, latas.
Pontas de cigarros. Um cardume de
Modess, um corpo em decomposição,
pequenos comboios de bosta.
Profundamente, o rio ...

(Inédito)

PRAIA MORTA.

Esta praia morta
também é fruto do rio
cemitério de gaivotas
com seus ais
e nunca mais

esta praia morta
viajou horizontes
e se matou pelo rio
esta praia plana
esta praia plena
de triscos
ciscos
cascos
bicos
riscos
triscos
rabiscos
beliscos
reflete agoniando
a orla vermelha do rio
esta praia abriga vozes
abriga falas
e se cala
com quem perdeu a última palavra.
A última palavra.

(Os frutos do rio, pág. 95, 1974)

TERRA

Esta pequena dimensão de vagos horizontes
limita-se à extensão de tua destreza :
tudo está aí guardado
como coisa que nunca existiu
como pedra
como barro

sangue
lei
acontecimentos do dia.
Esta pequena dimensão de vacas paridas
não se dilata com teus braços
nem se torna reino em tua geografia.

Dentro do jogo
é arma poderosa :
um bispo um rei
um peão uma rainha
como qualquer fogo
cercado de novos cruzeiros.

Esta pequena dimensão tem muros
todos sabem por testemunha
e
não lhe foi legada como pertence.
Há procissões de patrões
pálios sem ornamentos
bandeiras sem cores
andores engavetados no tempo.

São de asas estas terras
e voam como o vento
forças que encurtam vidas
tesouro negro
cinturão de balas
dinheiro de coronéis
fedendo a bordéis.

Nesta pequena dimensão
teu corpo de morto é teu trabalho
teu sangue é vinho como regalo
tua sombra armação de espantalho
demônios que bailam nos campos da noite
ombros operários.

Esta pequena dimensão
que se carrega nos olhos
pele dura que o sono cava
entre os sonhos
pacto que se cala
viola a morte
campos que semeiam
colheita com gosto de mortalha.

(Prófugus, pág. 115, 1990)

NARCISA ABREU CORDEIRO é de Goiânia , escritora, arquiteta urbanista, historiadora, escultora, cantora, empresária e poliglota. Formada em Botânica. Autora de diversos livros, entre poesia, estudos de artes plásticas e questões urbanistas. Membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás-AFLAG, e de outras entidades culturais. Menção Honrosa concedida pela prefeitura de Goiânia e Instituto de Arquitetos do Brasil "Pela Valiosa Obra"

VÉRTICE DO MORRER

Tudo apagará
Mas a silhueta
Dos sonhos agudos
Permanecerá...
Estampilhos crepuscular
Rastrearão na imensidão
Da noite maior.
Fogueios do coração
Insistem durar ...
Unhas cravadas no tempo,

Grande amor,
Tudo suportará.

(Totum, pág. 75)

LIBERTAÇÃO IN TOTUM

Não existem fronteiras físicas
As esferas se alinham em freqüência
Os espaços comunicantes
Os raciocínios agudos acima do alto.
Não existem coleiras astrais.
Céleres asas brancas
Involuntários acenos de energia.
Relâmpago azul metal!

(Totun, pág. 41)

— / / —

NATAL NEVES DA COSTA nasceu em 25 de dezembro de 1942, em Tupaciguara, Minas Gerais. Publicou em 1970 o seu primeiro e único livro de poemas: *Ponte para o sol*. Figura em diversas antologias. Atualmente, mora em Brasília.

EMOLDURAÇÃO

Van Gogh,
por que tens o crepúsculo
na ponta de teu pincel?
Outras tintas não serviriam
para escrever tua angústia?

A tarde desce em riste
e eu te faço uma canção
vermelha como a tarde.

Flor/helianto que salta do jarro,
girassol aceso no pano.
Giram sépalas cortantes
e o líquido de tua chaga
escorre sobre o painel.
Vermelha canção vermelha.

Van Gogh,
por que inflas o crepúsculo
com teu pincel?

Amanhã há de ser tempo
da Nova Estação.
Quando for manhã,
abre a janela.
Entenderás
que nem tudo se perdeu:
de novo
mil pássaros multicores
revoarão nos trigais.

Deixa que o sol adormeça
ao acaso de tua mão!

(Ponte para o sol, pág. 53, 1970)

ASPIRAÇÃO

A liberdade que pretendo
há de fluir com o meu verso,
com a espontaneidade que arremesso
minhas palavras ao papel.
- Seria capaz um poeta
de lançar granadas
contra um seu irmão?

A liberdade que pretendo
seria ver coincidido

branco-preto-vermelho-amarelo
num tom universal.
- Seriam capazes os homens
de (trans)fundir o seu sangue
sem fazer a guerra?

A liberdade que pretendo
há de surgir com o sol,
instaurando belezas
num dia de domingo.
- Que teclas da minha máquina,
sem saber de Israel ou Los Angeles,
escreveriam tratados de paz?

Se puder, de pé, dizer os meus poemas
terei cumprido o meu ofício
- é a liberdade que pretendo.

(Ponte para o sol, pág. 13. 1970)

— / / —

NEUSA PERES (Neusa Maria Peres de Almeida) é natural de Araguari, MG, onde nasceu a 2 de maio de 1960. Artista plástica e poeta. Graduada em Artes Visuais pela UFG. Seu livro de poemas *Lado alado,* com ilustrações da autora, foi publicado pela Ed. Kelps, em 1996, e lançado na "XIV Bienal Internacional do Livro" de São Paulo. Participou da Square Gallery at Boston City Hall, em Boston-USA, como integrante da exposição "Arte Contemporânea do Brasil Central", ao lado de outros artistas plásticos de renome.

(E)FEITO CACHAÇA

Se dói no peito
um frio vazio,
se a boca do estômago
reclama fundo

o fastio,
reaqueço sonhos,
descongelo tortas
de sentimentos doces
e no co(r)po do poema
me embriago
- em altas doses
de emoção
a(gua)rdente.

(Lado alado, pág. 52, 1996)

TRANSMUTAÇÃO

Basta o tempo esquecido
luzindo pisos, panelas.
Jogo tudo pela janela:
vassouras, panos de prato.
Quero fazer teu retrato
usando pó de café.

No canto frio da pia,
restam cebolas partidas.
Não me farão falta alguma
no somatório de cores
(nem preciso de sabores).

Mudo a ordem dos valores
na desordem da bagagem.
Dos copos faço cinzeiros,
nos pratos misturo tintas.
Maisena, sal e anilinas:
reservo a modelagem.

E lá vou eu transmudada,
mais ousada, mais menina.
despida de malogros,

(d) esperta a longos vôos.
Na estrada, colhendo cores.
Pintando novos caminhos.

(Lado alado, pág. 2, 1996)

OSCAR DIAS é de Santa Rosa do Viterbo, São Paulo, onde nasceu em 29 de janeiro de 1939. Radicado em Goiás desde os anos 50. É jornalista e advogado. Seu 1º livro de poemas *Perfil com movimento* é de 1966. No período de 1980/82, escreveu crônicas para o Diário da Manhã. Tem quatro livros prontos; três de crônicas e um de poemas: *Exercício da solidão*. E poemas publicados nas antologias *A poesia em Goiás*, de Gilberto Mendonça Teles, e *A nova poesia em Goiás*, de Gabriel Nascente.

PRIMEIRO DELÍRIO

O meu ciúme é por causa do mar,
líquido amante que te beija os pés
e ruge de paixão.

Tenho ciúme do Cristo Redentor
que, atento, vela os teus êxtases
e o teu convulsivo pranto de saudade.
Ou da pedra da Gávea,
na sua impassibilidade monolítica,
esfinge a decifrar-te os sonhos
e os recônditos pensamentos
envoltos na brisa vespertina.

O meu ciúme, confesso desesperado,
é por causa dessa cidade

de São Sebastião do Rio de Janeiro,
enlouquecida com os teus passos delirantes,
mal aponta o vivo clarão da alvorada.

Morro de ciúme por tudo que te cerca,
mas, principalmente, o meu ciúme é dessa barreira
que me separa de ti :
pequenas circunstâncias,
compromissos intermináveis
e sete vidas que se interpõem
nesse caminho minado de angústia e incertezas.

O meu ciúme é o pior que existe ,
o mais trágico e sem mistério :
É o ciúme que tenho de mim mesmo,
esta alma dilacerada que te acompanha,
espírito que foge e voa longe,
mas não consegue dizer-te
o recado rouco deste amor
que tem a duração de Deus, das pedras e do mar.

(Exercício da solidão, inédito)

SEGUNDO DELÍRIO

Não sei se é hora de colher a fruta sazonada.
Não sei.
Nem sei mesmo até que ponto, exausto,
suportaria os ácidos sabores da espera longa.
Às vezes sinto o travor da morte, antecipado,
e o desânimo me aniquila debaixo dessa árvore.
E não consigo ao menos aproveitar-lhe a sombra.

A dúvida que me assola encontra a tua dúvida.
E nesse choque de emoções contidas pelo medo
a nossa vida se escoa lenta e trágica
até quando tentamos disfarçar a agonia

no risco torto e seco
onde não corre a seiva quente e olorosa
estancada na origem do sangue e da vontade.

O sentimento de ternura intemporal
fixou-se na minha alma e não sai mais.
E a minha impressão às vezes
é a de que ele chegou antes dos séculos.

As horas do relógio, os dias e os anos,
a ruga mansa envolvendo a tua boca,
nada me convence da existência do tempo
e que nos consumimos sem aproveitá-lo.

Uma coisa eu sei. E ela dói.
A fruta madura à minha frente é minha
e me espera.
E me espera até que o amor supere esta razão insana.

(Exercício da solidão, inédito)

TERCETOS DE LAMENTAÇÃO

Falta o consolo que negaste ao meu sofrimento.
Um riso amigo ou palavra amena
que dissipasse essa tristeza longa e úmida.

Minha voz como um queixume te busca inútil,
e a amarga placidez da lua sobre os ramos
me agita o pensamento órfão do teu amor esquivo.

Transito demoradas horas pelas ruas desoladas
tentando achar um som de rosa, sutilíssimo.
Mas é vão meu caminhar por estas sendas asfaltadas.

Se me inclino da bruma para ver os teus olhos
surpreendo apenas o vestígio morno dos teus cílios
e uma árida vontade de morrer me cobre o corpo.

Falta o consolo que negaste, graça indecifrável.
Um gesto simples ou semi-vago olhar
que me fizesse conservar a atenção de mim.

Quanto martírio para os meus poemas brancos
que de tão brancos, se transformarão em mármore.
Quanta maldade nesta pequena vida leve a branda.

As almas dos meus senhos irão em procissão
seguindo os rastros dos teus indifiníveis sonhos
e pousarão tranqüilas nas flores do teu cismar.

Nas sentes, nesse modo alheio de enxergar o mundo,
o pesar profundo que inoculaste em mim
e a extraordinária falta que me faz o teu consolo.

(Perfil com movimento, pág. 54 : 1996)

— / / —

OSMAR AUGUSTO DE LIMA nasceu em Tiros, Minas Gerais, em 5 de novembro de 1955. Advogado. Publicou dois livros de poemas: *Arremate*, 1980 e *Horizonte vazio*, 1984, com prefácio de Ulysses Guimarães.

EXORTAÇÃO À NATUREZA

Não deixem exterminar
nossas plácidas florestas.
Deixem intactos os prados floridos,
a pândega dos pássaros.

Não quero ver tanta desolação:
o fogo varrendo a terra
a cinza cobrindo o chão.

Não quero ver pássaros na gaiola.

Prisioneiro não canta, chora.

Quero morrer como um velho cedro.
Meu último olhar guardarei para o verde
dos campos de minha terra.

(Colheita, de GN, pág. 306, 1979)

PAULO NUNES BATISTA é paraibano de João Pessoa, onde nasceu em 1924. Cordelista, advogado e jornalista. Nome que desfruta de prestígio internacional na Literatura de Cordel, citado até na *Grande Enciclopédia Delta Larousse*. Tem textos poéticos traduzidos para o japonês e é autor de dezenas de livros. Mora em Anápolis.

II - A HO(n)RA P(0L)UÍDA

O caso é este:
Já não se faz poente
como antigamente!

Um sol de néon se põe
sobre um horizonte de plástico.

Os humanos robôs assistem a esse
espetáculo
com seus olhos de vidro, suas mãos de metal.
Nesta ho(n)ra p(ol)uída, o que resta
da vida
após o Armageddon total?

Os passáros de Aço sobre
árvores de cimento armado

ainda tentam cantar.
O som apodreceu. O que era Grito é
mármore,
e virou pedra o ar.

Parecem ainda nadar os peixes
fictícios,
todos de uma só cor.
Mas não restam senão duas duríssimas Lágrimas
que um Deus qualquer chorou
sobre o altar dos derradeiros
Sacrifícios
no Ritual do Horror.

Quis falar, sem sucesso, uma Boca
eletrônica.
Mas não havia mais
uma palavra só, após a DOR
atômica -
a não serem uis! e ais!...

E toda a Arte - dos antigos aos
modernos -
de que memória havia nos museus
-
tudo subiu pros céus, na explosão
dos Infernos
ante os olhos atônitos de Deus!

E uma jovem sem cara exibiu o seu
sexo
numa palma de mão:
foi tudo o que sobrou, depois de
cem mil séculos
do Show de Armageddon.

Surdo-mudo, paralítico, asssexuado e

cego -
após dar-se na próxima mente o
Grande Nó -
o último homem entregou sua alma
toda ao ego
e nunca se sentiu tão infinitamente.
Só.

(Paiol Literário, jornal Diário da Manhã, 27 de janeiro de 1997)

— / / —

PEDRO TIERRA é cognome de Hamilton Pereira, nascido em Porto Nacional, Goiás - hoje Estado do Tocantins, em 1948. Viveu em Seminários e prisões. Seis livros publicados: *Poemas do povo da noite*, 1979; *Missa da terra-sem-males, Missa dos quilombos* (em parceria com Pedro Casaldáliga) ; *Água de rebelião*. Ed . Vozes, Petropólis, 1983 ; *Passarinhar e inventar o fogo*, 1985. *Poemas do povo da noite*, já foi publicado em antologias, ou separadamente, nos seguintes países : Alemanha, Itália, Espanha e Cuba.

A INTENÇÃO DO POEMA

A meu modo
desorganizo as palavras
para decifrar intervalos de silêncio
- neles reside o sentido da fala -
ou para conseguir dizer
o que oculta o verbo
da velha ordem.

(Inédito)

A HORA DOS FERREIROS

Quando o sol ferir
com punhais de fogo

e forja
a exata hora dos ferreiros,
varrei o pó da oficina
e a mansidão dos terreiros,
libertai a alma dos bronzes
e dos meninos
desata em som
e nesta aguda solidão
que em ondas se apazigua
ponta de espinho antigo
na carne
do coração.
Convocai enxadas,
foices, forcados, facões,
grades, cutelos, machados,
a pesada procissão dos ferros
afeitos ao rigor da terra
e da procura
e, por fim, as mãos
resignadas,
multiplicadas no cereal maduro.

Mãos talhadas em silêncio
e ternura,
que plantam a cada dia
sementes de liberdade
e colhem ao fim da tarde
celeiros de escravidão.

Esgotou-se o tempo de semear
e inventou-se a hora do martelo.
Retorcei na bigorna outros anelos
e a força incandescente deste mar
de ferros levantados.

Esgotou-se o tempo de consentir
e pôs-se a andar

a multidão dos saqueados
contra os cercados do medo.

Homens de terra
e relâmpago !
Convertei em fuzis vossos arados,
armai com farpas e pontas
a paz de vossas espigas !

(Água de rebelião, págs. 52, 53 ; 1983)

CARREIRA COMPRIDA

Canoa, canoa velha,
subindo, subindo rio.

Tocada à força de remos
tocada à força de luas.

Mestre André.
de jacumã.
ordena rumos :

Iludir bancos de areia,
na ilha da Velha Inhora :
a água aqui é mais branda,
tolera mais desafios.

A pedra da Sereia vigia,
banhada de negro e de lua,
o destino dos remadores.
Canta pra eles avisos,
mistérios de encantados.
Marulha :
fala uma língua de águas
e pedras.

Paredões.

Estirão de paz :
espelho de água e lua,
gamela verde
de guardar silêncios.

Aqui
o remo não toca a madeira
para não invetar ruídos.
Aqui é uma geografia
antes da voz.
Aqui é onde o rio
guarda as cantigas
que não nasceram.

Canoa, canoa velha,
subindo, subindo rio.

Muralha,
marulhos, rumores, rugidos,
fragor de batalhas :
viajando assim contra-corrente,
como quem busca
as cabeceiras do tempo
desinventando dias e noites,
desmachando dias e noites,
desmanchando o já vivido,
despindo-se das canceiras
pela porta dos mistérios
Mestre André
recobra força de água
de menino
força de peixe vivo.

Mestre André,
canoa nova
encosta a proa
na multiplicação das ilhas.

Aqui, rio
e cerrado
confrontam : fragor, espuma,
espadas, estrelas, a feroz
movimentação da vida,
força dobrando força,
água contra pedra:
torrentes
Carreira Comprida.

(Inédito)

— / / —

PINHEIRO SALLES_ é jornalista e escritor. Tem quatro livros publicados, um dos quais é *O amor amordaçado*, com apresentação e Carlos Drummond de Andrade. Esta obra reúne poemas escritos ao longo dos nove anos em que o autor passou nos cárceres políticos de São Paulo e do Rio de Grande do Sul, em função de sua destacada militância contra o regime militar. Nasceu em Minas Gerais e mora em Goiânia há mais de 15 anos.

A PRISÃO

Há sangue
quando pontes pontos ponteiros
tecem e destecem a pressa.

Sangue
nos automóveis e estampidos.
Sob tetos aterrorizados.
Sobre o cemitério da praça.

Há sangue
nos gritos e gemidos mortos
entre as paredes do calabouço.

Sangue
debaixo do capuz de chumbo.
Sangue e suor dessimulado
a humilhação dos membros nus.

Há sangue
espalhado com frios, alicates
e macabros instrumentos.

Sangue
tingindo fímbrias da resistência :
absorvendo onírico recurso,
forçado refúgio em outro reino.

Escuta como a cascata canta
e os pássaros revoam em direção
aos penhascos por onde passearemos.
Mais longe se agitam florestas,
mais longe moram ventos e murmúrios
e rios e animais e os mil mistérios
que juntos nós iremos desvendar.

Quando não tiver nada para te dizer,
passarei horas rindo e ouvindo teu riso.
Árvores crescerão no espaço azul.
A natureza nos abrirá seus seios
para mamarmos a seiva da eternidade ;
roldanas erguerão música nas manhãs,
bocas abrigarão orvalhos e abelhas.

Não posso, não é possível
falar-se dos caramanchões cobertos de sol
ou do chão debaixo dos girassóis.

Eu me recosto em ossos de irmãos,
em restos de rótulas dilacerradas.

As sepulturas fortalecem os muros
e a noite sepulta os marinheiros.

Rosas em cinzas são convertidas ;
casas onde se forjava o novo mundo
se submergiram na merda consumada.

Sobrevivo nos sórdidos porões das galerias
em que escarram os carrascos.

La noche puede durar y durará todavía
El alba es ofício de sobrevivientes.
(Maurício Trejo)

Não vou aceitar o sangue no cimento
nem planeta pendurado
em ganchos de açougueiro.
Se há o terror da tortura permanente,
inda vicejam embarcações e constelações.

Parecem impermeáveis as paredes que me prendem,
irremovíveis as chaves que fecham minha visão.
Todavia, na vasta vigilância da História,
o silêncio chora, a certeza quer cantar.
A aurora amadurece e as mudas esperanças
vislumbram aves que atravessam
a estreita faixa do firmamento.

(DOPS de Porto Alegre (RS) , 1970)

— / / —

PLACIDINA LEMES SIQUEIRA é natural de Paraúna, Goiás. Formada em Letras. Escreveu *Pedras de seda,* poesia, contos e crônicas, Editora Kelps, 1996. É membro da União Brasileira de Escritores, Goiás.

O SEXTO ESTEIO

EMAÚS

Um Santo na taça,
um santíssimo no cálice
e um capeta na garrafa?!!!

Mas Emaús está no parto
da sinagoga de Nazaré,
aquém, além, de beléns
e jerusaléns destruídas,

na bola de gude,
no taboleiro enxadrista,
na capoeira, no samba,
na valsa, no Tai-Chi-Chuan...

Emaús no Vinho e Pão?
na bosta do pó de giz,
a cal corrosiva, não?

na solda de mim,
no rastro de você,
Pe. Venâncio,
que bom.

(Pedras de seda, pág. 31, 1996)

— / / —

PX DA SILVEIRA (José Peixoto da Silveira Júnior) é natural de Goiânia, onde nasceu em 1954. Formado em Comunicação pela Universidade de Brasília, UNB. Cineasta, poeta e multimídia. Autor de diversas obras, entre poesia e ensaio sobre artes plásticas. Presidente da FUNARTE em São Paulo.

PARA PENSAR SOBRE PEDRAS QUE SE QUEREM AVES

O que dizem as Estátuas,
dignamente petrificadas?

Sempre mais ao alto,
a mais oficializada.

O que, de tanto que dizem,
estão caladas?

O futuro nos reserva
o que a história nos aguarda.

Mas que esperar
se a gente ainda preserva
tantas figuras des'almadas?

A ferro, força ou palavra
repare
entre as Estátuas
uma sempre está armada.

A que está ainda acima
ao futuro postada
- fita o nada
é a mais pesada.

Que contraste
é o de uma ave,
fugaz momento,
em seu ombro pousada.

E
embaixo de tudo,
passando, parado, mudo,
o povo.

Com a feição curvada
carregando pela vida
tais glórias passadas
dele mesmo conquistadas.

Esse - o povo - é quem sustenta
a ânima do bronze
que adorna a vaidade da história.

Essa - a ânima - é quem suga fundo
sem deixar marcas no novo
sua seiva vital e pacata.

Será para sempre, o povo?
Ou para sempre será a Estátua?

Será para frente a história?

E pergunta a sombra para a sombra:
Onde Está Tua história?
Onde Está Tua memória?

Deformada, amordaçada
onde estará a terra visitada?

(Poesia geral, págs. 20 e 21, 1990)

SEM TÍTULO

Amor, Amor, Amor,
nunca houve certeza
de que fosse a vida real
ou a xérox dela mesma

Amor, Amor, Amor,
antes perceba
o que é original
e não o que qualquer cópia seja

Há no céu tantas estrelas
num brilho inédito que é banal
e vier em série e em cópia
é pensar que é a mesma
essa luz que nunca é igual

(Revista da Ubego, Nº 1, pág. 46, 1989)

SALOMÃO SOUSA, 1952, Silvânia (GO). Está em Brasília desde janeiro de 1971. Formado em Jornalismo, trabalha em assessoramento parlamentar há mais de 15 anos. Bibliografia: *A moenda dos dias* (1979). *A moenda dos dias/ O susto de viver*(1980), pela editora Civilização Brasileira (co-edição no INL. *Falo* (1986) e *Criação de lobo*(1993). Organizou *Em canto cerrado e conto candango*, antologia de poesia e de contos de autores de Brasília.

NÉVOA NA EXISTÊNCIA

A ode não aplaca o ódio
a adversidade que ronda
a cidade
Não subtrai gotas de névoas
que adensam o pensamento
não voa um mínimo entalhe
Assim
não sei se sou
o sim
ou o que me atordoa

Não estou com a chave
não ando lá fora
As palavras me prendem
sobre o branco
Não nasci pra ser tanto ?
Não sou para pedir um posto
Não sou para a disputa
Gosto mais deste banco
de janeiro da chuva
do jasmineiro do desgosto

O que posso encontrar após Pessoa
após passar longos cruzamentos
olhando a água escorrendo do cio
se o rio é esquecido seco
e o fio curto para acender pavio
se a pena escura para abrir pavão
ou conversas em vão meandros ou vias ?

E aqui cantando melancólico
evanescente até à cólica do mênstruo
entre os problemas sociais sou mais um
e eu que não resolvi
nem resolverei nenhum
Sei e dói a consciência
saber nunca será resposta

Inês não é assim tão morta
mas este eu vai durando mudo
mas este eu vai durando mudo
e ninguém virá colocar a palavra
ou o leite à minha porta.

EU OCO

Aquilo em que caminho
impede-me saber se estou só

ou se estou próximo
Eu barro

Quando me ponho feliz
às vésperas do encontro
impede-me as raízes
Eu iro

Em confundir cabeças
com possíveis caudas
mais mistura o que penso
Eu erro

Em permanente enterro
não me sobra tempo
para sobrenadar vivo
Eu isca

Sem ver se cresce no vago
construo áspero
sem vento e por pedras
Eu aro

Ou perdi meu relógio
Ou roubaram meu relógio
Ou pararam meu relógio
Ou voltaram meu relógio
para inexistir a minha hora

fica esta ameaça
da hora necrológica
não alcanço sobraçar
se o cesto e a conversa
desfiados
Sobre saber sabor ou sobra
não desconfio nenhum fio
nem me enfiam uma obra

Imagino as pencas de tudo
e não tenho a hora
de cortar o cabo
Atrofiados os cabos e as mãos
por macabra navalha
O meu cesto trançado
com a cana traventa da canalha

Nasce um mínimo olho na treva
estalactite sedimentando
nestas horas de desmaio
Irá varar o tempo
que sustenta a trave podre
o atraso que entrava

— / / —

SÔNIA ELIZABETH é natural de Rio-Verde-GO. É advogada e escritora, tendo publicados cinco livros de poemas. Tem participação em antologias. Premiada nacionalmente, é colaborada da imprensa goiana e membro da UBE-GO.

CONSTATAÇÃO

Eis a virtude dos sábios :
encontrar poesia em tudo.
Num tempo de ritos loucos
e de vozes desunidas
sou mais palhaço que rimas.

(Inédito)

PARTIDAS

Os suicidas premeditaram tudo. O tempo é pouco.
Os anjos recebem no céu, de braços abertos,
os heróis sucumbidos.

Os que ficam, resistem, invejam os que passam.
A noite, também, procuram o espaço
a última estrela inscrita.
Os viventes, silenciosos,
fazem pactos de amor à lida.
A glória está implícita
nos reinos profanos da divindade.
Melhor que parir,
mais útil conceber o mundo,
petrificá-lo, invadi-lo, enumerá-lo.
A pele é um termômetro,
mas toda essência é frágil.

Por tédio espreguiça
abandona-se o punhal, busca-se a flor,
mas os olhos estão preenhes

de conquistas.
A arma descansa na gaveta,
mas as mãos tremem de ira e são postiças.
Os dedos ensaiam marionetes
destinados à sanha do gatilho.
Ninguém está livre
da mistura de fera e narciso.
Os homens que ficam
lançam ferpas aos suicidas.

Orai pro nobis todos que saltaram
fora do ventre da vida !

(Inédito)

— / / —

SÔNIA M. FERREIRA é de Orizona, Goiás. Professora universitária. Membro de diversas entidades culturais, fundadora e presidente do Centro de Cultura da Região Centro-Oeste — CECULCO. Dentre

várias iniciativas de lideranças, fundou a Associação de Pós-Graduação da PUC/RJ (1971). Publicou, dentre outras obras, *Bucólica*, Ed. Consorciados UBE-GO., poemas, 1991, e *Janelas de campo formoso*, Thesaurus, Brasília, 1991.

BALLET DOS COLIBRIS

Eu vou colher muitas flores
encher um balde de rosa-paina,
uma cuia de paratudo,
um balaio de flor de algodão.

Vou rodar meu carro de bois,
cheinho de ipê roxo e de
alguns cachos amarelos.

Vou substituir o ferrão
por uma saborosa, nascida linda
na pau que o corisco secou.

E o menino-guia terá na mão
um ramo de São José.

As vaquinhas terão grinaldas
de caraíba e sucupira
- um curral de primavera...

As porteiras abertas serão
suaves quaresminhas, beijando
o moirão de velame. Os cochos
de jatobá terão pendões de cana,
adoçando o namoro do gado.

- E naquele remanso de córrego,
vou deslizar uma barquinha,
derramando orquídeas na espuma...
- O ballet dos colibris

suspende o palco pro ar :
o mundo vai ficar maluco
com tentar cenas de beijos.

LADAINHA

- Asas de borboletas
  dêem-me a leveza do vôo
  Sereno das manhas
- dê-me a força do sol
  Brisa dos campos
- Ensina-me a conviver com as tardes
  Laranjais brancos em flor
- Quero colorir os quintais
  Pipoqueiro de chapéu de palha
  Plante vida nos olhos
  Sinos da capelinha
- Permitam-me me anunciar o amor
  Cigarra da primavera
- quero morrer de cantar
  mão do lavrador
- façam-me semente no chão !

— / / —

SÔNIA MARIA SANTOS nasceu em Anápolis, GO, em 12 de julho de 1945. Fez o curso Comercial Básico na Escola Técnica de Comércio de Campinas. Livros editados: *A teia dos dias*, poesia, pela Editora da Universidade Católica de Goiás e *Casa do tempo, poesia, Editora Kelps, 1995.*

ANIMAL E VEGETAL PERFUME

Há um cheiro de vida nos poros
na pele !

um cheiro de gente universal e forte.

De cheirar eu sei até da morte
da boca
da fome
da trajetória da dor
dos ratos
dos gatos
da meia noite
da flor.

(A teia dos dias, pág. 14 ; 1985)

SEQÜÊNCIA

De tarde o vento toca canções antigas :
definitivo consolo
quando o beiral da casa
deita uma sombra.

Quando os doces se apuram
as nuvens (des) inventam bichos
e um prato fundo de histórias
eu guardo de meu pai

(Casa do tempo, pag. 57, 1995)

TAGORE BIRAM é de Anicuns, Goiás. Têm três livros de poemas publicados: *Flauta noturna*, Goiânia, 1981; *Poemas do amor e da ausência*, Goiânia, 1983 ; e *O Anjo desafinado*, Prêmio Cora Coralina, 1987. Já esteve no Chile e em Moscou, onde teve poemas seus traduzidos para as línguas de Pablo Neruda e de Mayakóvski. É jornalista.

ÚLTIMO ATO

Com um tiro no crânio
o gigante Maiakóvsk
disse adeus à estupidez.
Com uma navalha
acariciando o pulso,
lesssenim angelical,
despediu-se do tédio,
escreveu com sangue seu último suspiro.
Há também os que tomam cianureto,
e ainda, mais comumente,
os que saltam dos edifícios.
Quanto a mim, será mais terrível.
Comigo será diferente.
Farei meu auto de fé,
dançarei um ballet invisível
e cantarei a invenção da cigarra.
Ah, seguirei cantando e cantando.

Não. Não tenha pena da minha voz,
nem é preciso me dar a mão.
Apenas seguirei cantando
(e ninguém pode impedir que eu cante)
até que você se espante
com a última sílaba do meu coração.

(O anjo desafinado, pág. 58 ; 1987)

DO INEFÁVEL CREPÚSCULO QUIS EXTRAIR O MEL

Do inefável crepúsculo quis extrair
o mel
para açucarar minha boca.
Mas foi tão célebre e crepuscular
que nem pude provar o doce. A noite
engoliu o sol
e eu fiquei vazio dentro de

uma taça frívola a noturna.

- Em que lugar, no universo, poesia
guardas teu segredo de flores
e de encanto ?
- Quando encontrarei a ti
a lânguida pureza
que sonhei nas noites que habitavam
minha infância ?
- Até quando terei como inquilinos
de minha existência
a angústia dos pássaros engaiolados
e a solidão das esfinges
no branco do deserto ?
- Até quando habitarão em meus
versos
a indelével saudade
e as manchas de sangue
dos que foram para a terra
que não sei,
para sempre e para nunca ?

(Flauta noturna, pág. 15 ; 1981)

NAVALHA DOS ANOS

A noite chegou lambendo
minha juventude
com sua língua tristíssima.

E como se fosse
uma navalha,
a noite me sangrou
por mais de vinte vezes
com sua
longa calda de solidão.
Esta noite
mais vinte

séculos
ficaram por terra
como o golpe inevitável
da navalha
noturna e tristíssima
dos meus anos.

(Flauta noturna, pág. 33 ; 1981)

UBIRAJARA GALLI, de Pires do Rio - GO, 22 de fevereiro de 1954. Formado em Administração de Empresas. Cinco livros de poemas publicados. 53 premiações literárias. Ex-diretor do Instituto Goiano do Livro. Ex-presidente da UBE-GO.

CICATRIZES DO ABSTRATO

Quero falar do poema
e de outros longos abraços
incorporando tentativas de me sentir.

Carne de poeta é diferente .

Sou palavra, penso como palavra,
ajo como palavra, e me dou às pessoas
em forma de poemas.

Sei da minha fraqueza.
O que me desarma é meu cio
abrindo pernas/palavras.

Sedução é algo mais que físico.
Sou voyeur do abstrato.

Doce ferida que nunca cicatriza.

Antes essa ferida
do que um corpo morto.
Onde não há dor
para lembrar a vida.

O poema é o resultado de muitas vidas.

Têm poetas e poetas
que não passam de espectadores das palavras.

É falso pensar que aos poetas
têm compreensão mais íntima
dos sentimentos.

O poeta é um ser desesperado
que tenta compreender a vida
para ser leal a si mesmo.

Sentir que não há conflito em mim ;
percebo-me abandonado.

Como viver sem conflito ?
(No conflito encontro a
mobilidade da vida)

Debaixo da língua
escondo parte do meu sabor.

Temperos são líquidos.
Quando amar,
experimente colocar suas mamas
de encontro as mamas de sua amada.

Não direi o porque desses versos,
não é justo antecipar o prazer.
Dividir o êxtase,

é dividir o pão da santa ceia.

Escrevo o corpo que sou,
e me habito para ser liberto.
Somos a soma dos cios
das muitas encarnações.

Usufruto de nós mesmos.

—//—

URSULINO TAVARES LEÃO nasceu em Crixás, Goiás, no ano de 1923. É membro da Academia Goiana de Letras e da Academia Brasiliense de Letras. Escreveu e publicou vários livros, entre romances, contos e crônicas. Seu único livro de poemas - *Salmos da terra* - foi publicado em 1985, com ilustrações de Siron Franco, edição belíngüe. Ex-deputado e ex-vice-governador, em Goiás.

SALMOS DA TERRA
(Fragmentos)

9

Em voz alta aplaudiu
meu mergulho no rio:
Bem-te-vi!

12

Na pontinha da galha
o passarinho pipia:
está fazendo charme...

18

Quando anoitece, acontece:
famosas estrelas vêm ver

a Dama-da-noite perfumar-se.

19

Mangueiras em flor
no meu coração
outro tanto de amor.

23

As flores da Laranjeira
perfumam a brisa
que voa no pomar.

27

As galinhas comem pimenta malagueta
porque
querem morrer temperadas.

41

No fundo da rubra taça de vinho
encontro o fulgor da Estrela Vésper:
é à boquinha da noite
que os extremos se tocam.

(Salmos da terra, págs. 41, 45, 61, 65, 73, 83 e 117, 1985)

VALDIVINO BRÁZ, natural de Buriti-Alegre, Goiás. Residente em Goiânia. Jornalista. Obras premiadas: *A trompa de Falópio,* Prêmio Nacional Cidade de Belo Horizonte, 1992; *e As lâminas de Zarb*,

Prêmio Cora Coralina, 1990, *Arabescos num chão de giz*, Prêmio Hugo de Carvalho Ramos, 1988; *Tessitura do ser*, Prêmio José Décio Filho, 1985. Seu livro *A Dança do intelecto* inclui-se entre os vencedores da Coleção Caliandra de Prosa e Poesia da Secretaria Municipal de Cultura, 1996. Tem ainda várias premiações avulsas, inclusive de âmbito nacional.

AS ESCARPAS DO OLIMPO

Os dias,
os dias
e os dias.
Os dias-ossos, duros de roer,
que o dentro é o que rói
seus dias de cão. As letras,
moscas, máculas
de ósseos ofícios -
os degraus da rocha por onde desço,
Sísifo , cansaço de artifícios ;
os ombros de chumbo,
como nas costas de Atlas
a bola do mundo.

Nas escarpas do Olimpo
carrego a pedra dos rins
e bebo a água do que (ab) sinto :
a ilusão de consolidar-se uma obra,
toda a vida,
que se tira do nada
pérola de madrepérola,
ou o leite das pedras,
ao avesso das cobras.

Sombras de uma, sombras de outra,
vida e obra se consolidam
na ilusão de ambas,
tão certo quanto incerto o futuro,
tão claro quanto o incerto o futuro,

tão claro quanto surpreender-me no escuro.

Mas que diabos !
Há um cão mais arcaico do que lamber-se o branco,
feito coito ?
Já devia ter-me acostumado
à idéia da inutilidade de tudo -
esquecer-se de si, matar-se de vida
por uma obra. Tenho moído as pedras desta vida,
e soprado os fantasmas do pó
mão e mó de moer-se sozinho
o sonho é que move os moinhos.

Prevalece o branco,
a óssea resistência,
a imponência da rocha,
onde a vassoura dos ventos junta
a ciscalha dos signos.

Tenho varrido as folhas de tudo,
as quedas do tempo,
as sombras do sonho,
a munha dos ventos -
nos bolsos ainda apanho sustos,
ainda algumas ilusões de Olimpo,
o cisco
do redemoinho das formas.

Ainda uns fogos da noite,
sonâmbulos relâmpagos, incendeiam
meu quintal de figos efêmeros -
os maduros imaginários do relógio.
Ocupado em viver a morte que me vive, vivo
"enquanto agonizo".

O tempo é um maestro de facas,
e a vida é o gemido rasgado
de galos que morrem,

mas agora a tudo tempero
com a salga da indiferença -
já nem ligo para os furos nos bolsos,
por onde tudo vazou
as pedras moídas nas horas desertas
desta porfia à revelia de ampulheta.

Toda perda, os frutos que perdi.
Todo o branco, a poeira que comi.
Mas não se eleva do pó o Olimpo dos reveses ?
Vá que ainda me limpo na fortaleza dos deuses -
ah, pendurar-me o suor num prego,
me banhar com a água do sossego !

(1º lugar no Concurso Nacional Gilberto Mendonça Teles de Poesia, 1993)

CONJECTURAS PARA UM FINAL POÉTICO

um dia nem mais pensarás
no eterno: jogarás
teus signos ao acaso
como um punhado de dedos
lançados ao nada
sem mais nenhuma ilusão de resultado
- de um ruído atirado ao oco surdo
e eco ventríloquo é tudo

um dia entrarás em eclipse
ou na órbita vertiginosa de um eclipse
talvez te esfaceles com tuas estrelas
e tuas borboletas mortas
presas com clips no invísivel varal
de um abstrato céu - o real
desfeito em placas de mica

quem sabe louco deixes teu reduto
e a descoberto brinques

com teus espelhos em cacos
e os retratos de teus mortos - espectos
que te acenam de um labirinto

ou armes o fogo e um jogo lúcido
ao feitio de serpente bigume lâmina
- árdega adaga do ambíguo -
e o mágico no teu último espetáculo
te evoles ígneo
em público - certamente dirão que a arte
essência vital a consumir-te
terá sido tua sentença de morte
(Arabescos num chão de giz, Prêmio Hugo de Carvalho Ramos, 1988)

QUANDO A AURORA RUBRA

Os ventos com o fogo dos fogos, e o fogo
purgará de todas as pragas a terra amarga.
Rubras arderão as fornalhas
dos oleiros de Aurora,
entre dálias e rubis !

Os signos do clarão triunfal
acenderão os corações e os candelabros do mundo,
quando abrir-se a manhã madura,
com seus cachos de fogo.

(As Lâminas de Zarb, Prêmio Cora Coralina. 1990 - pág. 37)

— / / —

VERA AMERICANO DO BRASIL é de Araguari, Minas Gerais, onde nasceu em 1947. Seu primeiro e único livro de poemas - *A hora maior* foi premiado pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, em 1968.

PARÁBOLA

Em teus galhos
meu corpo se arrepia
e verdece puro
como um grito :
origens agregadas
no barro,
carne do tempo,
em raiz absoluta.

(A hora maior, pág, 65 ; 1968)

APÊLO

Ressuscita,
amor,
na água calada do meu pranto :
batismo e alento
para tua triste sede.
(Palavras ausentes que eu procuro)

(A hora maior, pág, 65 ; 1968)

A HORA MAIOR

A palavra intensa
fere
a rosa crua do verso :
o poema,
rasgante do tempo,
libera harmonia
ao Deus recluso
e a vida amadurece no infinito.

(A hora maior, pág, 65 ; 1968)

— / / —

VICENTE HUMBERTO LOBO CRUZ é de Uberaba, Minas Gerais, onde nasceu em 3 de fevereiro de 1953. Formado em Engenharia de Minas. É presidente da Academia Catalana de Letras. Vive em Catalão-GO e já publicou dois livros de poemas: *Folhas levadas e Perpendiculares*.

ROSA HEPÁTICA

A flor do álcool
Ao calor da corola
De teus olhos vítreos
No fundo do copo.

Doce dose
Fuste a fuga e o encontro
Destas rugas.
Suculentas rugas,
Voçorocas rugas.

Rosa púrpura,
Hermética,
Hepática.

Líquido quente das noites frias,
Amante infiel das estrelas cadentes,
Sob o leito caliente
Coberto de solidão e vômitos.

Densas nuvens.
Vem tu que estirasse meu corpo.

Sobre o elixir de imagens.
Vem egressa das trevas,
leva-me em teu bojo ébrio.
Ao cortejo lúgubre das trevas,

sob o teu olor, sinto torpor.
Latejante desvendar a mentira que sou.
Nada mais vejo, estranho minhas entranhas.
Do sonho, onde suponho colher a rosa
Entre os dedos frios das mãos cruzadas.

AUTÓPSIA

Uma dose de cianureto com cinzano :
Ei, você ! onde mora o silêncio
que os homens dizem poesia ?
Engano a rima inspirada,
Entre o Q e um telhado cubista.

Passistas saltitando com bolhas
No Over-flow da apatita,
Essa doce obsessão

O esqueleto de Lorca na sala de anatomia,
Erza Pound recolhido na "Gorilla Cage".
Blasfêmias escandalosas de Baudelaire
Nos corredores religiosas do Institute Saint-Jean
et Saint Elizabeth.

Brecht exilado na floresta escura da mãe pálida Alemanha,
O corvo de Allan Poe, atração indivisível do zôo,
Whitman flertando com rapazolas no bosque,
Maiakóvisk acaricia o revólver enquanto pensa em Kant,

A cabeça de João Batista, na bandeja escuta.

Guarde a vanguarda pra depois de amanhã.
Guarde a vanguarda pra depois de amanhã ;
Sair de guarda-chuva ?
Vã esperança !
Só dá óculos rayban.

Ah ! se tudo fosse tão belo,

Se tudo fosse tão belo
Feito o castelo de Greysshull,

A equação de La Place,
A Leminiscata de Bermolli,
O caracol de Pascal.

Acima do bem e do mal,
O juiz homologa a sentença,
O lojista assina a autópsia :

Todos os poetas têm seu anjo,
Todos os poetas têm seu anjo.
Uns Jonanthan,
Outros Lúcifer,
Todos os poetas têm seu anjo,
E esse nó na garganta é fatal.

Guarde a vanguarda para depois de amanhã :
Tempo nublado, sujeito a chuvas e trovoadas.

— / / —

VILDA GUERRA FERNANDES é de Anápolis, Goiás. Formada em Jornalismo. Membro de diversas entidades culturais pelo Brasil a fora, com destaque em Portugal, onde integra o Centro Acadêmico Cultural e Artístico da "Gazeta de Felgueiras". Autora com premiações de alcance nacional. E já publicou os seguintes livros : *Fragmentos do infinito*, poesia, 1978 ; *Vidas e vivências*, crônicas, 1979 ; *Esse tempo...*, poesia, 1981 ; *Fundo do poço*, poesia, 1986 e *Resposta muda*, poesia, 1988.

O ESTRANHO

Quero apenas
um lugar para chorar...

(Fundo do poço, pág. 21 ; 1986)

SONHO

Dentro de mim mora um sonho
que tem cabelos grisalhos
e sorriso carente.

Dentro de mim este sonho
faz tanto alarde
que ainda que eu me guarde,
termino em seus braços.

Dentro de mim este sonho
de estatura romana
expande-se tanto,
que às vezes duvido ser eu
ou ele senhor de mim.

Os dias passam e
este sonho de óculos,
torna-se tão presente,
paralelo à realidade,
que muitas vezes penso tocá-lo.

Ah, este sonho ingênuo
que aos poucos vai ditando suas regras
e soltando pedaços de mim
pelas madrugadas indiferentes.

Dentro de mim este sonho inconstante
faz de mim
gigante feliz,
às vezes,
grão de areia
perdido não sei em que praia.

Este sonho sonhado,
bandido,
querido,

desejado,
que tem sido
círculo vicioso do eterno.

Dia e noite
noite e dia,
o sufoco,
a provação
que me apavora ...

E quem sabe
que
aurora te quedará ?

(Fundo do poço, págs, 41, 42 ; 1986)

DIREITO

Antes de pertencer à sociedade de Consumo
já sou produto.

Antes de ser programada
me programo.

Antes de ser mãe
sou esposa.

Antes de ser esposa
sou mulher.

Antes de mulher
sou GENTE

(Esse tempo.... pág. 21 ; 1981)

WALDIRE LAUREANO (Batista) é de Anicuns, Goiás, onde nasceu a 18 de maio de 1941. Formado em Direito pela Faculdade de Direito de Anápolis-FADA. Viveu, por mais de cinco anos, nos Estados Unidos e Canadá. *Chão encantado de nossos avós* é o seu livro de estréia na poesia, publicado pela Editora Kelps, 1997. Tem poemas em diversas antologias e é membro da União Brasileira de Escritores, Goiás.

ANÚNCIO

Procura-se uma mulher
que goste de poesia,
mulher sinuosa
que derrame versos
nos ombros da madrugada.

Procura-se uma mulher,
para brincar nas cochoeiras
cerebrais de meus sonhos.
Que ande com orvalho nos lábios,
para desaguar em mim
depois da chuva
a ressaca de domingo.

Prucura-se uma mulher,
para falar do amor,
no barulho do vento
e sob o desvelo do luar.

Procura-se uma mulher,
que o sorriso seja um grão,
para fecundar o êxtase da terra

neste tumulto de flor e fogo galopado.
Depois,
no rabo alazão do cometa,
viajar a dois,
exercitar a sinfonia mística
do amor espacial infinito.

(Chão encantado de nossos avós, págs. 29 e 30, 1997)

— / / —

WALTER MASSI é de Rio Verde, Goiás. Médico Psiquiatra que exerce a profissão em Goiânia desde 1959 . Estreou em livro como figurante da antologia *Colheita* (A Voz dos Inéditos), de Gabriel Nascente, 1979. Depois, em 1985, publicou seu primeiro livro *ÁLBUM POEMA/Rio Verde/Eu te revejo* - poemas. Autor ainda de outras obras inéditas, nos gêneros conto, poesia e ensaio.

BOI-ZURETA

Do bom sabor da relva tenra no verão
ao talo duro do capim vedado,
alterna a sua mesa sem vario.
Bendita a natureza provedora,
só pede em recompensa os dejectos.
A estrada onde mureja abençoa
a baba ruminada à beira do caminho.

É ele o de guia, caminhando à frente,
pescoço curvo, arrastando peso enorme.
Se geme, ninguém ouve, segue andando,
estaca ou rompe, atento ao candeeiro.
Sem forças, o agilhão lhe rasga o couro.
A canga, a argola e o laço, já não ferem,
cresce-lhe mais o calo no costado.

- Hôa. Parado ! É hora do descanso...
Livre do jugo o ajoujo ainda lhe prende,
jungido ao companheiro esbarra emparelhado,
mal come, bebe pouco e não descança.
A madrugada o surpreende ainda exausto
e muito cedo inicia um novo esforço
durando até findar o dia - outra parada.

Cumpre o cruel fadário
indiferente a tudo
sem prevalecer da sua força.
Não conhece o êxtase
nem o clamor do instinto,
jamais lambeu a cria.
Bem cedo o mutilaram.

Contudo vai passivamente manso,
servindo sempre-este servil demente.
Difícil, compreender sua trajetória estranha
e imutável como a mórbida loucura.

Quando o círculo se fecha, vão-se as forças
e não se recupera mais do longo estio.
A fúrcula das unhas já ressentem
o pedregulho ponteagudo do trilheiro
e o beijo frio do orvalho da manhã.
Um operário envelhecido sem direitos !

Se não bastasse a vida mal fadada,
chegando ao têrmo em fim aniquilado,
faz-se carga. E a sorte está lançada.
São afinal a hora do desfecho
soturno ele caminha indiferente.
Cresce a inocência triste de bovino.
Vai ser executado.

Ao golpe, tomba inerte. O sangue em golfo
agora frio a sustentar outras colônias.

Lega a fome a sua carne, e como adorno
doa o couro, o guampo, a cerda e os ossos.
- Eia, esse boi de guia ! Esse colosso !

De noite, lá na curva da estrada,
se vê de longe um vulto, uma visão estranha,
mal definida no hábito do ofício
a labutar até romper do dia.
É dele certamente ; o grande obreiro
que vêm — dentro das mentes — povoar caminhos.

Há que seja boi, candeeiro ou aguilhão
e disso sabe ou jamais soubera,
seguindo sempre seu destino igual.
Reage indiferente ao sol, à chuva.
A dor não lhe machuca e o prazer é raro,
segue alvejado em toda a trajetória.
- Eia, boi-zureta que tudo dá em vida
e há de legar as vísceras após a morte.

(Inédito)

— / / —

WYLLMHARLEN ALVES (Will) é de Goiânia, onde nasceu em 10 de março de 1972. Tem curso de língua inglesa e é professor. Seu livro de estréia - *Razões poéticas* - foi publicado em 1992 pela Ed. Líder, de Goiânia, e reúne pensamentos, reflexões e poemas.

EUSEMIA DO AMOR

O Amor é a *pior doença* com manifestações
também patológicas
Não há meios profiláctícos para se
evitá-lo.
Porém, muito pior e mais triste do que não ser amado,
é não amar.

Quando se ama de verdade, ele por si
só se basta.
Seu efeito é
Brando
e
Ofuscante
às vezes
dorido e atordoante...
Amar é sentir-se enclausurado no
mundo de alguém confinado em nosso
peito...
É sentir-se perdido
no tempo e no espaço...
com órbita
em torno do nosso objeto
de Amor.
O Amor é único!
É o mesmo em qualquer um,
em qualquer idade, lugar ou condição.
Quando se é acometido dessa
moléstia epidérmica
toda dor ou alegria só depende da
ação do vírus que atordoa.

(Razões poéticas, pág. 69, 1992)

YÊDA SCHMALTZ é do Recife, (PE) mas sempre viveu em Goiás. Bacharel em Letras Vernáculas e em Direito. Professora da Universidade Federal de Goiás, Instituto de Artes. Autora de 13 livros publicados, sendo 9 de poesia, 2 de contos, 1 de ensaios, 1 antologia poética ; além de participar de 16 antologias de contos, artes plásticas e poesia. Recebeu inúmeros prêmios e distinções, dentre eles, em concur-

so de âmbito nacional. Realiza trabalhos de artes plásticas, e exerce a crítica de arte e de literatura. Divorciada, tem três filhos.

CANTO DE RODA

as palavras fugiram
para brincar de roda
na tarde.

o mundo rola
à minha volta
seus princípios impossíveis.
o mormaço da cidade
dá vontade de morrer
e o setembro
absurdo de luz
é triste, triste.

eu fiquei cansada e só,
tendo muito o que fazer
mas trensnoitada de vida.
As palavras fugiram
e agora brincam
lá embaixo :

a iêda é linda,
é linda iêdinha,
estará na roda,
ficará sozinha.
ficará sozinha
ficará sozinha.

(Caminhos de mim, págs. 60, 61 ; 1964)

BALADA EM TEMPO VERDE

vou soltar os meus cabelos
vou sorrir os meus sorrisos
vou desnudar meus pezinhos

que a primavera está perto
vou cantar verdes cantigas
vou brincar com passarinhos
vou correr nas enxurradas
do meu setembro florido
que a primavera está perto

vou roubar nuvens noturnas
e estrelas matutinas
vou tecer minhas roupagens
com sonhos de folha e espuma
que a primavera está perto
vou voltar a ser menina
vou puxar os teus cabelos
e roubar doces da lua
vou brincar com as bonecas
dos milhos verdes de outubro

vou carregar nos meus braços
flamboyants amor vinho
vou compor os meus poemas
mais lindos mais escolhidos
que a primavera vem perto
vou gerar botões vermelhos
nos olhos do meu amado
vou perfumar os meus lábios
vou florir meu corpo todo
que a primavera vem perto

vou florir meu corpo todo
que a primavera vem perto
e quando chegar o outono
vou transformar-me num fruto

(Caminhos de mim, págs, 23 , 24 ; 1964)

NETUNO
(As Formigas Metrificadas)
Para Aidenor Aires

Não farei nos elefantes
ou nos largos cavalos assombrados :
meu canto se oculta, pequeno
caixa de música fechada
com os gatos agasalhados
e escorpiões anelados.
As formigas sangue-sugas
descarnam o rei das águas,
devoram tudo a caminho,
comem a carne vermelha
do verde da folha verde :
fica o esqueleto do peixe
esquálido peixe-espinho.

Não falarei de Saturno :
o combustível é exato,
viaja vôos tranqüilos
- meu canto é lugar noturno
de água, lodo, sereno
e se contenta com pouco
com Lua, Mercúrio e Vênus.
Trituram as barbatanas
nos alicerces das casas
e dois planetas soturnos
são duplamente cercados
por órbitas semoventes.
- Mas meu peixe flor-espinho
(um planeta transparente)
teve olhos, teve asas.

Não chorarei as grandes dores
nem terríveis amores :
estes são de calar e amargar.
- Vou cantando apenas a solidão

dos grandes incapazes de serem grandes,
a solidão dos de antes.

As formigas vão tecendo
versos soltos na ciranda,
na grande folha bordada
comem na folha a verdura
e sobra-lhe a envergadura
- resto de peixe esfolado.

(O Peixenauta, Editora Oriente, 1975)

POETAS
DA
CASA
DO
SILÊNCIO

E como levava uma existência
divina, Deus tomou para si.
E ninguém o viu mais.

("Diários" de Franz Kafka)

BENEDITO ODILON ROCHA é de Corumbá de Goiás, onde nasceu a 7 de abril de 1916. Advogado, poeta e jornalista. Figura nos *Contos e Novelas*, de Graciliano Ramos, 3° volume (Sul e Centro Oeste), na antologia *A poesia em Goiás*, de Gilberto Mendonça Teles ; e ainda na *Colheita* (A Voz dos Inéditos), antologia dos poetas bissextos, de Gabriel Nascente. Membro da Academia Goiana de Letras. Publicou *50 Anos de poesia*, 1988. Faleceu, em Goiânia, a 2 de julho de 1990.

O MONJOLO

Na noite calada de um ermo sertão
soluça o monjolo
E.. in.. pangão. E... in...pangão.

Nas matas cortaram o tronco do ipê
que deu calabouço e sobrou pro pilão.
Suspenso na virgem, a água jorrando
soluça o monjolo
E.. in.. pangão. E... in...pangão.

Mãe preta sentada catando café
casquinhas voando da peneira ao chão
monjolo não pára, não cansa, não dorme
monjolo soluça
E.. in.. pangão. E... in...pangão.

Cabrochas de torso coando fubá
peneiras ligeiras girando na mão
monjolo trabalha, monjolo produz
monjolo soluça
E.. in.. pangão. E... in...pangão.

Cessada a labuta da faina diária
retorna o silêncio à velha mansão.
Só ele não pára, socando canjica
só ele, o monjolo.
E.. in.. pangão. E... in...pangão.

E gente que passa, de longe, na estrada
só pensa em caiporas e em assombração
enquanto ele vela, gemendo e socando
socando e gemendo
E.. in.. pangão. E... in...pangão.

(50 anos de poesia, pág. 19, 1988)

CARRO-DE-BOIS

Estrada larga, aberta na chapada
o sol a pino, grilos cricrilando
velho carro-de-bois lá vai rolando
ao passo lento e firme da boiada.

À orquestração de insetos do cerrado
dos campos e das matas do sertão
ele ajunta o seu canto, ora gaiteado
ora grave, em suavíssimo baixão.

Tronco anoso de bálsamo lhe deu
cabeçalho, cambotas e meiões.
O vinhático as chedas forneceu
e a braúna, as chavelhas e cocões.

Seu eixo é de garapa cantadeira
que uma gama de sons mavioso entoa
os chumaços são feitos de faveira
e untados com azeite de mamona.

Chapas de ferro às rodas dão firmeza
os cravos abrem sulcos pelo chão
os SS dão-lhe graça e, sob a mesa,
é costume prender-se um argolão.

Em arcos de cipó, sobre os fueiros
arma-se o toldo feito de ligais
onde se abrigam cargas e carreiros
nas noites frias e nos temporais.

Assim montado, lá se vai o carro,
os bois puxando firme na fieira.
Não teme a chuva, não receia o barro
sobe barrancos e transpõe ladeira.

Ele trouxe de longe as novidades
o sal, o arame, as chitas, o calçado,
levou daqui para todas as cidades
arroz, feijão, café, couros de gado.

Na fazenda, durante o ano inteiro
labutou com denodo e com empenho
conduzindo as colheitas ao celeiro
levando cana e lenha para o engenho.

Merece, pois, um hino esse valente
e anônimo veículo dos sertões
que os ermos desbravou, heroicamente
abrindo estradas para os caminhões.

(50 Anos de poesia, pág, 25, 26, 1988)

O RIO

Vou buscá-lo na fraga da montanha
onde ele nasce.
É um filete fino de água

puro, bonito
como se gema líquida jorrasse
de dentro do granito.

Vadio, saltitante sobre as pedras
lá vai ele descendo a escada enorme
que a natureza fez
de degrau em degrau
a irisar a rota percorrida
e dar frescor e vida
e plantas e animais
enquanto vai colhendo pelas margens
outros regatos
que lhe trazem mais força e valentia.

Ariete possante
arremessa-se agora'
violento, indomável
contra tudo e que pela estrada fora
queira impedir-lhe a formação do leito.
E bate, bate, bate,
bate até que fura
a argila, o macaxisto, a rocha dura
abrindo um rasgo estreito
por onde passa a espadanar espuma
em sucessivas catadupas.

Quando chega à campina ele se espraia
luxurioso pelo chão macio.
Já não é regato, agora é rio
e traz consigo areia
pra se enfeitar de praia.

Majestoso, imponente
sem queixas e sem mágoa
prossegue então a rotineira estrada
de adulto curso d'água

por entre matas, campos e cidades
distribuindo generosamente
a água, a força e a fertilidade.

Volto a vê-lo depois, lá bem em baixo
quase no ponto de lançar-se ao mar.
Que grandeza de rio !
Que soberbo aparato !
Porém, enorme, as águas poluídas
já não tem mais a limpidez e o porte esguio
de quando era resgato.

(50 Anos de poesia, págs., 31 e 32 ; 1988)

CIRO PALMERSTON MUNIZ é de Araguari, Minas Gerais, onde nasceu a 13 de agosto de 1944. Bacharel em Administração de Empresa, deixou os seguintes livros de poemas publicados: *Tempo maior*, Goiânia, 1963; *Construção do recado*, Goiânia, 1967; *Do elemento*, Goiânia, 1970; e *Chapéu*, São Paulo, 1978. Construtor e fundador da Pousada do Rio Quente, de Caldas Novas, e do Itanhangá Clube, de Goiânia. Faleceu em 15 de agosto de 1996.

CONSTRUÇÃO DO RECADO

Construir o recado
e levá-lo a termo.
Recordo chuvas.

Minha alma é seca.
Não cabe ilusão.

(Construção do recado, pág. 37, 1967)

DIMENSÕES

III

Ei, rapariga!
Quanto custa
seu amor?
O preço duma vida
ou uma doença venérea?
A vida é dura, não?
Mas não conte a mentira
triste de sua vida.
Sabe, rapariga,
gosto de ficar ao seu lado
fingindo que a amo.
Tenho nojo de você não.
Sabe, rapariga,
quando eu era menino,
uma puta como você
me tomou no colo e disse:
"Você vai ser um homão".
Não é engraçado?
Sabe, rapariga,
o dia já chega,
preciso ir embora.
(Chapéu, 1987)

ORIGEM

Minha origem
foi um ato sexual.
Fui durante tempos
um ventre redondo,
em minha mãe.
Minha origem
não é segredo.
É a origem de todo
animal, e é sublime,

e dá-me o encanto
de ter vivido
numa mulher.
Minha origem
foi gritada
e quando nasci
houve dor e prazer.

(Do elemento, pág. 11, 1970)

— / / —

CORA CORALINA é o nome literário de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas. É do século XIX, nasceu na cidade de Goiás. Sua obra se resume em *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*,–1965 ; *Confissões de Aninha*, 1985. Escolhida nacionalmente como a "Intelectual do Ano de 1983", recebeu o troféu "Juca Pato", numa promoção da UBE e jornal Folha de São Paulo. Faleceu em Goiânia a 10 de abril de 1985.

TODAS AS VIDAS
Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acocorada ao pé do borralho,
olhando pra o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, Pai-de-Santo...

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,

pedra de anil.
Sua crôa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Tripa de lenha.
Cozinha antiga.
Toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de cocô.
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim.
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada,
sem preconceitos,
de casca-grossa
de chinelinha
e filharada.

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
Enxêrto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos.

Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim :
Na minha vida
a vida mera das obscuras.

(Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, pág. 1 e 2 ; 1965)

O CÂNTICO DA TERRA

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende a tua casa.
Sou a telha da coberta de teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranqüila ao teu esforço.
Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe Universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste,
e o pão de tua casa.

E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranqüilo dormirás.

(Meu livro de cordel, pág. 27 ; 1976)

MINHA CIDADE

Goiás, minha cidade ...
Eu sou aquela amorosa
de tuas ruas estreitas,
curtas,
indecisas,
entrando,
saindo
uma das outras.
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
Eu sou a Aninha.

Eu sou aquela mulher
que ficou velha,
esquecida,
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
contando estórias ,
fazendo adivinhação,
Cantando teu passado.
Cantando teu futuro.

Eu vivo nas tuas Igrejas
e sobrados
e telhados

e paredes.
Eu sou aquele teu velho muro
verde de avencas
onde se debruça
um antigo jasmineiro,
cheiroso
na ruinha pobre e suja.

Eu sou estas casas
encostadas

cochichando umas com as outras.
Eu sou a ramada
dessas arvóres, sem nome e sem valia,
sem flores e sem frutos,
de que gostam
a gente cansada e os pássaros vadios.

Eu sou o caule
dessas trepadeiras sem classe,
nascida nas frinchas das pedras :
Bravias,
Renitentes.
Indomáveis.
Cortadas.
Maltratadas.
Pisadas.
E renascendo.

Eu sou a dureza desses morros,
revestidos,
enflorados,
lascados a machado,
lanhados, lacerados.
Queimados pelo fogo.
Pastados.
Calcinados
e renascidos.

Minha vida,
meus sentidos,
minha estética
todas as vibrações
de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes.

Eu sou a menina feia
da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.

(Poemas dos becos de Goiás e estórias mais. págs. 3 e 4, 1965)

ÉRICO CURADO é de Pirenópolis, mas registrado como filho de Corumbá de Goiás, 1880. Teve sua infância numa fazenda de Pirenópolis, ao lado de seu avô Bernardo Souza Fleury. Autodidata, fez exame na Escola Militar do Rio de Janeiro, e foi aprovado. Porém, desistiu de seguir a carreira das armas para se tornar comerciante. Seu primeiro livro *Iluminuras* é de 1913 ; o segundo - *POESIA/I Cavaleiros da lua, II-Rimas em lá menor* - é de 1956. Faleceu em Goiânia em 1961. É patrono da Cadeira número 11 da Academia Goiana de Letras e pai do escritor Bernardo Élis.

PAISAGENS GOIANAS
Ao dr. Xavier Júnior

I

Doura o Sol a esmeralda das campinas...
Vargens de anil, capões, buritizais,
Tudo, aos beijos das auras matinais,
Afla e sussurra em trêmulas surdinas !

Aqui e ali, manadas de animais,
Subindo pela encosta das colinas,
Vão pastando ; e distante, entre neblinas,
Correm, fugindo, as emas aos casais ...

Reina e pesa em silêncio soberano !
Longe, na fita do caminho extenso
Que além se perde, a caravana passa.

Mas, súbito, um boi preto, boi de raça,
Move no ar a cabeça - e um berro imenso
Trôa e ribomba pelo verde oceano.

(Poesia — I - Cavaleiros da lua II - Rimas de lá menor, pág, 35 ; 1956)

II

No seio da floresta, abre-se agora
A roça, como um lago de verdura,
Que, ondulado, fulgindo ao sol , murmura
Pela encosta, descendo vale em fora...

Aqui frondeja a cana, além fulgura,
Inda a brilhar ao rosicler da aurora,
O milharal espesso, que se enflora
Ao vento, sussurrando na espessura.

Papagaios, araras, perequitos,
Um mundo de aves salta e voluteia.
- Tagarelas, chalrando em revoadas ...

E aos golpes das enxadas, entre os gritos
Das cauãs, sobe, iluminada e cheia,
A selvagem canção dos camaradas.

(Poesia — I - Cavaleiros da lua II - Rimas de lá menor, pág, 35 ; 1956)

FRANCISCO AYRES é de Portugal, onde nasceu na Freguesia de São Julião, Conselho de Chaves, a 5 de setembro de 1903. Chegou ao Brasil em 1910 e doutorou-se em Medicina pela Universidade Nacional do Rio de Janeiro. Deixou várias obras publicadas, dentre elas o romance *Terra vermelha* e *Poemas da vida e do sonho*. Professor da Universidade Federal de Goiás e membro da Academia Goiana de Letras. Morreu em setembro de 1996.

MORTA

Eu vira-a tanta vez, mas jamais a esquecera,
na beleza imortal dos seus dias passados.
Vira-a, louco de amor, desse amor que morrera
e senti todo o amor dos seus lábios rosados.
Inda há pouco sentia esse amor que morrera,
louco amor que fugiu nos seus beijos alados.
E vê-la nesse leito, sonhar que a perdera,
e a sua luz a morrer sob os olhos magoados!
Já morta e a sorrir, sua face marmórea,
num êxtase mortal, inda resplandecia
do seu leito de dor como um trono de glória!
Amou-te, ó morte, a rir, com volutuosidade,
e só porque te amou no estertor da agonia
oh, ela viverá na tua eternidade!

(Folhas soltas, págs. 23 e 24, 1952)

HUMILDADE

Ó tu que vens de outro pó não escondas,
em tuas formas materiais, sem par,
essa origem banal, que vem das rondas,

que o mundo inteiro levam a marchar!
E às tuas formas, imortais, redondas,
não negue o orgulho origem tão vulgar,
porque eu bem sinto o murmurar das ondas,
no teu corpo, em volúpia, a espadanar!
Ama e perdoa, quer sofrendo embora,
vencendo a vida terás sem cessar,
assim fazendo, a ventura, senhora,
De não sofrer e muito perdoar:
sempre no rir ter o riso da aurora,
sempre na dor a ventura de amar!

(Folhas soltas, págs. 17 e 18, 1952)

JOÃO BATISTA GONÇALVES ACCIOLI MARTINS SOARES (João Accioli) é goiano de Piracanjuba, onde nasceu em 1° de outubro de 1912. *Olho d'água*, seu primeiro livro de poemas, é de 1937. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1938. O romance *Barro preto* é de 1941. Publicou também *Canção da manhã* (poesia) e *Poemas alemães*. Primeiro e único goiano a ocupar a presidência da União Brasileira de Escritores de São Paulo. Morreu no dia 1° de maio de 1990. Era membro da Academia Goiana de Letras, cadeira 19.

OLHO D'ÁGUA

A ponta do diamante perfurou
o ventre da pedreira incrustada na serra.

E um olho d'água brotou
das paredes fundas da terra.

Salta um filete. O veio esguicha e cresce. Escorre
deslizando morro abaixo.

A pouco e pouco as águas se avolumam
e a toada macia das mesmas sobre o leito
parece uma ária pianíssima de Schumann.

O olho d'água transformou-se em riacho.

Mas de repente, o riacho e os ribeirões vizinhos
pararam de correr.
Folhas caídas perdem-se nas grotas
num desatino doido de morrer ...

Ante a inclemência do verão
todas as águas se intimidam :
o olho d'água perdeu-se terra adento
infiltrando-se no chão !

Os olhos dágua também se suicidam...

(*Olho d'água, pág. 5 e 6 , 1937)*

OS RIOS, OS PEIXES

Aqui o rio onde brinquei menino.
Ontem as águas claras
mostravam peixes transando no fundo entre pedras.
Agora, recobertas de uma espuma corrupta,

exibem a morte : peixes boiando
como os corpos insepultos num campo de guerra.
A cobiça, o desamor, o progresso com os defensivos e desfolhantes.
carregam para o leito os resíduos dos enxurros.

Destas águas não beberei mais,
para, sobrevivo, contemplar ainda
o inocente cavalo que ali jaz entre urubus,
dentes à mostra e olhos terríveis
escancarados aos céus.

Não os grandes rios, o São Francisco, o Paraná, o Araguaia, mas a
cantiga dos ribeirões e córregos pequenos de águas azuladas
que refrescam os vegetais em torno
e acordam pássaros nas manhãs alegres !

Estes não haverá mais.

(O tempo repetido, pág. 117 ; 1984)

VILA BOA

Houve quem duvidasse da existência da terra...
Mas num barulho doido a Bandeira partiu.
Os retinidos de espadas ensurdeceram os bichos maus nas bocas.

Os homens vermelhos temeram a gente branca de
Piratininga.
E num barulho doido a Bandeira rompeu.

As frechas não rompem as couraças dos filhos do metal.
A própria natureza não resiste a fúria da gente
de Bartholomeu.
E a Bandeira passou.

As chuvas lavaram os rastos esquecidos para trás.
A fauna impaca frente ao bandeirante moribundo
largado no caminho.
As enchentes baixaram sob o hipnotismo do olhar feroz
dos novos gerifaltes.
E a Bandeira rompeu...

O Índio viu um pedaço de rio transformar-se em fogo :
Anhanguera ! Anhanguera !

Há estrépidos de arcos partindo-se no chão.
Há retinidos de ouro e pedrarias.

E vomitando astúcia pela boca
e vomitando fogo pelas mãos,
o Diabo-Velho passou e, num barulho doido,
a Bandeira seguiu !
O Índio viu Anhanguera voltar
O Índio viu
o ouro da terra partir. O índio viu ...
O ouro e o índio viram outro Anhanguera chegar ...

E num barulho doido,
filha do fogo e do ouro
- Vila Bôa surgiu !

(Olha d'água, pág 7 e 8 ; 1937)

— / / —

JOAQUIM MACHADO DE ARAÚJO FILHO é de Luziânia, Goiás, onde nasceu a 24 de novembro de 1929. Advogado e ex-procurador do INPS, em Goiânia. Publicou dois livros: *A construção da semente*, 1977 ; e *O pássaro que inventou a solidão* — Prêmio da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, 1981. Morreu em Goiânia a 28 de março de 1992.

CONSTRUÇÃO DA SEMENTE

A tristeza madrugou em mim
como um pássaro pousado
nas grimpas da manhã.
Alongou-se o gosto da sombra
e se fez noite
na imensa colheita dos teus cabelos
Já não procura as mãos molhadas
molhadas de incerteza
nem os olhos de bruma
que o tempo petrificou
no desalento da despedida
Busco o começo
a paz perdida
Na construção da semente.

(A construção da semente, pág, 15 ; 1977)

GUERRA ATÔMICA

A paz envelheceu
na boca dos homens
E o clarão
apocalíptico do medo
rói da face da humanidade.

(O pássaro que inventou a solidão, pág. 51 ; 1981)

O PITO

Picar o fumo
espicaçar a tristeza
E por um momento
ter o alento
de parar no tempo.

(O pássaro que inventou a solidão, pág. 77 ; 1993)

—//—

JORGE FELIX DE SOUSA nasceu na cidade de Goiás, a 15 de janeiro de 1908. Engenheiro Arquiteto pela Universidade do Rio de Janeiro. Professor, durante 30 anos, na Escola Técnica Federal de Goiás. Agraciado, em 1956, pelo Papa Pio XII, com a Comenda da Ordem de S. Silvestre, por serviços prestados à Igreja. Morreu em Goiânia no ano de 1983, deixando inéditos os livros *Na terra dos homens insensatos* e *Em busca do amor eterno*, ambos de poesia. O livro *Vozes do céu e da terra* foi publicado postumamente, em 1995, pela Escola Técnica Federal de Goiás.

AUTO-RETRATO

Sertanejo, torto e mal acabado,
Figura sem prumo, deselegante,
Eu descubro em mim a cada instante
O tabaréu bronco e desengonçado.

A fala arrastada e titubeante,
Andar em zig-zag, desconfiado,
A barba por fazer e o ar cansado
Dos capiáus do meu sertão distante.

Filho legítimo dos sertões sem fins,
Trago na minha alma, estereotipada,
A selvagem região do Tocantins.

No olhar triste a eterna saudade
Que lembra a fisionomia amargurada
De um vaqueiro perdido na cidade.

(Vozes do céu e da terra, pág. 19, 1995)

—//—

JOSÉ DÉCIO FILHO é de Posse, no Leste goiano, onde nasceu a 8 de janeiro de 1918 . Seu único livro *Poemas e elegias* saiu em 1953 pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos. Foi redator da revista OESTE e colaborador de diversos jornais da capital. Morreu em 4 de junho de 1976. *Poemas e elegias* reapareceu em 1979, em edição póstuma e ampliada.

GOIÁS

Goiás... que nome largo, longe !
Se o pronuncio da janela
para a noite infinita,
o vento toma-o da minha boca
e o leva aos confins da serra azul.
Lamento, suspiro, convite,
dor gostosa que arrepia os cabelos.

Goiás é nome - calor, tão materno
qual sombra de mangueira.
Balanço de rede de buriti
no rancho de palha.
Brisa dos canaviais,
cantiga de roda em noite de lua,
aboio de vaqueiro nos gerais,
trovão longínquo e percutindo
na minha nostalgia.

E é muito Brasil,
assim novo e antigo,
primitivo, alegre e triste,
com suas tolices enxutas, ágeis,
lirismo fundo e manso,
admiração irônica, engraçada,
amor calado, espinhoso,
ternura desajeitada e fremente.

(Poemas e elegias, pág 4 ; 2° edição ampliada, 1979)

ELEGIA FEITA NO CÁRCERE

Eu conheci a noite
no segredo de todos os meus tormentos.
Vi também as auroras
vestidas de orvalhos.
Os animais - antes meus irmãos,
me contaram os mistérios
de minha mãe, a terra.
Os peixes estão dormindo
nos seio escuro das águas.
Os pássaros estão cantando
para acalentar minha tristeza
que é o peso do mundo.

Do seio profundo do sol
busquei para meus olhos
essa luz inextingüível.

Fruí teus beijos
e de tantas outras,
que nem sei quem o amor
há de me trazer
para o meu eterno consolo.

Não estou cansado,
mas os homens que tanto amei
me algemaram à solidão.
Vou encontrar a mim mesmo
no fundo da minha origem.
Lúcido, sereno e humilde,
eu voltarei um dia

(Poemas e elegias, pág. 19 ; 2º edição ampliada, 1979)

INEXPLICAVELMENTE

Eu não precisava de luares
porque eles fazem sonhar perdidamente,
e eu já tenho a cabeça
pesada de sonhos.

Não precisava do teu indeciso amor,
porque o meu amor é imenso e vário,
transbordante e humilde.

Não precisava da ternura
que esperei dos teus lábios,
porque uma voz mais legítima,
voz que se perdeu nas distâncias,
já derramou nos meus ouvidos
rios de consolo e de afeto.

Alegrias, torturas, aflição,
mágoa violenta e crispante,
solidão, desdém, insultos,
noites e manhãs virginais,
caminhos de sombra e de luz,
música, paisagens e ruídos,
esperanças que não mais se esgotarão.
De nada disso eu precisava,
pois tenho tudo dentro de mim
como dádiva do mundo
e herança de outras vidas.

Mesmo assim, porém,
tudo isso procuro ansioso
para me afligir ainda mais,
para ver se transbordo de uma vez !

(Poemas e elegias, pág. 42 ; 2° edição ampliada, 1979)

JOSÉ PEIXOTO DA SILVEIRA (Peixoto da Silveira) é mineiro de Cristais, onde nasceu em 6 de maio de 1913. Foi médico e político. Membro da Academia Goiana de Letras, deixou várias obras publicadas, dentre elas *Versos que a gente faz, Calendário de uma idéia, Pela saudade do povo, Augusto Rios - Poeta, Versos esquecidos e vários inéditos*. Morreu em 16 de janeiro de 1987.

A PALMEIRA

E vegetou. Cresceu... Subiu! Ora se espalma
Em pleno azul do céu, num farfalhar moroso!
— Assim também, meu Deus, eu trago um doloroso
Desejo que me punge e que me desencalma!

... Ânsia de me elevar, de possuir só alma
Para ascender, galgar o espaço luminoso,
Sem ver, jamais, da terra o pântano musgoso!
— Ah! Fosse apenas alma e voar, etérea e calma!...

Mas, numa hora fatal, virá um furacão
Que a alterosa palmeira esguia não suporte;
— Um dia há de cair ao chão por ter crescido!

— E, após toda a subida, ao termo da ascenção,
Hei de rolar, também, na síncope da morte:
— Morreria feliz, depois de ter vivido!...

(Versos esquecidos e vários inéditos, pág. 25, 1980)

MAS O MENINO...

Aquelas casas, as mesmas...
As mesmas ruas, lembrando
um presépio que ficasse
ano inteiro sempre igual...

Ao longe, o mesmo horizonte
moldurando o azul da serra,
onde a vista terminava
e começava a fronteira
de seu mundo nascituro.

E no alto, as mesmas estrelas
que fascinaram a infância
nas angústias e nos êxtases
do menino que trazia
um mundo no coração.

Mas o menino... que é dele?

(Versos esquecidos e vários inéditos, pág. 130, 1980)

NUNES BETTENCOURT (Antonio Vilela Nunes Bettencourt), é natural de Varginha, Sul de Minas, onde nasceu a 11 de maio de 1906. Fundou, em Goiânia, a Arcádia Goiana de Letras. Sonetista, deixou três livros de poemas publicados: *Rimas antigas,* 1972, com prefácio de J.G. de Araújo Jorge; *Celeiro de ilusões,* 1974 e *Imagens e miragens,* 1988. Morreu em Goiânia a 4 de agosto de 1996. O romance *Jurupiara* será publicado postumamente.

EXORTAÇÃO

Ergue-te sempre a cada passo, exulta,
E se ao tombar tu te ferires, canta.
Com desassombro o teu fracasso insulta,
sem desespero o pranto teu espanta.

Quando n'alma tiveres mágoa tanta
que a marca da desgraça mais avulta,
o coração aos píncaros levanta
e sob os pés as lágrimas sepulta.

Caminha e busca a estrela mais distante,
faze-a mais perto sem temer o espaço,
nem que a toques de joelhos rastejante.

Ergue-te a cada queda e busca vê-la:
encontrarás mais luz a cada passo,
serás um pouco dessa mesma estrela.

PEDRO CELESTINO DA SILVA FILHO (Celestino Filho) é de Corumbaíba, Goiás, onde nasceu a 27 de outubro de 1915. Publicou, dentre outras obras, *Ligeiros dados históricos de Morrinhos*, 1941; Rabiscos, poesias; Motivos sertanejos, poesias, 1974; Vivendo, discursos, artigos e crônicas; e Da jabela do trem, poesias, 1992. Foi político, jornalista e advogado. Morreu em 8 de agosto de 1996.

A LAVADEIRA

"Pequena lavadeira
O que lavas

No rio pedregoso e revolto do Chile
em tarde tão fria e tão sozinha?

Cobrindo as moitas do regato à beira,
Branquejam manchas ao calor do dia,
E completa o painel da ribanceira
Uma tênue fumaça fugidia.

Ao barulho sonoro da ribeira,
Batendo a roupa, baixo, principia,
Em trêmula cantiga, a lavadeira
A chorar sua existência de agonia.

E a voz cansada, relembrando as mágoas,
Reconta sofrimentos, desventuras,
Ao manso e frio perpassar das águas...

Ouve a água a história pálida, sem brilhos,
E segue indiferente às amarguras
Da mãe que mata a fome de seis filhos.

(Da janela do trem, pág. 19, 1992).

SERIEMA X JARARACA

"Habitante típico do cerrado, a seriema é uma ave que se alimenta de cobras, insetos e lagartos".

Na sombra da Sucupira,
a jararaca do campo
trava luta com a Seriema:
a cobra desfecha um bote
e a ave dá-lhe um golpe de asa,

e, com seu enorme bico,
prende a bicha estonteada,

torcendo e retorcendo, danada.
Para dar cabo da luta,
sai a ave em disparada,
Vencendo, longe, a disputa.

(Da janela do trem, pág. 36, 1992).

O ABOIO

Geme o jaó na tiguera
Ou dos soitos na clareia,
E responde da tapera
Sua ingênua companheira.
A tarde tudo tempera
De tristeza e de ternura...

A paz se espraia e perdura,
E, apagando a voz do arrio,
Dilui-se na mata escura
O eco plangente do aboio.

(Da janela do trem, pág. 39, 1992)

— / / —

PIO VARGAS nasceu em Iporá e faleceu em 1991, aos 26 anos. Apesar do seu desaparecimento precoce, publicou em vida dois livros de poesia : *Janelas do espontâneo* e *Anatomia do gesto* (Prêmio Bolsa de Publicação José Décio Filho) 1988. E postumamente, *Os novelos de ócio* (Prêmio Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos — 1990 — também de poesia, lançado alguns meses após sua morte.

ODE ANALGÉSICA

I

a pátria é o embaixo das roupas.

é lá que dói e se desfazem
as linhas mínimas do ventre
o lacre avesso do silêncio
e o destino de solo intêmpere.

é lá o magazine de medos
onde quem sabe há calado
na caricatura de seus becos
ou no domicílio de seus fados.

II

eu não sei o que floresce
no abandono das pedras
e não me ocorre saber
que objetos compõem
as neuronias vitrines
da dor e suas glebas.

há mais de sabor
em não saber
e mais de ardor
em não urdir
o que vai pelas covas
do promontório,
o que fica de espanto
nesse alento provisório.
não me ocorre o que fenece
nestes dias rotundos.
o possível deus que me parece
é outro — a réplica do fundo.

ao milagre de ser vário,
o abismo : albergue estacionário.

SUCESSÃO

Depois que eu voltar
de dentro das molduras
apago os meus retratos
invento outras figuras

convoco os meus fantasmas
convido mil demônios
e dou posse a todos eles
no governo dos neurônios.

— / / —

PRIMO NEVES DA MOTA VIEIRA (Monsenhor Primo) é de Romaria, Minas Gerais, onde nasceu a 11 de junho de 1918. Formado em Filosofia e Teologia. Capelão, professor universitário-religioso e ex-vigário da paróquia de Nossa Senhora das Graças de Goiânia. Membro da Academia Goiana de Letras, deixou uma extensa obra, poesia, crônicas, estudos e hai-kais. Morreu na cidade de Santos em 22 de julho de 1994.

MILAGRE DOS GRÃOS

Por fria manhã de inverno,
como a cumprir um dever,
Santo Isidoro ia levando
o trigo para moer,
quando avistou pela frente,
tão pobres, tão coitadinhos,
na angústia de extrema fome
uns bandos de passarinhos.
Vendo-os, então, logo o santo,
no mais fraterno carinho

- é o que a legenda descreve,
afasta com a aba do manto
o largo manto de neve
que amortalhava o caminho,
e sobre o chão descoberto,
para as aves inocentes,
deita com mãos generosas,
toda a porção de sementes...

Para a moagem dos grãos,
segue, de alforje vazio,
vazias levando as mãos.
Estranha farinha a neve
vai-lhe tombando a paisagem,
vai-lhe tombando de leve
e toda a estrada lhe junca...

e, oh! que portento, esse dia,
quando voltou da moagem,
o saco que, então trazia,
vinha mais cheio que nunca!

(Vitrais, págs. 22 e 23, 1963)

VIOLETA METRAN é de Morrinhos, Goiás. Formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás e em Biblioteconomia e Arquivo pelo Ceteb, Brasília. Publicou em 1981 o seu primeiro livro de poemas *Sempre setembro*; e *Liége*, fruto de suas andanças pelas velhas cidades da Europa. Figura em diversas antologias. Morreu na cidade do Rio de Janeiro, em 30 de janeiro de 1996.

POEMA I

Os cavalos com suas patas de prata
deslizam o abismo da incerteza.
Águas submersas, emergindo
submergindo, emergindo, submergindo
desnundam as tulipas de sangue.
Não é abril nem maio
mais um profundo mês de agosto.

POEMA I

E a rosa disse ao pássaro :
Porque me queres como eternidade,
se vivo apenas um momento !

(Sempre setembro, pág. 17 ; 1981)

POEMA V

Joguei o azul no céu
o verde na mata
o branco no espaço
o negro na noite
a rosa na rosa.
Mas onde guardarei as ilusões ?

(Sempre setembro, pág 25 ; 1981)

WENDEL SANTOS é mineiro de Uberaba, onde nasceu em 1944. foi doutor em Literatura Brasileira pela Univesidade de São Paulo, e professor dos cursos de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás. Obras publicadas: *Tânatos*, romance; 1969; *Eurupção*, poesia, 1971; *Crítica sistemática* (Ensaios de Crítica de Literatura), 1977; *Os três reais da ficção*, ensaios, Ed. Vozes, RJ., 1978; *Crítica/Uma ciência da Literatura*, ensaios, 1983. Morreu em 1982.

FRAGMENTOS I

eu sou
        um cálice incômodo
        conteúdo nocivo
gotejando interrogações
                irrespondíveis

atirando nas tranquilas vidraças
do mundo
        meus farrapos de vivência

        meus farrapos de vivência
molhados molhados molhados molhados molhados
e frios
        da incerteza

FRAGMENTOS II

eu descobri a machucadura interna
do Universo

na extremidade

convexa
do infinito
a dor se essencializa

a dor feita de puro doer
a dor feita de puro doer
a dor feita de puro doer

último degrau na escala da escada que caminha
o ser

o viver é um existir na superfície do objeto até
que se veja a machucadura interna do Universo

a angústia cósmica
no espaço vazio
do ponto final

quem vê a machucadura do Universo não é mais o
mesmo quem vê a machucadura do Universo tem de se agrupar

um pequeno grupo de marcados
na multidão

um pequeno grupo de marcados
que se reúne

entrevista marcada na extremidade convexa do
infinito
uma verdade instaurada

uma verdade instaurada

uma verdade instaurada

(Eurupção, págs. 7, 76, 77, 78, 1971)

OBRAS DO AUTOR

Os gatos. Ed. Cerne: Goiânia, 1966.

Reflexões do conflito. Ed. Oriente: Goiânia, 1970.

Menino de rua. Imprenssa da UFG: Goiânia, 1970.

Viola do povo. Ed. Oriente: Goiânia, 1972.

Colméia de anônimos. Livraria Martins, Editora: São Paulo, 1973.

Um balde cheio de flores para Manuela não chorar. Ed. Oriente: Goiânia, 1974.

Os passageiros. Ed. Cultura Goiana: Goiânia, 1975.

Menestrel de rua. Ed. Oriente: Goiânia, 1976.

Exilados do sol. Ed. Goiás: Goiânia, 1977.

A nova poesia em Goiás (Antologia dos poetas goianos). Ed. Oriente: Goiânia, 1978.

Colheita (A voz dos inéditos). Inigraf: Goiânia, 1979.

Pastoral. Ed. Oriente: Goiânia, 1980.

Águas da meia ponte. Ed. Civilização/Brasileira/Massao Ohno: Rio de Janeiro, 1981.

Chão de espera. 2ª edição. Ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1984.

Crônica da manhã. Ed. da Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 1985.

Madrugada nos muros. Ed. Líder: Goiânia, 1987.

Janelas da insônia. Ed. O Popular: Goiânia, 1988.

Trono de areia. 2ª edição. Ed. Líder: Goiânia, 1989.

A valsa dos ratos. Poemas enfeixados no livreto distribuído em campanha eleitoral. Tiragem 10 mil exemplares. Ed. Luzes: Goiânia, 1992.

A ponta do punhal. Gráfica Cerne: Goiânia, 1993.

Ventania. Fundação Cultural Pedro Ludovico, Gráfica Cerne: Goiânia, 1995.

Sandálias de pedra. Incursão poética ao Minimalismo. Editora Kelps:

Goiânia, 1996.

A lira da lida. Poesia. Prêmio Nacional "Cruz e Sousa de Literatura", Florianópolis, 1996.

OUTROS

Um dia antes de mim (novela). Ed. Da Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 1986.

Sentinelas do efêmero (entrevistas literárias). Ediouro S.A, Rio de Janeiro, 1992.

SOBRE O AUTOR (livros e revistas)

A Poesia Goiana no Século XX (Antologia), organização, introdução e notas de Assis Brasil, volume IV da Coleção Poesia Brasileira, Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira/Imago, Rio de Janeiro, 1997. Págs. 242 a 246.

Poesia Sempre. Revista semestral de poesia, ano 3, número 5. Fundação Biblioteca Nacional/Departamento Nacional do Livro, fevereiro de 1995.
Rio de Janeiro. Págs. 171 a 174.

Antologia da nova poesia brasileira.
Organização, seleção, notas e apresentação de Olga Savary.
Fundação Rio/RIO ARTE. Editora Hipocampo: Rio de Janeiro, 1992.
Pág. 115.

Sincretismo - A poesia da Geração 60 (antologia). Introdução e organização de Pedro Lyra. Fundação Cultural de Fortaleza/Fundação RIO/ ARTE. Editora Topbooks: Rio de Janeiro 1995. Págs. 407 a 416.

O livro de ouro da literatura brasileira (400 anos de história literária), Assis Brasil. Editora Tecnoprint S/A/Grupo Ediouro: Rio de Janeiro, 1980. Pág. 223.

Curso de madureza atual (volume de Português), Amílcar Monteiro Varanda. Livraria Martins Editora: São Paulo, 1971. Pág. 487.
I Concurso Nacional de Poesias Vinicius de Moraes (antologia). Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1984. Págs. 62 a 64.
Lauréis (antologia), volume IV, João Scortecci Editora: São Paulo, 1989. Págs. 34 a 35.
Poesia & crítica (antologia de textos críticos sobre a poesia de G.M.T.), Dulce Maria Viana. Secretaria de Estado da Cultura: Goiânia, 1988. Pág. 36.

Amigos seletos (antologia poética), Yêda Schamltz. Edições Consorciadas/UBE-Goiás: Goiânia, 1991. Pág. 54.
Goiânia, flor e poesia (antologia poética), organização de Vera Lúcia Gomes de Oliveira. Núcleo de Patrimônio Histórico e Artístico, Secretaria Municipal de Cultura: Goiânia, 1993. Págs. 52 a 54.
Diálogo poético, Luiz Contart. Ed. Líder: Goiânia, 1995. Págs. 33 a 37.
Estudos literários de autores goianos, Mário Ribeiro Martins. Editora FICA: Anápolis, 1995. Págs. 635 a 639.
Análises e conclusões, Nelly Alves de Almeida, volume I. Editora da Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 1985. Págs. 147 a 158.
Rastro literário, Coelho Vaz. Ed. Kelps: Goiânia, 1991. Págs. 45 a 46.
Literatura contemporânea em Goiás, Brasigóis Felício. Ed. Oriente: Goiânia, 1975. Págs. 97 a 101.
Súmula da literatura goiana, Augusto Goyano e Álvaro Catelan. Livraria Brasil Central Editora: Goiânia, 1970. Págs. 265 a 266.

Pequena história da literatura goiana (1799-1985) - para a infância e a juventude, Alaor Barbosa. Gráfica O Popular: Goiânia, 1984. Págs. 98 a 99.
Gente & literatura, José Mendonça Teles. Editora da UCG: Goiânia, 1983. Págs. 89 a 94.

Revista da Academia Brasiliense de Letras. Nº IX, Brasília, 1989. Pág. 247.

Revista Hispano-Americana (Del Brasil para toda a América) - Informativa-literária-diplomática-indústria e comércio Hispano Americano. Ano XX, III Época. Nº 15, Janeiro-fevereiro de 1972. Pág. 37.

Escrita (revista mensal de literatura). Ano I, nº 10, São Paulo, 1976. Pág. 15

Presença literária. Ano I, nº 4, Abril/maio/junho, João Pessoa, PB, 1984. Pág. 28.

Inéditos, julho-agosto. Editora Inéditos Ltda: Belo Horizonte. Págs. 3 e 49. Brasília. Ano VIII (revista de circulação nacional). Brasília, 1985. Pág. 17.

Mostra visual de poesia brasileira. Ano II, nº 12, novembro de 1984. Campos, RJ.

Revista da UBE-Goiás, nº 2. Ed. Kelps: Goiânia, 1992. Pág. 21.

Os navegantes (Goiás, dez anos de poesia), Brasigóis Felício. Ed. Oriente: Goiânia, 1977. Págs. 48 a 55 e 105 a 107.

Poema. Na contra-capa de mais de meio milhão de talonários de cheques do BEG - Banco do Estado de Goiás S.A. Goiânia, 1995.

OUTRAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A escalada poética de Gabriel Nascente. Seleção de estudos sobre a poesia de Gabriel Nascente, organizada pelo Prof. Manuel de Jesus Oliveira. Ed. Oriente: Goiânia, 1972.

El Llanto de La Tierra. Seleção de poemas traduzidos para o castelhano pelo também poeta Dilermando Rocha, do Centro de Estudos Brasileiros de Buenos Aires. 1976.

Este livro pertence ao Jornal de Poesia.
Emprestado à Biblioteca Cururu, para sua leitura e divulgação. Escreve para o autor e o JP: Soares Feitosa, Rua Canuto de Aguiar, 1055 / 600 - 60120-160 - Fortaleza, CE
soaresfeitosa@uol.com.br
www.jornaldepoesia.jor.br

Gabriel não reuniu uma procissão de nefelibatas, mas a expressão da alma de um povo, o ponto mais alto da aventura da inteligência e da sensibilidade na solidão dos cerrados, talvez a única parte de Goiás que se universaliza e que vinga a precária glória dos currais.

O autor contribui com esta antologia para uma melhor compreensão de nossa gente, de nosso tempo, permitindo que se lance um olhar diacrônico sobre a produção poética de Goiás, belo gesto de desnudamento da alma e da história do Estado.

Toda antologia carece de limitações. Nenhuma alcança a perfeição de todos os parâmetros. Esta também merecerá críticas mas, sobre possíveis enfermidades, hasteia-se a cura do esquecimento, a chama da lembrança, a comunhão de todas as vozes salmodiando a vida presente e anunciando, sobre os silêncios da morte, o testemunho inegável do amor, do compromisso e da vida.

Este é um belo trabalho e a cultura de Goiás já é digna dele. Aleluia!

Goiânia, 07 de março de 1997.

*Escultura em madeira do artista plástico ***LOURENÇO GOMES.***
Criação da capa: ***IDENTIDADE***

POESIA E O POVO

O rádio é o veículo de comunicação de massa que mais e melhor fala aos ouvidos, ao coração e à alma das pessoas simples, saudáveis e bonitas - essa imensa legião anônima, rica em sentimentos e solidária na convivência, que viaja nas suas ondas para o vasto território da imaginação infinita, na busca da alegria, do prazer e da felicidade, base de um sonho do país encantado, onde mora o amor universal e eterno. A rádio TERRA FM é a nave que leva a esse encanto poético os sonhadores leves, livres e lindos, porque a emoção nasce a todo momento no peito do povo e é aí que o poeta, e só o poeta, busca a inspiração para construir o poema que deve retornar ao povo em forma de livro, onde cada um - no silêncio do seu canto e na intimidade de sua alma - possa viajar no mundo fascinante das poesias inacabadas, até que o leitor se ponha um pouco na obra, amando-a e completando-a. Mas como o livro, no Brasil, é caro, a distribuição difícil e a edição modesta, abrimos um espaço para o ouvinte permanente da TERRA ganhar o melhor presente para a sua sensibilidade: esta obra, resultado da pesquisa metódica, obsessiva e qualificada do nosso Gabriel Nascente, um doido manso, produtivo, generoso, sublime e extraordinariamente viajante deste nosso mundo comum de insatisfeitos, insaciáveis, imprudentes e leiloeiros das nossas ilusões mundanas.

Vamos distribuir esta antologia poética aos nossos ouvintes da TERRA - pessoas boas, simples e amantes dos sons poéticos -, como os espíritas distribuem o pão, o leite, a sopa, o amor aos pobres da periferia de Goiânia, com muita dignidade, fé e esperança.

IBERÊ MONTEIRO
Diretor da Rádio Terra FM

Apoio Cultural:

TERRA 104 FM GOIÂNIA